



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCG
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES – CFP
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS

Francisco Paulo Bezerra Silva

Morfossintaxe do período simples: perspectiva com alunos do oitavo ano

Cajazeiras – PB
2017

FRANCISCO PAULO BEZERRA SILVA

Morfossintaxe do período simples: perspectiva com alunos do oitavo ano

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Profissional em Letras, PROFLETRAS, da Universidade Federal de Campina Grande / UFCG, Campus de Cajazeiras, como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Onireves Monteiro de Castro.

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Josivan Coêlho dos Santos Vasconcelos - Bibliotecário CRB/15-764
Cajazeiras - Paraíba

S586c Silva, Francisco Paulo Bezerra.
Conhecimento morfossintático do período simples: perspectiva de trabalho com alunos do oitavo ano / Francisco Paulo Bezerra Silva. - Cajazeiras, 2017.
152f.: il.
Bibliografia.

Orientador: Prof. Dr. Onireves Monteiro de Castro.
Dissertação (Mestrado Profissional em Letras / PROFLETRAS)
UFCG/CFP, 2017.

1. Morfossintaxe. 2. Morfologia. 3. Sintaxe. 4. Ensino de língua portuguesa. I. Castro, Onireves Monteiro de. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU - 81'366/'367(043)

Francisco Paulo Bezerra Silva

Morfossintaxe do período simples: perspectiva com alunos do oitavo ano

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Profissional em Letras, PROFLETRAS, da Universidade Federal de Campina Grande / UFCG, Campus de Cajazeiras, como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Onireves Monteiro de Castro.

Aprovado em: 19 / 02 / 2018

Banca examinadora

Cajazeiras, 19 de fevereiro de 2018.

Prof. Dr. Onireves Monteiro de Castro – UFCG

Orientador

Prof. Dra. Maria Irisdene Batista Barreto - FAFIC

Examinadora - 1

Prof. Dra. Luíza de Marillac Ramos Soares - UFCG

Examinadora - 2

Prof. Dra. Cristina Novikoff - UFCG

Suplente

*Ainda que eu falasse línguas,
a dos homens e dos anjos,
se eu não tivesse o amor,
seria como como sino ruidoso
ou como címbalo estridente.
Ainda que tivesse o dom da profecia,
o conhecimento de todos os mistérios
e de toda a ciência;
ainda que eu tivesse toda a fé,
a ponto de transportar montanhas,
se não tivesse o amor,
eu não seria nada.
Ainda que eu distribuísse
todos os meus bens aos famintos,
ainda que entregasse
o meu corpo às chamas,
se não tivesse o amor,
nada disso me adiantaria.
O amor é paciente
o amor é prestativo
não é invejoso, não ostenta,
não se incha de orgulho.*

(1 Cor, 13: 1 – 4)

Agradecimentos

Depois dessa longa trajetória, chego ao fim de mais um ciclo da minha vida e tenho muito a agradecer a todos que tiveram um papel importante para a conclusão do presente trabalho. Desse modo, agradeço:

A Deus por me conceder a saúde, a força e o conforto de saber que Ele sempre estará me conduzindo pelos melhores caminhos e que devo confiar no que Ele me reserva.

Aos meus pais pelos esforços e sacrifícios para que eu pudesse me conduzir à cidade de Cajazeiras.

À minha família que sempre me deu o apoio necessário para seguir em frente nessa empreitada.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Onireves Monteiro de Castro, pelas suas valiosas contribuições e pela paciência que teve em aguardar a composição desse trabalho.

Aos meus amigos por sempre me incentivarem a seguir em frente, quando vinham as horas de desânimo.

À minha namorada pelas orações e incentivos.

Aos meus amigos de curso que tornaram as viagens para Cajazeiras divertidas e muito prazerosas.

A todos os professores por contribuírem de maneira significativa para o meu crescimento pessoal e profissional.

Aos funcionários da UFCG que sempre foram solícitos e gentis para com a minha pessoa.

Resumo

O estudo das categorias gramaticais e das relações existentes entre as palavras sempre constituiu grande parte das aulas de língua portuguesa nas escolas brasileiras. Por um lado, a morfologia como a parte da gramática que estuda o vocábulo. Por outro, a sintaxe como a análise das combinações das palavras na organização das frases, bem como na observação e classificação das funções exercidas por elas. Dois campos que se complementam, porém que geram muita dificuldade para o professor ministrá-los e para o aluno compreendê-los. Por esse motivo, tem-se a necessidade da união desses dois campos de modo a um contribuir para a compreensão do outro, formando o que é conhecido como morfossintaxe. Sabendo dessas dificuldades em se trabalhar com a morfologia e a sintaxe, esta obra veio com o intuito de oferecer um suporte que possa auxiliar professor e aluno na lida com esses assuntos. A presente dissertação tem como objetivo contribuir para as aulas de língua portuguesa, no tocante ao estudo da morfossintaxe do período simples no oitavo ano do ensino fundamental. Para a criação do referido trabalho, foram abordadas obras de autores consagrados, como AZEREDO (2000), CAMARA JR (2007), FERRAREZI JR (2012), FRANCHI (2006), TRAVAGLIA e outros a fim de criar um arcabouço teórico como base epistemológica. Para esse fim de ajudar no ensino da morfossintaxe, foi criado um manual de apoio que procura oferecer conceitos referentes à morfossintaxe e exercícios que contribuam para a construção desse conhecimento por parte do aluno. Para a composição desse manual, foram priorizados textos que fazem parte da realidade do aluno, como: tirinhas, piadas, poemas, notícias de famosos, visando tornar o trabalho com elementos gramaticais um estudo significativo.

Palavras-chave: Morfossintaxe. Morfologia. Sintaxe. Aulas de língua portuguesa.

Abstract

The study of grammatical categories and the relationships between words has always constituted a large part of Portuguese language classes in Brazilian schools. On the one hand, morphology as the part of the grammar that studies the word. On the other, the syntax as the analysis of the combinations of words in the organization of sentences, as well as in the observation and classification of the functions exercised by them. Two fields that complement each other, but that generate a lot of difficulty for the teacher to teach them and for the student to understand them. For this reason, it is necessary to unite these two fields in order to contribute to the understanding of the other, forming what is known as morphosyntax. Knowing these difficulties in working with morphology and syntax, this work came with the intention of offering a support that can help teacher and student in dealing with these subjects. The purpose of this dissertation is to contribute to the Portuguese language classes in the study of the morphosyntax of the simple period in the eighth year of elementary school. In order to create such a work, works by well-known authors such as AZEREDO (2000), CAMARA JR (2007), FERRAREZI JR (2012), FRANCHI (2006), TRAVAGLIA and others have been approached in order to create a theoretical framework as an epistemological basis . In order to help in the teaching of morphosyntax, a support manual was created that seeks to offer concepts related to morphosyntax and exercises that contribute to the construction of this knowledge by the student. For the composition of this manual, prioritized texts that are part of the student's reality, such as: comic strips, jokes, poems, celebrity news, aiming to make work with grammar elements a meaningful study.

Keywords: Morphosyntax. Morphology. Syntax. Portuguese language classes.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
1.1 METODOLOGIA.....	17
1.2 OBJETIVOS.....	19
1.2.1 Geral:.....	19
1.2.2 Específicos:	19
1.3.1 Gramática: Abordagens Diversas	21
1.3.2 A morfologia: Noções Gerais	27
1.3.3 Classe ou Função: Possibilidades de Atuação de um Termo em uma Sentença	32
1.3.4 A Sintaxe: A Construção dos Enunciados.....	35
2 ESTUDO GRAMATICAL NA ESCOLA	40
2.1 SINTAXE DO PERÍODO SIMPLES NO ENSINO FUNDAMENTAL II.....	45
2.2 SOBRE A ESCOLHA DO LIVRO DIDÁTICO.....	48
2.3 O LIVRO DIDÁTICO SELECIONADO.....	52
3 PROPOSTA DE INTERVENÇÃO: CRIAÇÃO DE MANUAL AUXILIAR DE APOIO AO TRABALHO COM LIVRO DIDÁTICO.....	57
3.1 DA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO	57
3.2 O MANUAL DE APOIO	63
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	147
REFERÊNCIAS	149

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho aborda a morfossintaxe do período simples, desenvolvendo uma proposta de intervenção que auxilie o professor na abordagem dos termos que compõem a oração. Trata-se da produção de um manual instrucional (auxiliar) de apoio para o uso com o livro didático do oitavo ano do ensino fundamental II. Esse material de apoio vai ajudar professor e aluno no tocante a conceitos e a exercícios sobre as classes gramaticais e termos da oração.

Para criação desse trabalho, adotaremos a análise morfossintática, pois compreendemos a necessidade da união da morfologia e da sintaxe para um melhor entendimento da estrutura da língua.

Para se ter uma visão mais ampla do estudo gramatical, é ideal que façamos a observação de vários aspectos gramaticais que possam ser úteis a uma melhor compreensão do que se refere ao ensino/aprendizagem da língua.

Historicamente, sabemos que os estudos linguísticos originaram-se da tradição gramatical hindu. Desde Panini (sec. VI a.c.), quando analisava o sânscrito, já se estudava a estrutura interna das palavras. De acordo com Marcuschi (2008, p. 26) “a linguística teve início há mais 2.500 anos, na Índia, com Panini”. Mas não se estudava para fins científicos e sim religiosos.

Mas Panini tinha intenções religiosas e não científicas ao realizar o seu trabalho. Aliás, as motivações religiosas e políticas sempre foram as que mais moveram os estudos linguísticos ao longo de toda a história até o século XX. Contudo, mesmo Chomsky reverencia a obra gigantesca do linguista indiano, que soube desenvolver uma análise morfossintática refinada na relação com a fonologia. (MARCUSCHI, 2008, p. 26)

Na Grécia e Roma antigas, também já eram observados aspectos linguísticos relativos à morfologia, através do estudo gramatical, abrangendo três campos: flexão, derivação e sintaxe.

Segundo Azeredo

A análise gramatical se desenvolveu no Ocidente, desde a antiguidade clássica grega até os fins do século passado, em função do conceito de vocábulo. As reflexões dos estudiosos gregos culminaram na obra dos gramáticos alexandrinos, aos quais devemos, entre outras coisas, a distribuição dos vocábulos em nada menos que oito classes: nome, verbo, pronome, artigo, particípio, advérbio, preposição e conjunção. (2000, p. 15)

Modernamente, a morfologia desenvolveu-se com o estruturalismo cujo principal representante foi o linguista norte-americano L. Bloomfield. Nesse modelo de estudo, privilegiou-se o estabelecimento de unidades irreduzíveis. Essas unidades também são conhecidas como morfemas, elementos que constitui o vocábulo.

De acordo com Luciano Amaral Oliveira

A concepção estruturalista da língua surgiu no início do século XX, resultado das reflexões do linguista suíço Ferdinand de Saussure e reforçada pelos trabalhos de diversos linguistas norte-americanos como Leonard Bloomfield, Charles Fries e, principalmente, Noam Chomsky. (2010, p.32)

No Brasil, Mattoso Camara Jr. (2007) contribuiu de maneira bastante significativa para a análise morfológica em Língua Portuguesa. Camara jr. (2007) buscou estudar a língua como um todo, observando a relação de seus constituintes e suas funções na definição da estrutura da língua. Ele propõe uma nova classificação dos vocábulos, baseado no que ele chama de critérios morfo-semântico e funcional. Veremos mais à frente a proposta de Mattoso em relação à classificação dos vocábulos.

Observando a relação das palavras e suas funções na estrutura da língua, a análise gramatical incorporou, da análise lógica, algumas definições que até hoje são usadas no estudo sintático: o sujeito e o predicado, conforme indica Azeredo:

Derivada que foi, porém, da análise lógica, a análise gramatical passou a chamar *sujeito* e *predicado* às partes fundamentais de qualquer construção centrada no verbo, fosse ou não proposição, e a dar-lhes as mesmas definições que recebiam dos lógicos: sujeito – ser sobre o qual se faz uma declaração; predicado – tudo aquilo que se declara do sujeito. (2000, p.16-17)

Tendo em vista a importância destes elementos constituintes e reconhecendo a necessidade de um maior conhecimento a respeito desses aspectos, vemos que é preciso um estudo profundo, visando a uma melhor aplicabilidade da análise da morfossintaxe em sala de aula. Para isso, iremos fazer um estudo da morfossintaxe do período simples, considerando a importância do conhecimento morfológico para a análise sintática. Pois, através da função da palavra dentro de um sintagma, podemos ter as ferramentas necessárias para a sua identificação.

Para termos uma definição mais precisa de uma classe de palavras e para observarmos o seu comportamento em determinada estrutura, temos em mente que

devemos examinar essa classe através de aspectos morfológicos e sintáticos. Pois na observação da morfologia, das suas possibilidades de flexões unidos aos aspectos funcionais de um sintagma e aliado ao significado, conseguiremos ter uma visão mais completa de classes de palavras, verificando todos os seus aspectos.

Segundo Azeredo,

Tradicionalmente, as classes das palavras têm sido definidas segundo suas propriedades semânticas, sintáticas e morfológicas. Mais de um linguista considerou a heterogeneidade desse critério um defeito. Convém, contudo, reconhecer que essa heterogeneidade não está na análise, senão na própria natureza das entidades lexicais que se agrupam sob o rótulo de 'palavras'. Estabelecida a hierarquia devida, a heterogeneidade se dilui. (2000, p.35)

Portanto, para termos mais segurança ao lidarmos com assuntos gramaticais em sala de aula e para que os nossos alunos possam compreender claramente tais conteúdos, vemos que é necessário estudar a língua de modo a oferecer um suporte, em que tenhamos o nosso objeto de estudo definido e delimitado, contribuindo para que os nossos alunos compreendam e façam uso adequado dos recursos linguísticos que a nossa língua pode oferecer.

Observando as dificuldades encontradas por alunos do fundamental II, nas aulas de língua portuguesa, quando abordamos o estudo dos elementos constituintes do período simples, vemos a necessidade de se ter um material que esteja em concordância com o livro didático e que possa auxiliar o professor, quando tratar desse assunto referente ao período simples.

Pensando nisso, e tendo em mente a nossa prática diária em salas de fundamental II, mais especificamente sala de oitavo ano, percebemos a conveniência de se criar um material que trate de conteúdos voltados para a análise morfossintática. Pois, através do conhecimento morfológico, o aluno poderá se familiarizar, sem tanta dificuldade, com as funções sintáticas abordadas na análise sintática. Com o conhecimento morfológico, supõe-se que o aluno compreenderá, de modo eficiente, as funções assumidas pelas palavras em um enunciado linguístico.

Conhecer as propriedades de elementos da língua é um fator que pode contribuir para que o falante a utilize de modo eficiente, adequando-a as diversas situações comunicativas, promovendo de maneira clara a sua interação com os seus interlocutores. É o que Travaglia (2009, p.17) considera ser o objetivo do ensino de língua materna.

[...] o ensino de língua materna se justifica prioritariamente pelo objetivo de desenvolver a **competência comunicativa** dos usuários da língua (falante, escritor/ouvinte, leitor), isto é, a capacidade do usuário de empregar adequadamente a língua nas diversas situações de comunicação. (2009, p. 17 – grifo do autor)

Saber que a língua possui modos diferentes de expressar as mesmas ideias e que existem níveis de linguagem é fator primordial para que o aluno reconheça a relevância de adequar a linguagem à situação na qual ele esteja interagindo. Para essa adequação, de acordo com Travaglia, o usuário necessitará da competência gramatical ou linguística e a textual.

A **competência gramatical** ou **linguística** é a capacidade que tem todo usuário da língua (falante, escritor/ouvinte, leitor) de gerar sequências linguísticas gramaticais, isto é, consideradas por esses mesmos usuários como sequências próprias e típicas da língua em questão. (2009, p.17 – grifo do autor)

Com essa competência, o produtor e o receptor de um enunciado reconhecem como aceitável ou não uma determinada construção.

Também há a competência textual que “é a capacidade de, em situação de interação comunicativa produzir e compreender textos considerados bem formados, valendo-se de capacidades textuais básicas [...]” (TRAVAGLIA, 2009, p.18).

Essas capacidades textuais básicas são: a capacidade formativa, “que possibilita aos usuários da língua produzir e compreender um número de textos que seria potencialmente ilimitado [...]”, reconhecendo sua boa ou má formação; a capacidade transformativa, “que possibilita aos usuários da língua modificar, de diferentes maneiras [...] e com diferentes fins, um texto [...]”; e a capacidade qualificativa, “que possibilita aos usuários da língua dizer a que tipo de texto pertence um dado texto, naturalmente segundo uma determinada terminologia. [...]” (TRAVAGLIA, 2009, p.18)

Desenvolvendo essas capacidades, o usuário da língua poderá usá-la eficientemente, modificando-a, visando aos seus objetivos de comunicação e adequando-a a situação e a seus interlocutores.

Ainda falando sobre a competência comunicativa, Oliveira (2010, p 43) expõe o objetivo principal das aulas de português que segundo ele seria

Ajudar o estudante a aprender a se comportar linguisticamente em diversas situações de interação social é o objetivo principal das aulas de português, que não deveriam ter como foco principal o ensino da gramática normativa por meio da nomenclatura que a descreve de forma inconsistente. Ensina-se português aos brasileiros para ajudá-los a desenvolver sua competência comunicativa. (2010, p. 43)

Por outro lado, nossa sociedade está inserida em uma cultura que tem a escrita como fator primordial para que o indivíduo execute suas funções dentro das atividades diárias. Também sabemos que o falante precisa ter um pouco de conhecimento sobre a estrutura e funcionamento da língua. E, para isso, os conhecimentos morfossintáticos podem contribuir de maneira bastante eficaz, pois auxiliam ao estudante tanto na ortografia e na concordância, quanto no ponto de vista semântico.

Tendo em vista a necessidade do conhecimento morfossintático, e sabendo, também, que a escola tem a incumbência de trabalhar esse assunto linguístico, vêm-nos muitos questionamentos a respeito do material usado nas nossas escolas e do papel delas na vida do estudante. Como sabemos o papel das escolas é garantir a instrução dos alunos, oferecendo oportunidades para que ele possa se desenvolver cientificamente (além de promover a socialização do aluno). Mas, em se tratando do conhecimento a respeito da língua, será que os materiais que usamos nos oferecem de modo claro e bem fundamentado a teoria gramatical que esses materiais didáticos se propõem oferecer? Será que o modo fragmentário de se abordar esses conteúdos revela para o aluno a ideia de sistema que a língua possui?

Entendemos que não, pois, diariamente, observamos as dificuldades em se compreender e em se explicar essas teorias oferecidas tanto por gramáticas mais inovadoras, como a descritiva e a funcional, quanto pela gramática tradicional. O que percebemos, frequentemente, é o uso de fórmulas prontas (em algumas) que, muitas vezes, trata de algo que não é mais utilizado pelos falantes do português brasileiro. Algo que o estudante decora sem utilizá-lo em contextos reais de comunicação.

Travaglia (2009) chama a atenção para um fato importante relativo ao ensino de língua materna que é a concepção de linguagem adotada pelo professor no seu trabalho. Segundo ele, o modo como concebemos a língua é fundamental para se estruturar as nossas aulas. Ele nos apresenta três concepções. A primeira

[...] vê a **linguagem como expressão do pensamento**. Para essa concepção as pessoas não se expressam bem porque não pensam. A expressão se constrói no interior da mente, sendo sua exteriorização apenas uma tradução. [...] (TRAVAGLIA, 2009, p. 21 – grifo do autor)

Essa concepção é a que encontramos na gramática tradicional. A segunda concepção de linguagem, ainda segundo Travaglia, relaciona a linguagem à ideia de código. Vejamos o que ele fala sobre essa concepção.

[...] vê a **linguagem como instrumento de comunicação, como meio objetivo para a comunicação**. Nessa concepção a língua é vista como um código, ou seja, como um conjunto de signos que se combinam segundo regras, e que é capaz de transmitir uma mensagem, informações de um emissor a um receptor. (TRAVAGLIA, 2009, p.22 – grifo do autor)

Nessa concepção, o falante tem uma mensagem a transmitir a um ouvinte e, para isso, se utiliza de um código conhecido pelos dois envolvidos na situação de comunicação.

A terceira concepção vê a **linguagem como forma ou processo de interação**. Nessa concepção o que o indivíduo faz ao usar a língua não é tão-somente traduzir e exteriorizar um pensamento, ou transmitir informações a outrem, mas sim realizar ações, agir, atuar sobre o interlocutor (ouvinte/leitor). A linguagem é pois um lugar de interação humana, de interação comunicativa pela produção de efeito de sentido entre interlocutores, em uma dada situação de comunicação e em um contexto sócio-histórico e ideológico. (TRAVAGLIA, 2009, p. 23 – grifo do autor)

Nessa concepção, inclui-se a intenção dos interlocutores ao se utilizar da língua, ou seja, pressupõe-se que a produção de estruturas linguísticas está dentro de um ato de interação social motivado por diversas intenções. O falante procura agir sobre o ouvinte, produzindo efeitos de sentido.

É importante que o professor tenha em mente a concepção de linguagem que vai usar em sala de aula, para que o material utilizado por ele possa se adequar de

modo coerente ao que ele deseja que seus alunos entendam por linguagem. Fazendo isso, pode se evitar o distanciamento entre o que é estudado na escola e o que o aluno vivencia no seu dia a dia.

Sobre isso, Perini afirma: “Nas aulas de gramática, somos convidados a aprender, e muitas vezes decorar, resultados; não se cogita do método que levou à obtenção desses resultados.” (2010, p.34) Isso torna as aulas sobre gramática, em alguns momentos, cansativas e pouco objetivas, uma vez que o estudante não vê nenhuma ligação do que está sendo ministrado com a sua realidade.

Por esse motivo, para esse trabalho, concebemos a linguagem como processo de interação. Desse modo, abordaremos o estudo da morfossintaxe do período simples, através de textos que fazem parte da realidade do aluno, ou seja, textos do dia a dia do aluno, buscando fazer uma abordagem significativa desses conteúdos gramaticais.

Assim o objetivo principal dessa dissertação é contribuir para o trabalho didático do professor de português, oferecendo um suporte pedagógico que possa auxiliá-lo no ensino / aprendizagem da morfossintaxe do período simples no oitavo ano do ensino fundamental.

Para esse fim, produziremos um material didático, um manual de apoio ao livro didático, que será composto pela parte teórica da morfologia e da sintaxe e que terá também um conjunto de atividade que auxiliará o professor, no ensino da morfossintaxe do período simples, no oitavo ano do ensino fundamental, facilitando a compreensão, por parte do aluno, da estrutura da língua, fazendo uso adequado dos recursos que a língua nos oferece para o aperfeiçoamento da comunicação.

Também, almejamos, através do estudo teórico, compreender o que é gramática, lançando um olhar sobre a sua função na vida do usuário da nossa língua, como meio estruturador de elementos linguísticos responsáveis pela interação comunicativa.

Por outro lado, faremos uma análise do modo como é trabalhada a sintaxe pelo ensino tradicional nas escolas, para termos o direcionamento a respeito de qual caminho nosso trabalho deve seguir.

1.1 METODOLOGIA

Este trabalho será constituído por pesquisa bibliográfica, pois se utilizará de materiais já publicados como livros, artigos científicos, revistas e materiais disponíveis na internet, propondo, por meio deste, um aperfeiçoamento do estudo da morfossintaxe na escola, de modo a criar um material que possa ser utilizado por professores em sala de aula. De acordo com Prodanov e Freitas, pesquisa bibliográfica,

quando elaborada a partir de material já publicado, constituído principalmente de: livros, revistas, publicações em periódicos e artigos científicos, jornais, boletins, monografias, dissertações, teses, material cartográfico, internet, com o objetivo de colocar o pesquisador em contato direto com todo material já escrito sobre o assunto da pesquisa. (2013, p.54)

Trata-se, também, de uma pesquisa aplicada, visando à criação de um material que será utilizado para a resolução de problemas relacionados ao ensino/aprendizagem da morfossintaxe. Aplicada porque “objetiva gerar conhecimentos para aplicação prática dirigidos à solução de problemas específicos. Envolve verdades e interesses locais.”(PRODANOV; FREITAS, 2013, p.51)

Por outro lado, necessitaremos de métodos para encaminharmos o trabalho em direção ao objetivo desejado. O método será útil para sabermos em qual direção devemos seguir no trabalho científico proposto.

Por método podemos entender o caminho, a forma, o modo de pensamento. É a forma de abordagem em nível de abstração dos fenômenos. É o conjunto de processos ou operações mentais empregados na pesquisa. (PRODANOV; FREITAS, p.26)

Utilizaremos o método qualitativo que, segundo Prodanov e Freitas,

considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. Esta não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave. (2013, p. 70)

Com este trabalho, levaremos em consideração a relação existente entre o mundo real e os sujeitos envolvidos, no tocante aos procedimentos que constituem uma aula. Utilizaremos também o método dedutivo, pois trabalharemos com análise das dificuldades em se determinar a morfossintaxe do período simples em nível de fundamental II, buscando compreender a natureza das dificuldades encontradas a partir do que é proposto no livro didático.

Produziremos um material didático para se abordar a morfossintaxe com textos que façam parte da realidade do aluno, como: músicas atuais, tirinhas, notícias, poesia etc.

Portanto, considerando o que foi dito anteriormente, este trabalho é proposto diretamente para os professores e, indiretamente, para os alunos, uma vez que os dois (professor/aluno) fazem parte do mesmo processo de ensino/aprendizagem.

A nossa proposta de trabalho está estruturada em forma de capítulos, dos quais a introdução e os elementos contidos nela são considerados o primeiro capítulo.

Na sequência, o segundo capítulo trata dos ditames da sintaxe no ensino tradicional de gramática.

O terceiro capítulo contém a proposta de intervenção, que consiste na produção de um manual de apoio auxiliar para o trabalho com o livro didático.

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Geral:

Contribuir para o trabalho didático do professor de português, oferecendo um suporte pedagógico que possa auxiliá-lo no ensino / aprendizagem da morfossintaxe do período simples no oitavo ano do ensino fundamental.

1.2.2 Específicos:

Compreender o que é gramática, bem como a sua função na vida dos usuários da língua;

Analisar o modo como é trabalhada a sintaxe pelo ensino tradicional nas escolas;

Compor um conjunto de atividades sobre morfossintaxe, através de um manual de apoio, contemplando gêneros textuais que fazem parte do dia a dia do aluno do oitavo ano do ensino fundamental.

1.3 DIVERSAS CONCEPÇÕES DE GRAMÁTICA

No dia a dia escolar, encontramos muitas situações em que sentimos a dificuldade dos alunos em compreender diversos aspectos do estudo gramatical no tocante à gramática tradicional. Vez ou outra, nos deparamos com estudantes com pouca base na identificação das classes das palavras e, conseqüentemente, essa dificuldade se estende à análise da função sintática. Como sabemos, a língua é um sistema e, por esse motivo, só compreendemos determinados tópicos quando conhecemos outros. Muitos aspectos gramaticais estão interligados por meio dessa natureza sistêmica da língua.

Entender, por exemplo, o que é um sujeito, requer do aluno um conhecimento prévio das classes que podem assumir essa função. Claro que não é suficiente apenas essa informação, mas é algo importante para essa verificação. Além disso, o aluno deve ser informado sobre o que é análise morfológica e o que é análise sintática, quando deve classificar a palavra segundo a morfologia e quando deve observar a função de uma palavra dentro de uma oração. Precisa observar quais são as principais funções assumidas por determinada classe e compreender que a flexão contribui para a ligação de um vocábulo a outro. Unindo esses critérios, teremos ferramentas fundamentais para conhecermos a gramática da nossa língua (não apenas a tradicional), observando que ela está sendo usada o tempo todo, quando produzimos enunciados, visando à interação com os nossos interlocutores.

O aluno poderá perceber que o estudo gramatical é mais do que um livro de regras voltadas para uma maneira considerada “correta” de falar. Por esse motivo é preciso que saibamos o que é realmente a gramática de uma língua.

1.3.1 Gramática: Abordagens Diversas

Para uma abordagem inicial, devemos conhecer um pouco o que os livros didáticos costumam apresentar como teoria gramatical, no caso, o que conhecemos por gramática normativa. Segundo Carlos Franchi (2006, p. 17),

A primeira forma de construir uma gramática normativa (que certamente tem origens mais antigas) aparece nos gramáticos de Port-Royal, no século XVII, que vinculavam o bom uso da linguagem à arte de pensar. Esses gramáticos inspiraram, por exemplo, o nosso Soares Barbosa. (2006, p. 17)

Nesse caso, essa abordagem está vinculada à ideia de que existem regras que devem ser seguidas para a aquisição da chamada norma culta. Percebe-se a visão de que linguagem e pensamento estão associados no processo comunicativo.

Por outro lado, trabalhando com o estudo da língua portuguesa, frequentemente, encontramos discentes que não diferenciam a análise da gramática da análise de outros tópicos relacionados a essa disciplina. E que, muitas vezes, dizem não gostar de estudar português, quando, na verdade, estão trabalhando com a gramática normativa dessa matéria. Para eles, toda a disciplina se resume a essa gramática. Esse é um erro que não devemos creditar ao aluno, uma vez que, em muitos momentos em aulas de português, falta que o professor esclareça o assunto abordado nessa disciplina, ou seja, é preciso o esclarecimento, por parte do professor, do que venha a ser gramática e de qual tipo de gramática está sendo vista, já que, na disciplina de português, também trabalhamos produção, interpretação de texto e, no caso do ensino médio, literatura. Para isso, necessitamos conhecer o objeto estudado e sabermos meios adequados de ministrá-lo em aulas.

Ainda falando sobre gramática, encontramos algumas concepções que merecem a nossa atenção e que podem nos ajudar em nossas aulas. Vejamos o que alguns autores falam sobre gramática.

Segundo Ferrarezi Jr. (2012, p.33), a língua possui uma natureza de sistema, e, por esse motivo, os seus elementos possuem regras e funções bem definidas.

Toda língua é organizada de uma maneira bem definida. Ela precisa disso por causa da sua natureza de “sistema”. Podemos chamar de “sistema” um conjunto de elementos que funcionem de forma organizada, com regras

bem definidas, com suas partes integradas e bem relacionadas entre si. (FERRAREZI Jr., 2012, p.33 – Aspas simples)

O relacionamento dessas partes, ou melhor, as regras que a língua utiliza para relacioná-las, respeitando as hierarquias entre os seus elementos é o que compõe a gramática de uma língua. Para Ferrarezi Jr, “O conjunto dessas formas de organização de uma língua, ou seja, o conjunto de regras que essa língua possui e usa para funcionar, pode ser chamado de gramática da língua.” (FERRAREZI JR., 2012, p. 33)

Desse modo, ainda, de acordo com Ferrarezi Jr. (2012, p. 35): “a junção da fonética, da fonologia, da morfologia, da sintaxe, da semântica e da pragmática de uma língua formam a gramática dessa língua.”

Observando o parágrafo anterior, compreendemos que todos esses aspectos interagem de modo definido pela natureza da língua da qual faz parte, seguindo regras que são adotadas pelos usuários. Essas regras estão dentro de um padrão de comportamento que o falante utiliza. Quando, por algum motivo, o usuário foge a essas regras, imediatamente, os seus interlocutores percebem isso, detectando o que está fora de harmonia.

Já para Franchi,

Gramática corresponde ao saber linguístico que o falante de uma língua desenvolve dentro de certos limites impostos pela sua própria dotação genética humana, em condições apropriadas de natureza social e antropológica. (2006, p. 25)

Dessa visão de Franchi, percebemos que esse saber linguístico depende tanto de fatores genéticos quanto de fatores sociais. Ou seja, a gramática é algo que já existe no indivíduo, fruto de herança genética, mas que precisa do meio social para o seu desenvolvimento satisfatório. Para esse mesmo autor (FRANCHI, 2006, p.25 – Aspas simples)

“Saber gramática” não depende, pois, em princípio, da escolarização, ou de quaisquer processos de aprendizado sistemático, mas da ativação e amadurecimento progressivo (ou da construção progressiva), na própria atividade linguística, de hipóteses sobre o que seja a linguagem e de seus princípios e regras.

A partir do que é dito por Franchi, compreendemos que essa noção do que venha a ser gramática será adquirida pelo usuário da língua conforme o seu amadurecimento como falante, ou seja, com o uso da língua, o falante conhecerá o que é aceitável e o que não pode ser usado como construção pertencente a sua língua. Naturalmente, esse usuário saberá quais palavras devem se combinar em uma frase, em que ordem elas devem aparecer e se essas palavras estão adequadas a determinados contextos. Assim farão uso correto dessa gramática mesmo que nunca parem para analisá-la.

Por outro lado, Perini (2010), ao falar sobre o estudo de gramática, nos mostra o modo como ela deve ser tratada dentro do ambiente escolar. Para ele, ela é uma disciplina científica e, por esse motivo, deve ser analisada por critérios científicos. Observemos o que ele fala:

Aqui basta dizer que a gramática é uma disciplina científica, tal como a astronomia, a química, a história ou a geografia; ela deve ser estudada porque é parte da formação científica dos alunos – formação essa que se torna cada dia mais indispensável ao cidadão do século XXI. Esperar do estudo de gramática que leve alguém a ler ou escrever melhor é como esperar do estudo da fisiologia que melhore a digestão das pessoas. (PERINI, 2010, p. 18)

Perini critica a ideia de que o estudo da gramática seja para aprender a falar e escrever bem. Para ele, essa é uma ideia enganosa e deve ser rechaçada por todos que trabalham com esse assunto ou que estão em contato com ele. Segundo Perini, falar e escrever bem são competência que o discente aprende com o uso efetivo da linguagem, tanto na sua modalidade oral como escrita.

Segundo esse autor, a gramática apresenta a organização e o modo como a língua funciona. “Por ora, portanto, vamos deixar claro que os estudos de gramática oferecem uma visão da estrutura e do funcionamento da língua, esse maravilhoso mecanismo que, ao permitir a comunicação, possibilita a própria existência da complexa sociedade moderna.” (PERINI, 2010, p.18-19)

Perini (2010, p.22), por outro lado, refuta a ideia de que a gramática oferece uma visão completa da estrutura da língua. De acordo com ele, essa é uma imagem errônea, devido à complexidade da língua. Considerando isso, ele desaprova algumas noções utilizadas na descrição linguística:

Essa imagem é seriamente inadequada. A estrutura de uma língua é muito mais complexa do que geralmente se imagina. Em primeiro lugar, muitas das noções utilizadas na descrição estão ainda mal definidas, e constituem assunto de discussões teóricas intensas (e às vezes tensas). (2010, p.22)

Percebemos, desse modo, que, muitas vezes, usamos a gramática normativa ou tradicional como fonte para todas as respostas. Como se ela englobasse toda a estrutura da língua da qual faz parte, oferecendo uma descrição completa dos aspectos observados. Quando fazemos isso, esquecemos o dinamismo da língua que está na sua capacidade de mudança. A língua muda constantemente com o decorrer do tempo. Observamos isso, quando pegamos textos mais antigos, pois neles encontramos, muitas vezes, diversas mudanças como: expressões que não são mais utilizadas ou, até mesmo, a forma de organização de algumas estruturas sintáticas.

Por esse motivo, Perini argumenta apontando que a linguística deve estar conectada com as mudanças da língua, evitando atuar como a gramática tradicional que parece oferecer a descrição completa da estrutura da língua. Agindo assim, segundo Perini (2010, p.22), essas gramáticas mantêm as mesmas regras que eram usadas antigamente, ou seja, não diagnosticam a variação no tempo. Observemos o que ele fala:

Isso acontece porque a linguística é uma ciência viva e em pleno desenvolvimento, não um conjunto de técnicas estabelecidas há muito tempo e que só temos que aplicar. Nenhuma descrição gramatical pode, portanto, ter a pretensão de ser completa ou definitiva. Hoje sabemos muito mais sobre a estrutura das línguas do que se sabia em 1900, em 1950 ou 1980. E vamos saber ainda mais em 2040. Não existe gramática completa e definitiva de língua nenhuma. (PERINI, 2010, p. 22)

Necessitamos de uma reflexão mais aprofundada sobre isso, pois a gramática tem um grau de importância no estudo da nossa língua. Mas carecemos ficar atentos ao fato de que ela precisa ganhar um pouco mais de cientificidade. É o que nos afirma Perini:

Em vez de eliminar pura e simplesmente o estudo de gramática na escola (com o que estaríamos fechando uma janela), é preciso redefini-la em termos de formação científica. Só assim essa disciplina – parte essencial do estudo da linguagem, o mais importante dos fenômenos sociais – poderá dar sua contribuição à alfabetização científica nossa e de nossos alunos. (PERINI, 2010, p. 41)

Analisando todas essas informações, depreendemos que a gramática também é um conjunto de regras, mas não regras impostas por um gramático. São aquelas que estão internamente em cada falante de determinada língua. Aquelas que o falante faz uso diariamente para se comunicar com os seus interlocutores. Regras essas que o usuário da língua usa para saber se uma estrutura é ou não aceita no padrão de comportamento da língua.

Ao lidar com o estudo da língua, devemos também saber que existe uma diferença entre examinar a língua escrita e a língua oral. São duas modalidades diferentes e que muitas vezes seguem caminhos distintos, de acordo com Ferrarezi Jr. (2012, p. 24- 25): “[...] E, se queremos usar rótulos grosseiros aqui, podemos dizer que há uma realidade na língua falada e outra na língua escrita...”

Em relação ao ensino dessas modalidades da língua, Ferrarezi Jr. fala sobre as diferenças existentes entre estudar a língua oral e a língua escrita no tocante à gramática. Vejamos o que ele diz:

Por outro lado, é claro que a fala é diferente, e que a fala, em todas as culturas, antecede a escrita, pois ela é uma expressão natural (enquanto a escrita é uma tecnologia) e tem um valor inestimável para compreensão da identidade dos falantes. [...] Se na escrita a gramática parece ser mais ‘comportada’, na fala, ela vai a seus limites, abusa de todas as formas possíveis de variação permitidas pelas regras gramaticais. Mas isso não significa que seja a única fonte de estudo importante para a gramática. (FERRAREZI Jr., 2012, p. 24)

Ferrarezi destaca as dificuldades em se estudar a oralidade, mas demonstra a sua importância para os conhecimentos linguísticos. Para ele, as duas (linguagem oral e escrita) devem ser estudadas.

Concernente ao trabalho com as modalidades falada e escrita da língua em sala de aula, o supracitado autor sugere que, ao fazer isso, procuremos fazer, inicialmente, com exemplos mais “comportados” para, depois, passarmos para exemplos mais complexos. Desse modo, percebemos que é possível esse intercâmbio na análise da escrita e da oralidade.

Com base em tudo o que vimos até aqui, compreendemos que o estudo da gramática é algo necessário, mas que essa abordagem deve ser de modo científico, ou seja, deve ser a investigação da estrutura e funcionamento da língua. Deve oferecer subsídios para o estudo da norma dita padrão, mas estar atenta à língua falada no dia a dia para não se tornar um conjunto de regras sem ligação com a

realidade. Ela precisa ser o objeto de análise, realmente, para que o estudante tenha uma noção de como funciona a sua língua e, através disso, usá-la de modo eficiente nos diversos ambientes dos quais venha participar.

Considerando tudo isso e observando o nosso dia a dia em sala de aula, compreendemos que a gramática é parte essencial da língua e esta é aprendida pelos seus usuários através da interação com os seus interlocutores. Por esse motivo, o estudante, ao chegar aos primeiros anos de escola, já é capaz de formular frases compreensíveis por seus ouvintes e, também, compreender os enunciados criados pelos seus interlocutores. No decorrer do tempo, ele vai aperfeiçoando essa gramática de modo a explorar todos os recursos possíveis que a sua língua pode oferecer. Desse modo, ele torna-se cada vez mais capacitado para usá-la bem.

1.3.2 A morfologia: Noções Gerais

Para esse trabalho, devemos falar um pouco da morfologia, pois, a partir disso, podemos compreender mais satisfatoriamente a sintaxe do período simples.

Constatando isso, concebemos a necessidade de identificarmos as classes de palavras conhecidas tradicionalmente. Para isso, sabemos que é necessário um trabalho de investigação e análise de formas apresentadas por vocábulos. Esses vocábulos são elencados em grupos, seguindo características que se assemelham. Essas características não se limitam apenas ao aspecto morfológico, porém à união desse com o sintático e o semântico. Para Perini:

um dos princípios básicos da descrição gramatical é o de que temos que estabelecer uma relação entre **formas** (tais como percebidas pelo receptor) e **significado**. As formas são o ponto de partida necessário para a interpretação, e precisam estar registradas na memória do falante. [...] (2010, p.142 – Grifos do autor)

Nos materiais didáticos usados nas nossas escolas, ao trabalhar com as classes de palavras, percebemos uma preocupação inicial em relação ao conceito; a palavra é definida de acordo com o ponto de vista semântico. Há, primeiro, a apresentação do significado ligado a um elemento do mundo real ou a algo que remeta a um fato da realidade. Por exemplo: o substantivo é a palavra que dá nome aos seres, objeto, sentimentos etc. O verbo é a palavra que indica ação, estado ou fenômeno da natureza. Talvez isso se deva ao fato de se tornar menos abstrato o trabalho com esse assunto em séries iniciais. Porém, algumas vezes, essas definições não atendem a todas as palavras, dando espaço para confusões.

Além disso, essas definições, muitas vezes, geram mais dúvidas do que se imagina. Por exemplo, no conceito de verbo como palavra que indica ação, percebemos que esse conceito pode ser usado para diversos substantivos como trabalho, estudo, construção etc., pois eles, como percebemos, indicam ação.

Um dos meios para evitar essas confusões é focalizar a descrição gramatical na morfologia, ou seja, analisando as formas das palavras e agrupando-as de acordo com as características que se assemelham ou que, pelo menos, seguem o mesmo padrão. A gramática parte para a análise formal, observando os elementos constituintes das palavras e verificando semelhanças ligadas às flexões. Esse critério morfológico ajuda na diferenciação de várias classes, mas ainda apresenta

problemas, quando encontramos substantivos e adjetivos que podem mudar de função, dependendo da sentença onde estão inseridos. A palavra dentro de um contexto pode variar de classificação morfológica. É o que acontece com a palavra *velho*, por exemplo, que em determinada sentença é substantivo, como em: *O velho jogava futebol com as crianças*. E em outra pode ser adjetivo, como em: *O livro velho estava guardado na gaveta do professor*. Isso pode acontecer com outros vocábulos também.

Vendo que somente os critérios morfológicos e semânticos não são suficientes para a classificação de um vocábulo, percebemos a necessidade de partir para a análise da função sintática. Através da função da palavra em uma oração, temos mais informações importantes e úteis a sua identificação e classificação. Geralmente, as funções sintáticas são exercidas por determinadas classes. Por exemplo: o substantivo, frequentemente, exerce a função de núcleo do sujeito ou do objeto. O adjetivo, a de adjunto e assim por diante. Cada classe tem um papel na oração e esse papel dificilmente muda.

Unindo esses três critérios, talvez tenhamos meios para uma classificação mais segura dentro do estudo gramatical.

Sabemos que a morfologia tem um papel fundamental no estudo gramatical de uma língua. E, através dela, conhecemos os morfemas, unidades mínimas que fazem a base de seus estudos, sendo esses lexicais ou gramaticais, conforme afirmam Duarte e Miranda:

A morfologia, que estuda a estrutura e formação das palavras, tem no morfema, unidade mínima significativa, a base de seus estudos. Os morfemas podem ser lexicais ou gramaticais. Os lexicais são a base de uma palavra, estão relacionados às coisas reais do mundo, informam sobre o significado base da palavra; os gramaticais (flexionais e derivacionais) não podem existir sozinhos, estão sempre ligados ao morfema lexical e servem para criar novas palavras, alterar a classe gramatical de uma palavra, indicar gênero e número, entre outras funções. (2008, p. 2)

Ainda com Duarte e Miranda (2008), compreendemos que a sensibilidade à morfologia da língua é diretamente ligada ao desenvolvimento linguístico de qualquer falante, uma vez que são os processos de formação de palavras que permitem ao falante de uma língua entender e criar palavras nunca antes ouvidas.

Assim, entendemos que o falante nativo de uma língua desenvolve essa sensibilidade através da interação com os outros, construindo novos vocábulos por meio da utilização dos morfemas, criando, desse modo, o chamado vocábulo formal.

Com base nos estudos morfológicos realizados por Mattoso Camara Jr.(2007, p.77), entendemos vocábulo formal como “formas livres ou formas dependentes”, sendo estas divididas em classes. “Temos na gramática descritiva portuguesa a tarefa de os distribuir em classes fundamentais.”(CAMARA JR. 2007, p.77)

Para a classificação do vocábulo formal, Mattoso propõe um critério chamado de morfo-semântico. Nesse critério, dividem-se os vocábulos formais em nomes, verbos e pronomes. Essa divisão coloca o que tradicionalmente chamamos de substantivo e adjetivo no grupo dos nomes. Nesse caso, o que é classe, para Camara, passa a ser função. Assim, seguindo o ponto de vista semântico, os nomes representam “coisas, ou seres, e os verbos, processos”. (CAMARA JR. 2007, p.78) “O pronome limita-se a mostrar o ser no espaço, visto esse espaço em português em função do falante: eu, mim, me <<o falante qualquer que ele seja>>, este, isto <<o que está perto do falante>>, e assim por diante.” (CAMARA JR. 2007, p.78)

Do ponto de vista morfológico, a forma do verbo se opõe nitidamente ao nome, já que este possui flexões bastante diferentes das que o verbo possui. Usando esse critério morfo-semântico, Mattoso (2007) propõe uma subdivisão funcional de nomes e pronomes na comunicação linguística. De acordo com ele:

Em face dessa divisão morfo-semântica, a classificação funcional subdivide nomes e pronomes pela sua função na comunicação linguística. Há a função de substantivo que é a do nome ou pronome tratado como centro de uma expressão, ou <<termo determinado>>. (CAMARA JR. 1950 apud BALLY, 2007, p.79)

Enquanto Camara Jr. propõe a classificação morfológica em nomes, verbos e pronomes, Ferrarezi Jr. apresenta uma classificação usando critérios funcionais. Para ele, as classes morfológicas se dividem em cinco. Vejamos:

Na verdade, tomando como base os padrões gramaticais de funcionamento de palavras, como faço aqui (e seus sentidos, o que elas representam ou fatores outros externos à língua), defendo que existem apenas cinco grandes classes de palavras no português brasileiro e que algumas destas cinco grandes classes apresentam subclasses. Essa não é uma análise tradicional, mas a linha funcional que a sustenta é bastante interessante, pois corresponde de forma muito mais natural ao que os falantes sabem

naturalmente sobre como sua língua funciona. (FERRAREZI JR., 2012, p. 54)

Para Ferrarezi Jr, essas classes são: nominais que funcionam como base, nominais que funcionam como adjetivos, verbos, advérbios e conectivos.

Nesse critério, observamos a função como elemento fundamental para a classificação das palavras. A ideia de palavras que agem como base e outras que se ligam a essa base é muito pertinente, visto que há essa relação entre termos determinados e determinantes, mostrando uma hierarquia entre eles. Essa hierarquia é vista, por exemplo, quando analisamos o sujeito da oração. Ao encontrarmos o sujeito, geralmente, identificamos uma palavra que funciona como núcleo desse sujeito, ou seja, uma palavra que, tradicionalmente, é considerada a mais importante, aquela a que as outras palavras se ligam. Esse núcleo, dentro da terminologia de Ferrarezi Jr., é um nome que funciona como base. Supondo que a esse núcleo se liguem adjetivos, pronomes ou numerais que, tradicionalmente, são chamados de adjuntos adnominais, na teoria apresentada por esse mesmo autor, seriam considerados nomes que funcionam como adjetivos. Essa hierarquia estaria presente em diversas expressões em que apareçam termos determinantes e termos determinados.

Em relação à função do nome no enunciado, Mário Perini propõe outro critério que pode ser significativo para diferenciar substantivos e adjetivos. Primeiro, ele apresenta o conceito de sintagma nominal (SN), que seria “um constituinte composto de uma ou mais palavras [...]” (PERINI, 2010, p.251). Esse constituinte possui certas propriedades, vejamos: “o SN pode ocorrer nas funções sintáticas de **sujeito**, **objeto** ou **complemento de preposição**.” (2010, p.251- Grifo do autor). Por outro lado, o SN possui a seguinte propriedade semântica:

Semanticamente, o sintagma nominal pode se referir a uma entidade do mundo (real ou imaginário); essa entidade pode ser entendida como objeto específico (minha irmã), uma classe geral (os seres humanos) ou uma abstração (a sabedoria). (2010, p.252)

Perini complementa, apresentando o conceito de potencial referencial:

Dizemos então que o SN tem **potencial referencial**, ao contrário dos outros sintagmas da língua. O potencial referencial do SN é sua propriedade semântica básica, e condiciona o modo como ele é construído

internamente. Não é possível fazer referência a uma entidade do mundo usando a língua a não ser com um SN. (2010, p. 252 – Grifo do autor)

Por sua vez, esse sintagma nominal possui um núcleo e seus determinantes (limitadores). “O núcleo informa o tipo geral de coisa a que se quer fazer referência (carro, Manuel, teoria). Os limitadores restringem a referência dessa coisa até o ponto desejado pelo falante.” (PERINI, 2010, p.252)

Esse núcleo, se levado para a gramática tradicional, seria o que equivale, mais ou menos, ao núcleo do sujeito, do objeto ou dos complementos. Os limitadores equivaleriam aos determinantes (adjuntos). Como sabemos, o núcleo tradicionalmente é representado por um substantivo e os determinantes, por adjetivos, pronomes, numerais, artigos. Nesse caso, a gramática de Perini não se utiliza desses conceitos tradicionais, deixando apenas a distinção de núcleo e limitadores.

Um critério interessante e que talvez possa ser levado para a análise da gramática tradicional é o que Perini chama de referencial e qualitativo. Para ele, o núcleo “tem um potencial referencial”, ou seja, “pode ou não pode evocar uma entidade do mundo real ou imaginário (isto é, uma coisa).” (2010, p.254) Já as outras palavras que acompanham o núcleo, geralmente, evocam qualidades e, por isso, são mais qualitativas. Ele dá alguns exemplos importantes para se entender esses critérios, vejamos:

Assim, o nominal *livro* evoca um objeto, *Darci* evoca uma pessoa, *raiva* evoca um sentimento etc. Já *enorme* evoca uma qualidade, mas não uma coisa; em outras palavras, não existe nenhuma coisa chamada *enorme* – mas existem coisas chamadas *livros*, *Darci* e *raiva*. Assim, podemos distinguir os nominais da língua entre aqueles que têm potencial referencial (pode se referir a uma coisa) e os que não têm. (2010, p.254 – Grifo do autor)

Essa nova metodologia pode contribuir bastante para a distinção entre substantivos e adjetivos, quando presentes em uma oração, já que é a palavra que evoca um ser, um objeto, um sentimento etc. Além disso, essa palavra pode ocupar o núcleo de um sujeito, objeto ou complemento. Já o adjetivo funciona como qualificador, determinando o substantivo. Comumente tem a função sintática de adjunto adnominal.

1.3.3 Classe ou Função: Possibilidades de Atuação de um Termo em uma Sentença

Como vimos em algumas discussões anteriores o problema que encontramos ao estudarmos a gramática tradicional está no fato de haver uma confusão na distinção entre classe e função. Alguns estudiosos da língua portuguesa já vêm mostrando através de trabalhos que é preciso uma reformulação, ou pelo menos, uma maior percepção a respeito do que tradicionalmente chamamos de classe.

Na gramática tradicional, há dez classes de palavras elencadas seguindo três critérios: morfológico, funcional e semântico.

Camara Jr (2007), por sua vez, apresenta um novo critério: o morfo-semântico. Para ele, seguindo esse critério, as palavras no português seriam colocadas em três grupos: nomes, verbos e pronomes. Os nomes e pronomes poderiam, no enunciado, fazer a função de substantivo, adjetivo ou advérbio. Como vemos, essa classificação diminuiria algumas dúvidas em relação a palavras que podem mudar de função dependendo do enunciado.

Ferrarezi Jr. (2012), por sua vez, considera cinco grandes classes, seguindo por base os fundamentos funcionais. Usando o critério funcional, em relação aos nomes, ele nos apresenta as seguintes informações:

as classes nominais foram pensadas pela língua para funcionar como base da organização sintática. Então, podemos ver que os nominais que funcionam como base (nomes e pronomes) têm marcas de três tipos: gênero, número e pessoa. Por que isso? Porque esses nominais fazem dois tipos de combinações diferentes com dois tipos de palavras diferentes. Veja que bonita essa organização da língua!

a. nominais de base combinam com nominais adjetivos em gênero e número;

b. nominais de base combinam com verbos em número e pessoa.

(FERRAREZI JR.,2012, p. 56)

Vemos que a morfologia tem uma relação de proximidade com a sintaxe, pois as flexões das palavras foram criadas para facilitar a ligação desses vocábulos com outros na oração. Na gramática tradicional, chamamos isso de concordância nominal e verbal. É através delas que compreendemos que algumas palavras funcionam como base e outras como termos que se relacionam a essa base, em muitos casos, por meio da flexão. Essas marcas de concordância chamadas de flexões possibilitam um adjetivo se ligar a um substantivo ou um substantivo ou pronome se

ligarem a um verbo. Consideramos muito relevantes os critérios adotados por Ferrarezi Jr., pois demonstram estar de acordo com a estrutura da língua em uso. Sua classificação nos conduz a uma lógica que, realmente, existe na relação entre os constituintes de uma língua. Acreditamos que, se analisados a fundo, eles podem oferecer muitas informações úteis para a análise morfossintática, facilitando ou melhorando o nosso trabalho em sala de aula.

Já Perini usa um critério um pouco diferente para a classificação. Para ele, “uma classe se caracteriza pelo **potencial funcional** das palavras que a formam, ou seja, pelo que as palavras podem ser – as funções que elas podem ocupar na estrutura da língua.” (2010, p.290 – 291 - Grifos do autor). Então, se a palavra tem uma função, ela se encaixa em uma classe. E dependendo das funções apresentadas por ela, ela vai sendo colocada num grupo de palavras que compartilhem essas funções. Assim, para Perini, uma palavra como *mesa* só pode ocupar a posição de núcleo de um sintagma, portanto ela pertence a uma classe cujas palavras fazem somente essa função. Já o vocábulo *amigo*, por exemplo, pode ser núcleo de um sintagma numa frase como: “Meu amigo vai telefonar às oito horas.” (2010, p.291). Ou pode ser modificador em: “Eu sempre prefiro consultar um médico amigo.” (2010, p.291) Nesse caso, *amigo* já faz parte de uma classe diferente da de *mesa*, pois as funções são diferentes. Observemos: “[...] Amigo tem um potencial funcional maior do que, por exemplo, o de *mesa*, que pode ser núcleo de um SN, mas não modificador, e que o de *pulmonar*, que pode ser modificador, mas não núcleo” (PERINI, 2010, p.291). Apreciando esse critério, percebemos que essas palavras pertencem a três classes nominais distintas, segundo as suas possibilidades de atuação dentro da oração:

Ou seja, *amigo* tem potencial funcional diferente de *mesa* e de *pulmonar* e portanto pertence a outra classe: essas três palavras ilustram três classes, pois cada uma tem seu potencial funcional próprio. Por isso não é possível classificá-las utilizando apenas dois nomes de classes, ‘substantivo’ e ‘adjetivo’. (PERINI, 2010, p.291)

Depreende-se dessa análise que o potencial funcional é o número de possibilidade de funções dentro de orações que uma palavra pode assumir. Algumas palavras só podem fazer uma função, enquanto outras podem exercer diversas funções na oração. Assim aquelas que fazem uma função pertencem a uma classe,

as que fazem duas, pertencem a outra classe e assim por diante. O que define uma classe é a funcionalidade da palavra, a sua atuação dentro de uma estrutura sintática.

Vemos com bons olhos essa nova maneira de analisar as palavras e entendemos que realmente ela é capaz de oferecer meios para uma observação clara dos vocábulos da nossa língua, pois trata de todas as possibilidades que eles assumirão na oração. Com base nisso, consideramos que esse modo de classificação pode nos oferecer novas maneiras que, possivelmente se usadas, serão muito proveitosas junto aos nossos alunos do fundamental II. Com as adaptações necessárias, conseguiremos usá-las para melhorar as nossas aulas de gramática.

Apesar de, em princípio, esse critério parecer ser bastante complexo, com o decorrer do tempo e com algumas reflexões, ele, possivelmente, será importante, pois é muito coerente com a língua em uso no Brasil. Pode ser interessante para estudo das classes até mesmo na gramática tradicional, claro que com as adequações necessárias.

Considerando tudo isso, compreendemos que o estudo gramatical usado nas nossas escolas precisa ser revisto, de modo a se repensar alguns critérios e adequá-los para a nossa realidade escolar. Sabemos que isso leva um tempo e não acontece rapidamente, mas, enquanto isso, podemos nos apropriar de informações dessas novas teorias e utilizá-las, fazendo adequações necessárias.

1.3.4 A Sintaxe: A Construção dos Enunciados

Nos tópicos anteriores, falamos sobre a morfologia, pois compreendemos que uma análise gramatical para ser completa deve começar das unidades que compõem uma língua. É muito importante conhecermos as classes gramaticais, pois elas possuem mecanismos que são usados para se combinarem e formarem as frases. De acordo com Azeredo (2000, p.30) “Um conceito chave em toda análise gramatical é o de unidade. Fonemas, sílabas, vocábulos, estrofe, parágrafos, capítulos são unidades de diferentes planos, níveis, tipos.”

Com base nisso, nesse tópico, trataremos da parte da gramática que aborda o modo como as palavras se organizam, formando construções que compõem unidades maiores e que transmitem sentido. Desenvolveremos o estudo da sintaxe, compreendendo a sua importância na análise gramatical, bem como na criação de significados.

Visto que a língua funciona como sistema, em que todos os seus elementos contribuem para o seu desempenho adequado, a sintaxe é a parte da gramática que se ocupa da organização desses elementos, produzindo frases que são usadas na nossa conversação. Então a sintaxe se ocupa da organização das palavras ao se produzir frases e da organização das frases na produção de discursos.

Tradicionalmente, frase é conceituada como um enunciado de sentido completo. Desse modo, pode ser uma palavra ou várias palavras capazes de transmitir uma informação. Para Azeredo (2000, p 30.)

Na sua realização mais aderente ao contexto situacional, a frase toma a forma de uma interjeição, a qual representa globalmente a situação a que se refere. No outro extremo, apresenta normalmente uma estrutura bimembre – a oração – centrada em um verbo com o qual se faz uma declaração – predicado – sobre um dado tema – sujeito.

A gramática tradicional, tratando de oração, diz que é todo enunciado linguístico organizado em torno de um verbo, conceito muito próximo do apresentado por Azeredo (2000, p. 45) “A *oração* é a unidade gramatical cujo eixo é o verbo”.

A partir da oração, chegamos, ao conceito tradicional de período como uma frase formada por uma ou mais oração e que transmite um sentido completo. Por

outro lado, para Azeredo (2000, p. 45), “[...] período é a unidade gramatical constituída de pelo menos uma oração e que pode funcionar como frase. O conceito de período coincide, neste caso, com o de oração, mas dele se distingue quando duas ou mais orações se ligam coordenativamente”.

Nesse caso percebemos que, em se tratando de uma frase formada por um só verbo ou locução verbal, o conceito de oração e período se assemelha. O que vai diferenciar um do outro será o número de oração e o fato de haver orações coordenadas no período.

Por outro lado, sabendo que nenhuma construção linguística é criada sem uma intenção e sem um interlocutor ao qual se destina, e considerando que o leitor/ouvinte também tem um papel ativo, no processo comunicativo, chegamos ao que costumamos chamar de enunciado. Para Simone Mussio (2015), em seu artigo *Um Olhar Alteritário em Bakhtin: o estudo do enunciado como forma de diálogo*, um enunciado presume um ato comunicativo. Vejamos o que ela fala sobre isso:

Já o enunciado, podendo ser escrito ou falado, presume um ato de comunicação social, sendo, desse modo, a unidade real do discurso. Neste processo, existe uma interatividade entre sujeitos. O “receptor” não é um ser passivo, mas, ao ouvir e compreender um enunciado, adota para consigo uma atitude responsiva, podendo discutir, direcionar, ampliar, concordar ou não com que está sendo “dito”, atuando de forma ativa no ato enunciativo. O locutor também não deseja uma reação passiva, mas um retorno, uma vez que age no sentido de provocar uma resposta, intervém sobre o outro buscando tocá-lo, convencê-lo, influenciá-lo. (2015, p. 182)

Analisando o exposto acima, entendemos que enunciado envolve uma situação real de comunicação. Depreendemos que uma unidade linguística, quando é usada num processo comunicativo, passa a ser um enunciado, pois cumpre uma função social. Desse modo, para contemplarmos esse lado social da linguagem, iremos nos referir a construções linguísticas como enunciados.

Então sabendo o que é frase, oração, período e tendo um conhecimento do que vem a ser enunciado, vemos a necessidade de explicitar o que podemos considerar como sintaxe de uma língua.

Para Azeredo, “A sintaxe – numa definição provisória, visto que ambiciosa – é a parte desse sistema que permite criar e interpretar frases.” (2000, p. 10) Segundo ele, a sintaxe permite tanto a criação de frases simples quanto a de frases mais

complexas. Através da sintaxe, compreendemos se uma frase está bem ou mal estruturada.

[...] A sintaxe do português, por exemplo, compreende as regras que tanto tornam possíveis enunciados banais como 'hoje é domingo' ou 'Que dia é hoje', ou excêntricos, como 'Napoleão temia que as tartarugas desovassem no seu imponente chapéu', quanto impedem sequências como 'Que dia serem hoje?' ou 'Seu imponente temia as que chapéu desovassem Napoleão tartarugas no'. (AZEREDO, 2000, p. 10)

Segundo Azeredo a estrutura gramatical do português possui vários níveis que são morfemas, vocábulos, sintagmas, orações e período, sendo que a morfologia aborda os morfemas e os vocábulos e a sintaxe trabalha com sintagmas, orações e períodos. Vemos que esse autor acrescenta ao que compete à sintaxe o que ele chama de sintagma. Segundo Azeredo, a partir dos sintagmas se formam orações, contrapondo a ideia de que as orações são formadas pela combinação de palavras.

Provisoriamente, diremos que a análise gramatical consiste em identificar essas unidades e as regras que permitem combiná-las entre si em cada nível. Tradicionalmente, os compêndios gramaticais têm-se referido aos níveis da oração e do período, recobertos pela *sintaxe*, e aos níveis do morfema e do vocábulo, recobertos pela *morfologia*. Manteremos esta distinção, por considerá-la adequada à descrição da gramática do português. O único problema está em não se ter explicitado um outro nível – o dos sintagmas – que medeia entre os vocábulos e a oração [...] Os vocábulos não formam a oração senão indiretamente. Eles se associam em grupos, os sintagmas, que são os verdadeiros constituintes da oração. (AZEREDO, 2000, p. 31 - Grifos do autor)

Em outro momento, Azeredo complementa que os sintagmas podem ser formados por palavras que se combinam ou por um simples vocábulo. “Convém deixar bem claro que nem sempre o sintagma resulta da união de vocábulos, assim como o vocábulo nem sempre resulta da união de morfemas. A diferença entre uns e outros é, portanto, de nível e não de tamanho ou complexidade interna.” (Azeredo, 2000, p. 33)

Por outro lado, Ferrarezi Jr. define a sintaxe de uma língua como: “parte que diz respeito às combinações feitas com as palavras, que formam esses trechos da língua que a gente usa para se comunicar (“sintaxe” significa ordenar, “organizar”; é claro que aqui se está falando da ordem das palavras);” (2012, p. 34). Segundo ele,

a Sintaxe (ciência) estuda a organização das palavras na construção de frases. Vejamos:

[...] a Sintaxe estuda justamente a sintaxe das línguas (ordenação, organização das palavras, construção das frases). Ou seja, com a Sintaxe vamos estudar as regras que são usadas para formar os trechos da língua que criamos quando falamos e quando escrevemos. (FERRAREZI, Jr., 2012, p.36)

Segundo esse mesmo autor, para se analisar essas regras é preciso estabelecer critérios, pois, a partir deles, podemos definir a natureza do modo como vamos refletir sobre essa língua. Um critério serve como fundamento para se promover um estudo de determinado aspecto.

Um critério é uma “medida”, um “padrão”, uma “referência”, uma “forma fixa de ver a coisa” que você usa como modelo único para analisar algo. Usar um critério para analisar uma parte da língua é escolher uma forma de ver essa parte e, então, usar sempre essa mesma forma de ver para as mesmas coisas que se analisa. (FERRAREZI Jr., 2012, p. 36 – Aspas simples)

O critério é a ferramenta necessária para fazer uma análise que seja sólida e leal à realidade observada, oferecendo os meios fundamentais para sabermos o ponto de partida, aonde se deseja chegar e o que deve receber a nossa maior atenção nesse estudo.

Ainda de acordo com ele, há muitos critérios para se analisar as línguas. Cada teoria gramatical faz uso de seus próprios critérios que são definidos pelo ponto de vista que se deseja utilizar. Assim, ao mudarmos o ponto de vista, precisamos mudar o parâmetro. Tendo isso em mente, devemos observar se esses padrões que empregamos estão de acordo com as respostas que desejamos obter, caso não estejam, devemos buscar outros que sejam mais apropriados. Segundo Ferrarezi, para obtermos bons resultados em uma análise, precisamos de bons critérios, sendo que eles devem estar de acordo com a natureza do que se deseja examinar. Por exemplo: se desejamos fazer um estudo sintático de uma língua, devemos usar parâmetros sintáticos, se for morfológico, usaremos padrões relacionados à morfologia. Vejamos o que ele fala:

Portanto, se eu estou estudando as regras sintáticas de uma língua, eu preciso de critérios que sejam sintáticos. Ou seja, seria muito bom se eu

pudesse usar, em minha análise, os mesmos critérios que a língua usa como base para criar e aplicar suas regras de organização das palavras. (FERRAREZI JR., 2012, p. 37)

Fazendo isso, seremos fiéis ao que é estudado, pois, ao observar os diversos aspectos, seguindo esse entendimento, estaremos respeitando a essência desse objeto, ou seja, estaremos buscando entender o modo como ele é formado, bem como identificando os elementos que fazem a sua composição e como funcionam. Desse modo, apreendemos a necessidade de se seguir essa linha, de se ter padrões de análise de acordo com o que se estar observando.

2 ESTUDO GRAMATICAL NA ESCOLA

Nesse segundo capítulo, iremos abordar o ensino tradicional da sintaxe na escola. Além disso, faremos uma análise da forma como esse estudo gramatical é tratado em alguns materiais didáticos usados em determinadas escolas.

Com todo o conhecimento obtido até aqui, nos perguntamos se as nossas gramáticas escolares, ao trabalhar com a análise sintática, seguem uma linha de raciocínio adequada ao objeto estudado. Será que elas possuem critérios sintáticos para se estudar a sintaxe do português?

Ferrarezi Jr. fala sobre critério, demonstrando que há problemas relacionados aos padrões usados pelas gramáticas tradicionais. De acordo com ele, “A falta de bons critérios é, justamente, um dos maiores problemas das gramáticas tradicionais no Brasil.” (2012, p. 37)

O autor citado acima faz essa crítica mostrando o conceito de sujeito que, comumente, encontramos nas gramáticas tradicionais (O conceito que define sujeito como ser sobre o qual se declara alguma coisa). Ferrarezi critica essa definição, revelando que, ao fazermos uma análise sintática, devemos nos preocupar com as partes que compõem as orações e não com seres que praticam ações:

[...] Se estamos analisando a sintaxe da língua, precisamos de critérios sintáticos, de ordenação, de organização das palavras, de como a língua combina e gruda as palavras entre si, e não de coisas sobre os seres do mundo e do que podemos dizer deles. (FERRAREZI JR., 2012, p. 38)

É preciso que busquemos entender o modo como as palavras se organizam para a produção de enunciados, produzindo sentidos completos e estabelecendo a comunicação entre os falantes.

Para esse autor, na análise sintática, devemos nos preocupar em:

- Saber como as palavras da língua se organizam nesse trecho, ou seja, como elas se combinam;
- Quais as regras que permitem essa organização;
- Como cada parte desse trecho funciona; e
- Se é possível classificar, dar nome a cada uma dessas partes com base em alguma dessas regras que a própria língua usa.(FERRAREZI JR., 2012, p.38)

Tendo por objetivo o que é indicado nos parágrafos anteriores, percebemos que a análise fica de acordo com a natureza do objeto estudado. Verificamos que há uma preocupação estritamente sintática, ou seja, busca-se o entendimento do modo como os elementos se agrupam na criação de frases, no estabelecimento de sentido. Agindo assim estamos evitando definições que estão mais ligadas a sentidos variáveis e, até de certa forma, evitando definições não muito confiáveis, pois podem abrir brechas para outras interpretações.

A análise sintática precisa ser feita com critérios sintáticos, pois somente assim ela estará mais próxima da realidade linguística estudada. Claro que podemos utilizar, como auxílio, definições de cunho semântico, relacionadas ao sentido de alguns termos dentro das orações, mas isso deve ser apenas uma ajuda, não um critério definitivo. O semântico é viável em determinados contextos, mas pode não ser em outros. Portanto devemos ter esse cuidado ao manuseá-lo.

Com base no que foi visto, devemos fazer análise sintática usando critérios sintáticos como afirma Ferrarezi Jr.:

[...] Em outras palavras, procuremos descobrir quais são as regras e os recursos que a própria língua utiliza para organizar seus textos falados e escritos, e usaremos essas regras e recursos como base de nossos critérios de análise. (2012, p. 39)

Por outro lado, ao observarmos o estudo sintático na gramática tradicional, percebemos essa tentativa de verificar o modo como se organizam as partes que compõem as frases, ou seja, a maneira como as palavras se combinam na formação de orações, apesar de, muitas vezes, fazer isso sem utilizar padrões sintáticos.

Pretendendo entender essa falta de padrões sintáticos, recorreremos à origem da gramática tradicional e verificamos que ela se inicia nas reflexões dos filósofos gregos antigos e, talvez, por isso, ainda hoje, vemos a tentativa de se definir termos sintáticos, usando conceitos lógicos. A expressão gramática tradicional, segundo Azeredo

[...] recobre um conjunto de esforços que, tendo início nas reflexões filosóficas dos gregos antigos, destinam-se a (a) explicar a natureza da linguagem, (b) descrever a estrutura e funcionamento das línguas, e (c) regulamentar seu uso consoante padrões quer lógicos quer literários de expressão. A interligação dessas propostas não impediu que, segundo os

interesses da época, qualquer delas tivesse primazia sobre as outras duas.
(2000, p. 16)

Considerando o que Azeredo fala, percebemos que, hoje, ainda há a primazia de um desses aspectos. Verificamos que, atualmente, há uma ênfase maior no terceiro. Muitas gramáticas ainda têm por objetivo principal ditar regras para o uso da norma padrão do português, ou seja, o objetivo maior é normativo. Afinal, há no entendimento das pessoas, por força talvez da tradição educacional, que estudamos gramática porque queremos falar e escrever bem, apesar de que muitos estudiosos da língua, hoje em dia, mostrem que isso é um engano e demonstrem que o aperfeiçoamento, ou uso satisfatório da língua só é adquirido com o uso efetivo. O falante desenvolve essa capacidade comunicativa na interação com as outras pessoas, bem como o leitor só aprende ler, lendo muito.

Mas, voltando ao modo como a gramática tradicional aborda a sintaxe, percebemos uma tentativa de se entender a natureza da linguagem. É perceptível a abordagem de aspectos sintáticos seguindo padrões lógicos. Encontramos, por exemplo, uma diferenciação entre frase nominal e frase verbal. A partir daí, procura-se uma evolução, passando para a frase verbal, que passa a ser chamada de oração. Na oração, é feita a observação das partes que a compõem. Dela depende-se o sujeito e o predicado, também conhecidos como termos essenciais. Partindo daí, para os termos integrantes e acessórios.

Verificamos, através desse estudo, que todos esses elementos que compõem uma oração são ordenados em uma sequência estabelecida pelas características da língua, ou seja, seguem a chamada ordem direta da oração. Essa ordem, por sua vez, em alguns momentos, pode ser quebrada por motivos expressivos, mais ligados ao momento e à intenção dos interlocutores envolvidos. O usuário da língua possui uma certa liberdade no que diz respeito à ordenação das palavras na oração, mas nem todos os elementos podem mudar essa ordem e isso é reconhecível pelos falantes. O usuário reconhece o que é passível de inversão e o que não pode ser mudado e segue isso naturalmente. Quando, por acaso, alguém desobedece algumas dessas regras, imediatamente, o seu interlocutor reconhece essa transgressão, mas, apesar disso, ainda tenta compreender a mensagem. Essas regras de ordenação são internalizadas logo que o falante começa a usar a língua.

Na ordem direta, o sujeito antecede o predicado, formando o que chamam de termos essenciais da oração. Falando sobre esses termos ditos essenciais, Azeredo (2000, p. 16 -17) explica que recebem essa nomenclatura (sujeito e predicado) porque a análise gramatical foi derivada da lógica, mantendo até hoje a mesma conceituação que foi usada na análise lógica.

Da análise lógica, esses conceitos passaram para a gramática tradicional de modo a serem utilizados até hoje em estudos sintáticos. Trazidos para o estudo gramatical atual, é compreensível que esses critérios não sejam suficientes, pois deixam brechas quando usados no exame de algumas orações. É o que Ferrarezi Jr. constata ao apreciar uma determinada oração. Nessa análise, ele demonstra que algumas orações podem possuir mais de um termo que se encaixa no *status* de sujeito. Ao analisar a frase: “A Maria bateu no pobrezinho do João doentinho na cama.” Ele verifica algumas possibilidades de ocorrência do sujeito (FERRAREZI JR., 2012, p 38). Vejamos:

De quem estamos falando alguma coisa aqui? Alguém poderia dizer que estamos falando de duas pessoas: da Maria (que bateu) e do João (que apanhou mesmo estando doentinho na cama). Mas, parece mesmo é que a frase dá mais atenção ao João do que à Maria. Bem, de toda forma, no mínimo, falamos de dois “seres” vivos e da cama, que não deixa de ser algo também, embora, na prática, parece que estamos mais chamando atenção para um desses “seres”: o João e sua condição. Mas, apenas a parte “A Maria” é o sujeito desse trecho.

Vemos que somente esse conceito tradicional não é capaz de dar total segurança à verificação do sujeito. Se nos basearmos somente nele, poderemos cometer alguns erros de análise. Precisamos de mais informações, através de critérios que especifiquem melhor esse termo. A análise da gramática tradicional ainda nos oferece um recurso que é bastante útil que é o fato de existir a concordância de número e pessoa entre o sujeito e o verbo. Essa informação é uma importante aliada na verificação desse termo, só não se encaixando em alguns tipos de concordância especiais e no caso de se trabalhar com outras variedades linguísticas que façam uso dessa concordância.

Em relação à essencialidade do sujeito, muitos linguistas já discutiram esse fato e concluíram que o sujeito não é tão essencial assim, pois, em alguns tipos de orações, há a ausência desse elemento. É o que acontece na chamada oração sem sujeito. Nessa oração, figura um tipo específico de verbo chamado de impessoal. Tal

verbo é aquele que aparece sem que não haja elemento ou sintagma nominal que faça a função de sujeito. Sujeito e predicado constituem um assunto relevante e que merece muita atenção quando fazemos análise sintática, pois pode causar muita confusão se não é bem compreendido.

2.1 SINTAXE DO PERÍODO SIMPLES NO ENSINO FUNDAMENTAL II

Ao se abordar a sintaxe no ensino fundamental II (anos finais do ensino fundamental), notamos a tentativa de promover ferramentas aos alunos para a análise linguística. O estudo gramatical busca seguir uma gradação de conteúdos. Esses conteúdos vão desde o estudo dos fonemas, passando por morfemas, sufixos e prefixos, até chegar às classes de palavras (alguns livros seguem ordens diferentes). Após isso, é abordada a sintaxe, no caso, a do período simples, no oitavo ano. Porém deve-se ressaltar que o período simples começa a ser visto desde o sétimo ano em alguns materiais didáticos. Outros materiais, já fazem menção à oração, ao sujeito e ao predicado já no sexto ano. Mas, geralmente, conclui-se o trabalho com período simples no oitavo ano. No nono ano, trabalha-se com período composto, mas nos limitaremos à estrutura sintática do período simples.

Na sala de aula, esse estudo seria muito bom, se fosse realmente aprendido pelo educando de modo satisfatório, mas, apesar de todo esse assunto estar dentro de uma didática, às vezes embasada em alguma teoria, encontramos muitos alunos no fundamental II, mais especificamente, no oitavo ano, com grandes dificuldades em compreender aspectos relevantes da análise de orações. Defrontamo-nos, frequentemente, com estudantes que não conseguem compreender a função de sujeito ou de objeto, por exemplo. Mas isso é explicado quando verificamos que a maior parte desses discentes não tem noção alguma (ou conhecem muito pouco) das classes de palavras. Existem alunos, nas nossas escolas públicas, que mudam de nível sem ter nenhuma base de morfologia, ou seja, há discentes, no ano citado acima, que não conseguem diferenciar um substantivo de um verbo e, portanto, dificilmente, vão compreender o que é um sujeito ou um objeto.

Como dissemos em outro momento, para entender melhor o estudo sintático, é imprescindível que tenhamos uma base morfológica, pois, conhecendo as classes, poderemos observar, de maneira clara, o modo como as palavras se relacionam formando sintagmas e, através deles, produzindo orações. Sem esse conhecimento, é perda de tempo falar sobre termos da oração.

Mas o problema é bem mais grave, pois, lidando diariamente com esses estudantes, observamos que a dificuldade aumenta, porque grande parte deles não possui uma leitura e uma escrita satisfatória. Ainda encontramos alunos, nesse nível

de estudo, com dificuldades na escrita e alunos que não conseguem ler e entender os textos propostos nas atividades.

Segundo Oliveira, esse fato vem sendo observado já há algum tempo, sendo motivo de reflexões, debates e críticas em décadas anteriores.

Não por acaso, o ensino de português tem sido o alvo de reflexões, debates e críticas ao longo das últimas cinco décadas. Desde os anos de 1960, tem-se discutido a prática docente e o fracasso, ou o pouco sucesso, dos estudantes brasileiros no que diz respeito à leitura e à produção de texto. Fatores diferentes já foram apontados como os responsáveis, ou corresponsáveis, por tal situação: o suposto déficit cultural das minorias e das camadas pobres da população, a falta de estrutura adequada nas escolas, o despreparo teórico dos professores. (OLIVEIRA, 2010, p. 12)

Dentre esses fatores citados acima, para Oliveira (2010, p.12) “a teoria do déficit é preconceituosa e reducionista.”

Consideramos os demais como fatores relevantes, mas devemos incluir a necessidade de se trabalhar com maior intensidade nas séries iniciais a leitura e a produção textual, pois, para que o aluno possa chegar ao estágio de poder refletir sobre a língua, através de um estudo gramatical, ele precisa está mais seguro no tocante à compreensão de texto. Não se pode exigir dos alunos a compreensão de aspectos sintáticos ou morfológicos, quando eles não conseguem compreender textos curtos e com linguagem simples.

Para o desenvolvimento da leitura e da escrita, Oliveira afirma que é importante o trabalho com gêneros textuais diferentes, pois todo gênero é produzido em uma situação e com uma intenção específica.

[...] Os textos que circulam realizam funções comunicativas diversas: convidar, persuadir, dissuadir, ameaçar, informar, solicitar, autorizar, convocar, descrever, instruir, ordenar, entreter, ofender, desculpar-se, agradecer, protestar etc. Por essa razão, apresentar gêneros textuais diversos aos estudantes é essencial para o desenvolvimento de sua competência comunicativa e de suas habilidades de ler e produzir textos. (OLIVEIRA, 2010, p. 84)

No caso, a prática da leitura de diversos textos é fundamental para ler e escrever bem, além de ajudar o aluno no desenvolvimento da competência comunicativa, que é a capacidade de usar a língua nas diferentes situações de comunicação.

O aluno sendo proficiente em leitura e em escrita estará mais apto a compreender conteúdos relativos ao estudo gramatical, pois, a partir daí, ele vai refletir sobre aspectos mais abstratos que dizem respeito à estrutura, classificação de formas e funções.

Observando o exposto acima, entendemos que o sistema educacional precisa ser modificado para atender de forma adequada todos os estudantes brasileiros. Porém sabemos que pode demorar a acontecer, pois não é algo tão simples. Isso depende de muitos fatores e de políticas públicas de qualidade, além da contribuição da familiar do discente.

Apesar de tudo o que foi dito, como professores necessitamos procurar meios para auxiliar o nosso trabalho, no tocante à abordagem da morfossintaxe, e para melhorar a aprendizagem dos nossos alunos. Necessitamos de estratégias que sejam eficientes na abordagem dos assuntos da disciplina que lecionamos. Precisamos estar sempre nos atualizando, fazendo novos estudos e estando em contato com novas teorias que possam contribuir para nossa faina diária. É isso que desejamos nesse trabalho: oferecer meios para melhorar o trabalho docente no tocante ao estudo morfossintático do período simples.

2.2 SOBRE A ESCOLHA DO LIVRO DIDÁTICO

Devido a fatores, muitas vezes, relacionados à carga horária dos professores, ao número de horas reduzido para planejamento de aulas e à necessidade de trabalhar em mais de um período (às vezes, mais de dois períodos), alguns professores acabam usando o livro didático como ponto de apoio fundamental e, frequentemente, utilizam-se desse livro como a principal ferramenta para a condução de suas aulas.

Além do fator tempo, deve-se ressaltar a impossibilidade, ocasionada pela carência de materiais didáticos em muitas escolas, do professor produzir um material que possa subsidiar suas aulas e, conseqüentemente, sair da dependência do manual do professor. Sabemos que muitas escolas públicas brasileiras possuem estruturas físicas deploráveis e, une-se a isso, a falta de meios que possam proporcionar um trabalho de pesquisa que auxilie o planejamento diário do professor. As bibliotecas (quando há biblioteca) apresentam um acervo reduzido com obras que não atendem a necessidade: algumas não possuem exemplares suficientes para um trabalho que contemple a quantidade de alunos de uma sala de aula, outras possuem obras que tratam de temas que não despertam o interesse dos alunos e muitas não apresentam material teórico em que o professor possa se apoiar para produzir o seu plano.

Por outro lado, o professor poderia se valer dos laboratórios de informática, se não fosse o fato de muitas escolas não disporem de uma internet de qualidade ou não conterem computadores que estejam sem nenhum problema técnico. Soma-se a isso, o fato de que existem escolas localizadas em regiões (muitas vezes no interior) em que o acesso à internet ainda é deficiente.

Tendo em vista a falta de tempo adequado de planejamento, bibliotecas defasadas ou pouco munidas de material e laboratórios de informática deficientes e, muitas vezes, inoperantes nas escolas, a “tábua de salvação”, para o trabalho diário do professor, acaba sendo o livro didático, o qual o docente segue sem muitas vezes ter tempo para uma análise aprofundada e reflexiva sobre os objetivos de suas aulas (se estão sendo alcançados). A consequência desses fatores apresentados é a adoção de uma rotina cansativa, sem novidades e, frequentemente, chamada de “chata” pelos alunos. Com base nisso tudo, o ideal seria que o professor tivesse

meios de não depender tanto do livro didático, mas isso pode levar tempo para acontecer e necessitará de mudanças no sistema educacional. Enquanto isso não acontece, vejamos como se dá a escolha do livro didático.

O Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) é o principal responsável pela distribuição do livro didático para as escolas públicas no Brasil. Para isso, as obras são inscritas no PNLD e são avaliadas pela Coordenação Geral de Materiais Didáticos (COGEAM). A COGEAM faz a seleção e a avaliação dos livros didáticos e também das obras inscritas no Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE). Os livros são inscritos pelos responsáveis que detêm os direitos autorais e são avaliados por especialistas de diferentes áreas do conhecimento.

Após avaliar, a COGEAM cria os Guias dos Livros Didáticos que são direcionados aos professores, bem como, aos diretores e coordenadores, orientando-os para a melhor escolha do livro didático nas escolas. Esse guia contém várias sugestões e dicas das obras selecionadas com informações importantes que ajudam na escolha.

O programa (PNLD) é executado a cada três anos em cada ciclo, sendo que isso acontece de modo alternado entre os anos iniciais do fundamental, os finais também do fundamental e o ensino médio. Então uma coleção escolhida em um ano deverá ser utilizada durante um período de três anos. Por esse motivo, os alunos são orientados a respeito da necessidade de preservação desse material. Assim como, é de grande importância que os docentes façam uma boa escolha, já que farão uso deles por um bom período de tempo.

Para a sua avaliação, geralmente, as escolas recebem algumas coleções que devem ser analisadas pelos docentes. O grupo de docente, ao analisar a coleção, deve ter em mente se os conteúdos apresentados nos exemplares estão de acordo com cada nível de ensino. Também deve ser observado se a linguagem e a seleção vocabular estão adequadas aos anos e se as atividades são claras e ajudam a compreender o conteúdo. Os professores precisam observar as estratégias utilizadas para a apresentação dos conteúdos, se despertam ou não o interesse dos discentes, além de verificar se buscam a formação de cidadãos críticos e atentos às mudanças sociais. Também é necessário que as obras promovam o contato do conhecimento em diversos suportes e gêneros: televisão, filmes, músicas, vídeos etc. com sugestões que possam ser adotadas pelos alunos.

Informar-se sobre o currículo do autor, se tem experiência na área, e as suas opiniões sobre assuntos relevantes à educação é importante para a escolha. Verificar o manual do professor, observando se oferece um complemento adequado ao trabalho em sala de aula é outro critério que costuma ser seguido.

Observando todos esses pontos, os professores passam a verificar a disposição do conteúdo nas páginas, o tipo e o tamanho de letras que são usados, as imagens, os gêneros textuais apresentados bem como a análise interpretativa de texto, a produção textual e o estudo gramatical.

Em relação ao gênero textual, há sempre uma preocupação em verificar se o material apresenta uma boa diversidade de gêneros e se esses gêneros (pelo menos parte deles) podem ser usados no dia a dia do aluno. Da mesma forma, é averiguada a análise das características desses gêneros, observando a estrutura, onde costuma circular, intencionalidade, temas abordados etc.

Luciano Amaral de Oliveira, falando sobre o gênero textual na escola, afirma que é indispensável o trabalho com tal assunto. Segundo esse autor, o aluno precisa se familiarizar com as diversas formas em que um texto pode aparecer dentro da sociedade. Examinemos o que ele diz:

O trabalho explícito com os gêneros textuais é indispensável nas aulas de leitura. Na prática docente, o professor precisa apresentar aos alunos gêneros diversos para eles se familiarizarem com formas distintas que os textos tomam para circular na sociedade. Por essa razão, realizar atividades de análise de gêneros é importante para atingir esse objetivo. Além disso, tais atividades dão oportunidades ao professor de abordar dois elementos pragmáticos de textualidade: a intencionalidade e a aceitabilidade. (OLIVEIRA, 2010, p. 86)

Quanto ao estudo gramatical, há sempre uma preocupação em encontrar uma coleção que ofereça, de modo sistemático e claro, assuntos linguísticos. Os professores observam o modo como esses assuntos estão sendo abordados, se seguem uma divisão adequada, a forma como introduzem um conceito e os exercícios se estão sendo feitos a partir de textos. Hoje é um ponto crucial, na escolha do livro, o trabalho com a análise gramatical dentro do texto. Há uma busca pela gramática contextualizada, quando se escolhe um material didático.

Também é procurado um material que contenha textos que trabalhem com temas que possam despertar a curiosidade dos alunos. Temas relacionados a fatos

da atualidade como filmes, esportes, músicas etc. Isso para despertar a atenção do discente, fazendo-o interagir efetivamente nas suas ações com os textos.

Tendo em mente o que foi dito no parágrafo anterior, ao se analisar uma coleção, é necessário direcionar o estudo para uma aprendizagem significativa. De acordo os Parâmetros Curriculares Nacionais:

As aprendizagens que os alunos realizam na escola serão significativas na medida em que eles consigam estabelecer relações entre os conteúdos escolares e os conhecimentos previamente construídos, que atenda às expectativas, intenções e propósitos de aprendizagem do aluno. (BRASIL, 1998, p. 72)

Então, por esse motivo, é muito importante que, no livro, apareçam textos que lidem com temas que possam se relacionar aos conhecimentos que os alunos já possuem. Esses conhecimentos estão relacionados ao que Oliveira chama de conhecimentos enciclopédicos, ou seja, é o conhecimento de mundo, criado a partir de suas experiências. Segundo Oliveira (2010, p.60)

CONHECIMENTOS ENCICLOPÉDICOS são aqueles que possuímos a respeito do mundo, os quais incluem os conhecimentos gerais, característicos do senso comum, e os conhecimentos mais específicos, tanto em termos culturais quanto em termos técnicos. (Grifo do autor)

Através do relacionamento entre os conhecimentos presentes no texto e os que o leitor já traz através de suas vivências e relações sociais, o estudante poderá chegar às informações que são expressas por determinados textos.

Todos esses aspectos devem ser observados, quando se faz a escolha do material didático, pois esse, para muitos professores, será principal fonte de consulta, em que o docente irá se orientar.

Depois de uma discussão sobre todos esses aspectos relevantes do material, é ouvida a opinião de todos envolvidos nessa seleção e fazem a escolha que se adequa melhor a proposta de ensino da escola.

2.3 O LIVRO DIDÁTICO SELECIONADO

O livro didático definido para os anos de 2017, 2018 e 2019 à escola a qual se destina esse trabalho é a coleção Universos: Língua Portuguesa, organizada pelas Edições SM.

Foto 1 – Capa de livro do oitavo ano da Coleção Universos



FONTE: Elaborada pelo autor.

Em relação à organização do conteúdo, o livro Universos: Língua Portuguesa, 8º ano, está distribuído em quatro unidades, sendo que cada unidade comporta três capítulos, formando, ao todo, doze capítulos. Cada capítulo apresenta as seções *Antes da Leitura* (onde se busca ativar conhecimentos prévios dos alunos), *Durante a Leitura* (o livro lança desafios: uma forma de chamar atenção dos alunos para alguns aspectos do texto), *Texto* (nessa seção, aparecem textos de diferentes gêneros) e *Depois da Leitura* (são apresentados os exercícios para a interpretação de texto e para o estudo de conteúdos linguístico), sendo que alguns capítulos

apresentam a seção *Oficina de Texto* (onde são apresentados módulos que conduzem a uma produção escrita).

Na seção *Depois da Leitura*, são expressas as subseções *A reconstrução dos sentidos do texto* (são destacados, através de exercício, aspectos importantes para a interpretação do texto) e *A gramática na reconstrução dos sentidos do texto* (nessa subseção, há a análise de recursos linguísticos que ajudam a compreender os sentidos do texto). No final dessa seção, aparece a subseção *Avalie o que você aprendeu*. Nessa última subseção o aluno deve relembrar um pouco o que aprendeu durante o capítulo.

Após os doze capítulos, há um suplemento chamado de Mais Gramática, é uma espécie de capítulo à parte, onde se encontram exercícios suplementares relacionados ao estudo linguístico. Geralmente, quando o aluno está fazendo os exercícios da subseção *A gramática na reconstrução dos sentidos do texto*, aparecem boxes sugerindo que o discente vá até o suplemento Mais Gramática fazer mais exercícios sobre o assunto abordado.

Notamos, através da análise dessa coleção, que é dada ênfase ao estudo com o texto. Há um trabalho antes e depois da leitura. Primeiro, para a ativação de conhecimentos prévios sobre o tema abordado no texto e, depois, um exercício de interpretação do texto, para a compreensão de todos os aspectos que contribuem para um maior entendimento do que está sendo abordado no texto. Isso nos remete ao que é dito nos Parâmetros Curriculares Nacionais:

Uma vez que as práticas de linguagem são uma totalidade e que o sujeito expande sua capacidade de uso da linguagem e reflexão sobre ela em situações significativas de interlocução, as propostas didáticas de ensino de Língua Portuguesa devem organiza-se tomando o texto (oral ou escrito) como unidade básica de trabalho, considerando a diversidade de textos que circulam socialmente. Propõe-se que as atividades planejadas sejam organizadas de maneira a tornar possível a análise crítica dos discursos para que o aluno possa identificar pontos de vista, valores e eventuais preconceitos neles veiculados. (BRASIL, 1998, p. 59)

Vemos também, em muitos capítulos, um grande espaço reservado para o trabalho com a produção textual na subseção denominada *Oficina do Texto*. Nessa subseção, são apresentados módulos que funcionam como orientações gradativas para a construção de um texto. O estudante segue todos os módulos, fazendo as avaliações e correções necessárias, até finalizá-los com uma produção.

Em relação ao estudo gramatical, percebemos que são reservados apenas dois momentos, geralmente. Um, na subseção, A Gramática na reconstrução dos sentidos e outro, no suplemento Mais Gramática. Às vezes, em uns módulos da subseção Oficina do Texto são abordados conteúdos referentes à ortografia. Percebemos que a maior parte do estudo da gramática é feito com base em textos. Busca-se partir do texto para a formulação dos conceitos gramaticais, como afirma o Manual do Professor:

[...] Esta coleção, de fato, opta pelo trabalho, proposto por Costa Val (2002), de organizar as atividades de conhecimentos linguísticos a partir de e para os textos: a chamada “gramática do texto, no texto”. Fizemos uma inversão do chamado caminho tradicional, que se organiza a partir da apresentação da teoria e dos exemplos para chegar aos exercícios. Nesta coleção, o aluno começa o trabalho da prática para chegar à teoria; ele vai do concreto (o texto materializado) para o abstrato (apreensão da teoria gramatical). (PEREIRA; BARROS; MARIZ, 2015, p.290)

Também percebemos que o livro realiza uma abordagem da gramática tradicional, porém tenta fazer um estudo de conceitos tradicionais de forma reflexiva, como é dito no Manual do Professor. Vejamos:

Não é nosso desejo, de forma alguma, caro professor, que você abandone seus modelos teóricos e assuma, sem está devidamente amparado, modelos teóricos considerados mais produtivos, mesmo advindos da academia, de documentos oficiais, de manuais didáticos. Nossa preocupação, ao longo da coleção, é que você e seus alunos, em sala de aula, possam lidar com os conteúdos gramaticais tradicionais de forma mais reflexiva. (PEREIRA, BARROS; MARIZ, 2015, p.290)

Bezerra e Reinaldo (2013, p. 52 – 53), no livro *Análise Linguística: afinal, a que se refere?*, elaboram uma investigação de diversas coleções de livros didáticos de Língua Portuguesa do anos finais do fundamental. Nesse estudo, examinam três tendências relacionadas ao estudo das unidades da língua nas coleções analisadas. Vejamos quais são essas tendências.

[...] a primeira conserva a perspectiva da gramática tradicional, tanto na denominação das seções quanto na abordagem do tema e na elaboração das atividades destinadas aos alunos; a segunda adota denominações relacionadas à análise linguística (influenciada pelas teorias da Linguística Moderna), mas ora aborda exclusivamente temas da tradição gramatical (nomenclatura e classificação da palavra e da frase), ora os explora

acompanhados dos tópicos da linguística de texto (critérios de textualidade) e/ou de estudos de sentido (envolvendo argumentação, interação, aspectos sociopragmáticos da língua, entre outros) e, conseqüentemente, elaboração de atividades correspondentes aos temas que foram abordados; e a terceira tendência também adota denominações relacionadas à análise linguística, mas sem abordagem sistematizada de temas, nem de atividades a eles correspondentes. (BEZERRA; REINALDO, 2013, P. 52 – 53)

A tendência abordada na coleção Universos, como dito no Manual do Professor e como verificado com base na citação acima, é a que conserva a gramática tradicional, mesmo sendo utilizada no texto.

Ao observar o modo como estão organizados os conteúdos gramaticais nessa coleção, constatamos alguns pontos que merecem a nossa atenção. Inicialmente, verificamos que os assuntos linguísticos são apresentados de modo fragmentado, o que pode trazer prejuízos para o aluno, já que, ao se estudar o que tradicionalmente é chamado de termo da oração, por exemplo, o estudo fica meio espaçado, pois é visto um termo em um capítulo e só é visto outro, depois de alguns capítulos. Isso faz com que o estudante não se lembre do que é um sujeito, por exemplo, quando passa a estudar adjunto adverbial ou outro termo da oração. Além disso, essa fragmentação faz o aluno não perceber a ideia de sistema da língua. Ele acaba não compreendendo essa relação de interdependência existente entre os elementos que compõem uma oração.

Por outro lado, verificamos o pouco número de exercícios relativos à gramática. Esse número reduzido de atividades pode ser também um problema, no sentido de que o discente precisa de uma prática maior para a compreensão de conceitos linguísticos. Além de que, com uma prática de análise linguística maior, é mais propício a um aprofundamento relativo a esse aspecto da língua.

Outro ponto que chama a atenção de quem faz uso da coleção Universos é a repetição de assuntos no decorrer dos anos. Percebe-se que, enquanto alguns assuntos são vistos apenas uma vez, outros são vistos muitas vezes, nos capítulos de alguns dos livros da coleção. Então falta uma melhor distribuição dos assuntos abordados nesses livros.

Com base em tudo o que foi exposto acima sobre a coleção Universos: Língua Portuguesa, anos finais do fundamental, constatamos que se trata de uma obra com muitos pontos positivos, relativos ao trabalho com texto, porém, quando parte para o estudo de categorias linguísticas, acaba manifestando algumas falhas.

Por esse motivo, achamos necessário que tenhamos um material de apoio que possa agir como complemento, oferecendo, desse modo, teoria e atividades que possam ser desfrutadas pelos alunos e pelo professor.

3 PROPOSTA DE INTERVENÇÃO: CRIAÇÃO DE MANUAL AUXILIAR DE APOIO AO TRABALHO COM LIVRO DIDÁTICO

3.1 DA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

Essa proposta de intervenção destina-se às turmas de oitavo ano do ensino fundamental, bem como aos seus respectivos professores, da Escola de Ensino Fundamental Estado da Paraíba. Apesar desse nome, esta instituição de ensino fica localizada na cidade do Crato no estado do Ceará. Esta cidade, por sua vez, se encontra na Região do Cariri a pouco mais de 500 quilômetros da capital do estado, Fortaleza.

Foto 2 – Escola de Ensino Fundamental Estado da Paraíba



FONTE: Elaborada pelo autor.

A E.E.F. Estado da Paraíba é bastante conhecida na cidade por oferecer um ensino de qualidade e por sempre atingir bons resultados nas avaliações externas. É uma escola em que todos os profissionais se comprometem de modo a estarem sempre buscando proporcionar um serviço adequado e uma melhoria da qualidade do ensino na cidade. Embora esteja localizada na zona urbana, é frequentada por muitos alunos da zona rural do município. Em dezembro de 2017, estava dando

assistência a um total de 679 alunos em dois turnos: manhã e tarde. Desse número de alunos, 172 estavam cursando o oitavo ano, nesse mês referido acima.

Essa unidade escolar é regida pelo estado, através 18ª Coordenadoria Regional de Desenvolvimento da Educação (CREDE), mas, nos últimos anos, está se encaminhando para uma municipalização, o que, de certa forma, causa muita preocupação para todos que fazem parte dessa instituição, já que muitas escolas administradas pelo município possuem problemas administrativos e estruturais. A comunidade teme que a qualidade do trabalho ofertado por essa instituição entre em declínio com a municipalização. Mas deixemos esse problema de lado e passemos à proposta de intervenção.

Para aperfeiçoar as aulas sobre o estudo do período simples, propomos um manual de apoio em que será apresentado de modo sistemático um estudo sobre o referido assunto citado acima. Nesse manual, haverá também atividades que se utilizam de textos que fazem parte do dia a dia dos alunos.

Sabemos que o livro didático oferece um trabalho com a morfossintaxe, mas já vimos que esse material didático apresenta alguns problemas. Então esse estudo produzido aqui vem para complementar, servir de suporte ao livro didático usado na referida escola.

Considerando o fato de que todos os falantes nativos de língua portuguesa utilizam de modo competente essa língua, realizando o processo comunicativo de maneira satisfatória, a escola vem como uma facilitadora em relação à possibilidade de explorar todos os recursos que a língua pode oferecer. A linguagem, como sabemos, já é bastante utilizada pelo ser humano antes de sua entrada na escola e esta não é a responsável pela sua aquisição.

Com base nisso, Carlos Franchi (2006) considera três tipos de atividades presentes na vida do falante de uma língua, as atividades linguísticas, epilinguísticas e metalinguísticas. Para ele, os anos iniciais da vida escolar deveriam está direcionados para as duas primeiras atividades, pois elas estão ligadas ao uso efetivo, à exploração dos recursos expressivos que uma língua pode proporcionar. As atividades linguísticas já vêm sendo praticadas pelos alunos antes da sua entrada na escola, pois elas se dão no uso efetivo com o objetivo de se comunicar.

De acordo com esse autor

Todas as primeiras séries da vida escolar deveriam estar voltadas, prioritariamente, para as atividades linguística e epilinguística. A atividade linguística é nada mais que o exercício pleno, circunstanciado, intencionado e com intenções significativas da própria linguagem. Ela já se dá, obviamente, nas circunstâncias cotidianas da comunicação no âmbito da família e da comunidade de nossos alunos. (FRANCHI, 2006, p. 95)

Desse modo, entendemos que, ao servir-se da linguagem no ambiente familiar ou para se socializar com os que estão próximos, o falante estará praticando a atividade linguística. O estudante já usa essa atividade muito antes da sua chegada à escola, pois já se comunica bem com os seus familiares e amigos.

Já a atividade epilinguística é relativa à exploração dos recursos expressivos. Ao empregar uma língua, o usuário buscará aperfeiçoar esse uso de modo a torná-lo mais eficiente. Para isso, ele precisará de uma prática (às vezes, intensiva), pois a partir daí, ele testará as possibilidades, fará comparações e hipóteses, visando a uma maior expressividade. Segundo Franchi (2006, p. 97)

E aí que começa uma prática ou intensificação de uma prática que começa na aquisição da linguagem, quando a criança se exercita na construção de objetos linguísticos mais complexos e faz hipóteses de trabalho relativas à estrutura de sua língua. Chamamos de atividade epilinguística a essa prática que opera sobre a própria linguagem, compara as expressões, transforma-as, experimenta novos modos de construção canônicos ou não, brinca com a linguagem, investe as formas linguísticas de novas significações.

Assim, é com as atividades epilinguísticas que o falante começa a agir na linguagem e com a linguagem, pois adquire a percepção de que existem diferentes maneiras de se atingir um objetivo, usando a língua. Esta passa a ser utilizada para cumprir novos propósitos, além da simples troca de informação, como provocar humor, emocionar, surpreender etc. A língua tende a exprimir de modo claro (ou não) as intenções do falante e passa a ser compreendida como uma maneira de agir no outro, de provocar reações no seu interlocutor, de tentar fazer com que o outro adquira determinado comportamento, adote uma postura diferente ou, simplesmente, concorde com a opinião do falante. É nessa atividade que a língua pode se tornar um instrumento de dominação, pois é com ela que são feitas as propagandas e os discursos políticos. É com ela que transformamos algo ruim no seu oposto. O usuário que consegue desenvolver bem essa atividade tem muita tendência a exercer uma posição de liderança na nossa sociedade.

O terceiro tipo de atividade que Franchi (2006) indica é a atividade metalinguística. Esta, por sua vez, está relacionada ao conhecimento que o falante tem sobre a linguagem, ou seja, é a partir dela que estudamos as categorias linguísticas, que fazemos a chamada análise linguística. De acordo com Franchi (2006, p.98)

[...] é somente sobre fatos relevantes de sua língua (relevantes = carregados de significação) que o aluno de gramática pode fazer hipótese sobre a natureza da linguagem e o caráter sistemático das construções linguísticas, e pode um dia falar da linguagem, descrevê-la em um quadro nocional intuitivo ou teórico. Uma atividade metalinguística.

Entendemos a atividade metalinguística, desse modo, como uma forma de descrição da estrutura da língua, ou seja, é quando falamos, por exemplo, de aspectos relativos à morfologia e à sintaxe, descrevendo o modo de organização ou a natureza dos elementos que fazem parte de uma palavra ou de um enunciado linguístico. A observação de tais aspectos, bem como, a sua investigação minuciosa, farão o que chamamos, hoje em dia, de estudos gramaticais. E quando aplicamos isso em sala de aula fazemos um tipo de análise linguística.

Analisando a maneira como é concebida a análise linguística em trabalhos acadêmicos, Bezerra e Reinaldo apresentam as seguintes informações:

[...] verificamos que a concepção de análise linguística proposta e divulgada na academia, em relação ao ensino de Língua Portuguesa, é a de que ela corresponde a um conjunto de atividades epilinguísticas e metalinguísticas, orientadas por uma determinada perspectiva teórica. (BEZERRA; REINALDO, 2013, p. 61)

Então são trabalhadas essas duas atividades citadas acima dentro de uma perspectiva, ou seja, tendo uma base fundamentada em uma teoria difundida pela universidade.

Quando recebe uma roupagem didática, essas atividades chegam aos livros didáticos sob uma perspectiva amparada na teoria tradicional, ou em outra teoria ou pela união da tradicional com outra teoria linguística. Observemos o que Bezerra e Reinaldo falam sobre isso:

A partir do processo de didatização, essa concepção de análise linguística, como um conjunto de atividades epilinguísticas e metalinguísticas, chega ao

livro didático ancorada ora na tradição gramatical, ora em teorias linguísticas, ora no amálgama dessas orientações. (2013, p.61)

É o que acontece com muito material didático utilizado nas escolas.

Sabendo desses três tipos de atividades relacionados à linguagem, compreendemos que, para chegar às atividades metalinguísticas, é preciso que o aluno já tenha explorado de maneira satisfatória as atividades epilinguísticas. Com o uso efetivo da língua nas situações de comunicação do seu dia a dia, produzindo as atividades linguísticas e com o conhecimento de que há diversas possibilidades de utilização de uma determinada língua, a partir daí o aluno irá começar, naturalmente, a refletir sobre sua língua. Nessa reflexão, estará fazendo o terceiro tipo de atividade, a metalinguística.

O problema que aparece, em muitos momentos, consiste em não se compreender esses tipos de atividade. Antes de o aluno estar se utilizando satisfatoriamente das epilinguísticas, iniciar a reflexão sobre a língua, utilizando para isso a metalinguística, pode trazer problemas para a sua aprendizagem. Então, com base nisso, supõe-se que o aluno conseguirá refletir, claramente, sobre aspectos estruturais ou pragmáticos da língua, a partir da utilização de boa parte dos recursos que ela tem a oferecer.

Pensando assim, entendemos que a análise metalinguística vai surgir com o amadurecimento do discente e com o uso efetivo da linguagem. Nesse caso, supõe-se que, para fazermos uso da metalinguística, precisamos estar bem familiarizados com a epilinguística.

Com base no exposto acima, propomos, nesse trabalho, o uso de atividades epilinguísticas e metalinguística considerando informações da gramática tradicional e de teorias linguísticas como a funcionalista e a estruturalista.

Buscamos, considerando o que foi apresentado, produzir um material que seja complementar ao estudo gramatical abordado no livro da coleção Universos, oitavo ano do fundamental. Como vimos, anteriormente, a teoria linguística abordada nessa coleção é a teoria tradicional, portanto, queremos ser coerentes com a proposta do material didático e produzir um trabalho que siga a mesma linha de estudo.

Devemos ressaltar que faremos uso de textos, visando uma análise contextualizada dos estudos gramaticais. Falando sobre a gramática no texto, Carlos Franchi fala sobre a necessidade de concebê-la de um modo diferente. Vejamos.

Não é verdade que a gramática nada tem a ver com a produção e a compreensão do texto: ela está na frasezinha mais simples que pronunciamos. Mas é preciso concebê-la de um modo diferente: como o conjunto das regras e princípios de construção e transformação das expressões de uma língua natural que as correlacionam com o seu sentido e possibilitam a interpretação. Antes de ser um livro de etiquetas sociais ou um manual descritivo, a gramática é de início, esse saber linguístico que todo falante possui, em um elevado grau de domínio e perfeição. Em um segundo plano, a explicitação formal do caráter abstrato e geral desse saber. (FRANCHI, 2006, p. 99)

Compreendemos, desse modo, a necessidade de estarmos atentos a essas características da gramática, tendo em vista o fato de que ela é algo natural a todo falante e está presente em todas as construções linguísticas produzidas em situações de comunicação. Ao se trabalhar com estudos linguísticos na escola, estaremos analisando esse saber linguístico que todo falante tem.

3.2 O MANUAL DE APOIO

Esse manual de apoio consiste em um material produzido com intuito de apresentar informações fundamentais sobre o estudo da morfossintaxe do período simples. É uma produção que será constituída de conceitos básicos do campo da morfossintaxe acompanhados por exercícios para uma melhor absorção de tais conteúdos por parte do aluno.

É um trabalho destinado a professor e a aluno, pois contribuirá para a atuação de um, no tocante a ter atividades disponíveis para a complementação do que é visto no livro didático, além de ter muitas informações que podem auxiliar no planejamento de aulas, como também ajudará o aluno como uma fonte de pesquisa e, ao mesmo tempo, um suporte para a prática da análise linguística fora do livro didático.

Os conteúdos gramaticais relativos ao período simples serão vistos de modo sistemático, buscando preservar a relação existente entre os elementos que compõem um enunciado linguístico, desse modo, o estudante observará a hierarquia existente entre termos, bem como, a relação entre determinantes e determinados na composição de enunciados.

Busca-se compreender a estrutura do período simples e a funcionalidade dos elementos usados na criação de enunciados, sempre tendo em mente a função comunicativa da linguagem. Para isso, nos ocuparemos da morfossintaxe em textos de diversos gêneros, fazendo análise linguística de períodos que pertencem a textos que cumprem funções sociais e que circulam, na nossa sociedade, carregados de intencionalidade.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCG
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES – CFP
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS



PROFLETRAS

Francisco Paulo Bezerra Silva

Morfossintaxe do período simples: perspectiva com alunos do oitavo ano

Cajazeiras – PB

2017

Apresentação

Caro (a) aluno (a),

Esse manual de apoio foi criado com o objetivo de oferecer contribuições ao estudo de língua portuguesa, mais especificamente ao estudo da morfossintaxe da nossa língua.

Sabemos que o termo morfossintaxe pode soar novo para você, pois não é tão comum ele aparecer nos livros didáticos dos quais fazemos uso nas nossas escolas. Por esse motivo, vemos a necessidade de explicar a que esse termo se refere. Morfossintaxe é o estudo que fazemos relacionando morfologia e sintaxe, ou seja, é quando verificamos que os mecanismos de flexão das palavras são utilizados para relacioná-las na produção de frases. Quando, por exemplo, observamos que o adjetivo se flexiona em gênero e número para acompanhar um substantivo, estamos fazendo análise morfossintática, pois vemos que a flexão (morfologia), nessa situação, é um mecanismo usado para relacionar essas palavras (sintaxe).

Nesse material apresentado aqui, serão abordados conceitos básicos da morfologia, relativos à identificação das classes gramaticais, e conceitos referentes à sintaxe, ou seja, que designam a função exercida pelas palavras na oração.

Ao final de cada classe gramatical e de cada função sintática, são apresentados exercícios que servirão para a construção dos conhecimentos relativos ao comportamento de determinada classe na oração. São exercícios que se baseiam em textos muito divertidos, agradáveis e que chamam a atenção pela criatividade na produção ou pelo conteúdo apresentado.

Quanto aos exercícios, deve-se observar que foram estruturados com o objetivo de fazer você perceber o funcionamento das palavras na oração, ou seja, deseja-se que você observe como as palavras se comportam na oração, com quem elas se relacionam e se podem ser substituídas por outras que pertencem a classes diferentes. Desejamos ao final que você observe que existem diferentes modos de se ordenar as palavras, bem como existem diversas maneiras de se explicitar um conteúdo.

Com base no exposto nos parágrafos anteriores, temos certeza que esse manual vai ser muito útil a você, servindo como auxílio ao trabalho com o material didático. Desse modo, desejamos um bom estudo.

O autor.

SUMÁRIO

Objetivo Geral	69
Objetivos Específicos	69
Morfossintaxe	70
Morfologia	70
Substantivo	70
Verbo	75
Adjetivo	80
Numeral	84
Pronome	86
Artigo	94
Advérbio	97
Preposição	100
Conjunção	102
Interjeição	104
Sintaxe	106
Frase	107
Oração	107
Período	108
Estudo sobre o período simples	110
Sujeito	110
Sujeito Simples	112
Sujeito Composto	112
Sujeito Implícito	112
Sujeito Indeterminado	113
Oração sem Sujeito	114
Predicado	116
Verbo Intransitivo	116

Verbo transitivo	116
Verbo Transitivo Direto	116
Verbo Transitivo Indireto	116
Verbo Transitivo Direto e Indireto	117
Verbo de Ligação	117
Tipos de Predicado	118
Predicado Verbal	119
Predicado Nominal	119
Predicado Verbo-nominal	119
Complementos Verbais	121
Objeto Direto	122
Objeto Indireto	122
Complemento Nominal	124
Predicativo	125
Predicativo do Sujeito	125
Predicativo do Objeto	125
Adjunto Adnominal	127
Adjunto Adverbial	129
Agente da Passiva	131
Aposto	132
Tipos de Aposto	132
Vocativo	134
Gabarito dos exercícios	135
Referências	143

Objetivo Geral

Contribuir para o desenvolvimento do conhecimento linguístico do aluno, através da prática de atividades epilinguística e metalinguística, visando auxiliá-lo no aperfeiçoamento da sua competência comunicativa.

Objetivos específicos

Apresentar conceitos referentes à morfossintaxe, visando ao domínio por parte do aluno desse estudo linguística;

Propor exercícios com gêneros textuais diversificados para o oitavo ano do ensino fundamental, objetivando um estudo com a morfossintaxe no texto;

Adquirir um conhecimento sobre as classes gramaticais bem como sobre suas funções sintáticas dentro da análise sintática;

Promover a prática da análise morfossintática, visando conhecer que há muitas possibilidades de combinação dos termos dentro da oração e que essas possibilidades servem a um fim comunicativo;

Reconhecer a estrutura sintática do período simples.

Morfossintaxe

Morfologia consiste em analisar o vocábulo no tocante à sua classificação, sua flexão, sua estrutura e sua formação. Então, ao classificar um vocábulo em substantivo, adjetivo etc., ou, analisar os mecanismos de flexão ou de formação de uma palavra, estamos fazendo um estudo morfológico.

Por outro lado, a sintaxe diz respeito à forma como os vocábulos se organizam na constituição de oração. Na gramática tradicional, um tipo de estudo sintático consiste na identificação das funções dos vocábulos em determinadas orações e na classificação dessas funções em sujeito, predicado etc.

Já a o termo morfossintaxe, de acordo com Peixoto Filho (2017, p.23), “estaria associado ao estudo das classes gramaticais considerando a organização sintática no período”.

Morfologia

Inicialmente, iremos apresentar as classes gramaticais tradicionais. Para isso, faremos um recorte do que julgamos essencial para a identificação de cada classe em enunciados. No final de cada seção, haverá exercícios que ajudarão a entender as características e o comportamento de cada classe em diversas orações.

Substantivo:

Leia a tirinha abaixo:



Fonte: Editora Brasil (2017)

Na tirinha acima, Suriá e sua amiga transformam-se em fadas e acabam usando seus poderes para um determinado fim: transformar os seus amigos em objetos e seres. Todos esses objetos e seres recebem um nome: **escada**, **pudim**, **flor**, **pistom** e **macaco**. Essas palavras usadas para dar nome a tudo isso são chamadas de **substantivo**.

Então, **substantivo**: é a classe gramatical que geralmente é usada para dar nome a tudo em geral: seres, objetos, lugares, sentimentos, estados etc.

Os **substantivos** geralmente podem indicar **gênero** (masculino e feminino), **número** (singular e plural) e **grau** (aumentativo e diminutivo).

Na tirinha a seguir, há um diálogo entre mãe e filho a respeito de um acontecimento da escola. No primeiro quadrinho, Calvin fala: “Mãe, consegui um papel na peça da escola!”. Notem que aparecem alguns substantivos: **mãe**, **papel**, **escola** e **peça**. Dentre esses substantivos, há três que pertencem ao gênero feminino (mãe, escola e peça) e um ao masculino (papel). Observe:



Fonte: Tais mais (2012)

Observe.

Mãe, consegui um papel na peça da escola!

Um papel; na (em + a) peça; da (de + a) escola

À frente dos substantivos, geralmente, aparecem artigos indicando o gênero e o número dos substantivos os quais estão acompanhando.

Todos os substantivos destacados na frase acima estão no singular, mas poderíamos, caso fosse necessário, passá-los para o plural. Vejamos como ficaria a frase se colocássemos a palavra **papel** para o **plural**:

*Mãe, consegui uns **papéis** na peça da escola!*

Se passássemos a palavra **peça** para o **plural**:

*Mãe, consegui um papel nas **peças** da escola!*

Se colocássemos a palavra **escola** no **plural**:

*Mãe, consegui um papel na peça das **escolas**!*

Ao fazer essas mudanças, o **artigo** também foi para o mesmo **número** do substantivo.

Agora observe a tirinha abaixo:



Fonte: Muito bacana (2017)

No primeiro quadrinho, aparece a frase:

Por favor, me dá esse **espetinho**?

Perceba que o substantivo espetinho está indicando o tamanho reduzido de espeto. Dizemos que está indicando o grau diminutivo. Os substantivos, geralmente, podem indicar os graus aumentativo (indica aumento de tamanho – **espetão** – **espeto grande**) e diminutivo (indica tamanho reduzido – **espetinho** – **espeto pequeno**).

Morfossintaxe do substantivo

O substantivo, na oração, pode exercer a função de núcleo do sujeito, núcleo de complemento verbal (objeto direto e indireto), núcleo de complemento nominal e núcleo do agente da passiva. Também pode fazer a função de núcleo do aposto, predicativo ou do vocativo. Em caso de adjuntos adverbiais e nominais representados por locuções, o substantivo pode ser o núcleo dessas funções.

Atividade

Leia o poema abaixo.

Soneto de separação

De repente do riso fez-se o pranto
Silencioso e branco como a bruma
E das bocas unidas fez-se a espuma
E das mãos espalmadas fez-se o espanto.

De repente da calma fez-se o vento
Que dos olhos desfez a última chama
E da paixão fez-se o pressentimento

E do momento imóvel fez-se o drama.

De repente, não mais que de repente
Fez-se de triste o que se fez amante
E de sozinho o que se fez contente.

Fez-se do amigo próximo o distante
Fez-se da vida uma aventura errante
De repente, não mais que de repente.

Vinícius de Moraes

1- Pela leitura do título e do poema, que provável tipo de separação é abordado no texto? Justifique sua resposta com elemento do texto.

2- O poema é construído pela utilização de ideias que se opõem: de um lado, há a descrição de como era a relação amorosa e a vida do eu lírico; de outro, é descrita a vida do eu lírico no presente, sozinho. Em uma frase, faça um resumo de como era a vida do eu lírico antes da separação e como é no presente.

3- No poema de Vinícius de Moraes, há algumas palavras que foram usadas para dar nome. Dentre essas palavras, há duas no primeiro verso que mantêm uma relação de oposição. Quais são essas palavras? A que classe essas palavras pertencem?

4- Leia: “Da **calma** fez o **vento**” e “E da **paixão** fez-se o **pressentimento**”. Considerando o título do poema “Soneto de separação”, o que os substantivos destacados sugerem?

5- No trecho: “Fez-se do amigo próximo o distante”.

a) Agora substitua o substantivo amigo pelo seu feminino, fazendo as alterações necessárias.

b) Para responder a letra “a”, que mudanças você precisou fazer na frase?

Verbo

Leia um trecho da música **Eu vou te buscar**, do cantor **Gustavo Lima**.

Eu Vou Te Buscar

Fernando de Noronha não tem mais o
mesmo brilho sem você aqui

As noites de Goiânia ficam até sem
graça com você longe de mim

Amazonas fica preto e branco

Até o Rio de Janeiro perde o seu calor

Fica triste até o carnaval de Salvador

Sem você, sem você

Cha-la-la-la-la

Você rouba a beleza de qualquer lugar

Cha-la-la-la-la

Você volta, ou eu vou aí te buscar

Cha-la-la-la-la

Já tentei, fiz de tudo, sem você não dá

Cha-la-la-la-la

Você volta, ou eu vou aí te buscar

LIMA (2017)

No refrão da letra da música de Gustavo Lima, há o seguinte verso: “Você rouba a beleza de qualquer lugar”.

Se substituíssemos **você** por **vocês**, o verso ficaria assim: vocês **roubam** a beleza de qualquer lugar. Observe que a palavra em destaque também se modificou para mostrar que mais de uma pessoa pratica a ação de roubar. Essa palavra (roubar) também pode mudar para mostrar que essa ação aconteceu no passado. Veja: Vocês **roubaram** a beleza de qualquer lugar. Isso acontece porque a palavra destacada pertence à classe dos verbos.

Desse modo, **verbo** é a classe gramatical que pode ser flexionada em número, pessoa, tempo, modo e voz. A gramática tradicional costuma dizer que o verbo é a palavra que indica ação, estado ou fenômeno da natureza. Mas as suas características em relação à flexão são suficientes para a sua identificação.

Em relação à sua estrutura, o verbo apresenta radical, vogal temática, desinência modo-temporal e desinência número-pessoal. Por exemplo, a forma verbal “**precisamos**”.

Esse verbo apresenta a seguinte estrutura:

Precis- (Radical) - **a** – (vogal temática) – **mos** - (desinência número-pessoal)

É um verbo que está flexionado na primeira pessoa do plural, no presente do indicativo.

Normalmente, os verbos podem ser flexionados nos modos indicativo, subjuntivo e imperativo.

Modo indicativo: indica certeza, uma ação que provavelmente ocorrerá.

Exemplo: **Estudei** hoje pela manhã.

Modo subjuntivo: é o modo que expressa dúvida, a possibilidade da ocorrência de algo.

Exemplo: Talvez eu **estude** hoje à noite.

Modo imperativo: é o modo usado para indicar ordem, pedido, conselho.

Exemplo: **Estude** hoje à noite para terminar o trabalho.

Essa classe também possui formas nominais que são: **infinitivo, particípio e gerúndio**.

Infinitivo: é forma que mais se aproxima do substantivo. Exemplo: estudar.

Particípio: essa forma pode funcionar como adjetivo. Exemplo: estudado.

Gerúndio: essa forma pode funcionar como advérbio. Exemplo: estudando.

Tempos verbais do modo indicativo

No modo indicativo, há os seguintes tempos:

Presente: expressa um fato atual.

Exemplo: Nós **estudamos** na faculdade da cidade.

Pretérito imperfeito: indica um fato que era habitual no passado ou algo que não foi concluído no passado.

Exemplo: **Estudava** todos os dias na mesma hora.

Pretérito perfeito: indica um fato concluído no passado.

Exemplo: **Estudei** bastante ontem à noite.

Pretérito mais-que-perfeito: indica um fato no passado anterior a outro também no passado.

Exemplo: Quando cheguei, o ônibus já **passara**.

Futuro do presente: indica um fato que deve ocorrer no futuro em relação ao momento atual.

Exemplo: **Estudarei** muito na próxima semana.

Futuro do pretérito: indica um fato que poderia ter ocorrido depois de um determinado fato passado.

Exemplo: Se eu tivesse saído cedo do trabalho, **estudaria** mais.

Tempos verbais do modo subjuntivo

Presente: indica um fato que pode ocorrer no momento atual.

Exemplo: É bom que você **estude** em casa.

Pretérito imperfeito: expressa uma possibilidade, um desejo. Geralmente essa forma verbal vem subordinada a outra em um período (veremos o que é período mais à frente).

Exemplo: Seria bom se você **estudasse** mais.

Futuro: indica a possibilidade de um fato acontecer no futuro.

Exemplo: Quando você **estudar**, será mais fácil tirar boas notas.

Morfossintaxe do verbo

Geralmente as orações são organizadas em torno de um verbo. O verbo sempre está presente no predicado e, se for um predicado verbal, o verbo fará a função de núcleo do predicado.

Atividade

Leia o trecho da letra de música abaixo, da cantora Pitty.

Admirável Chip Novo

Pane no sistema, alguém me
desconfigurou

Aonde estão meus olhos de robô?

Eu não sabia, eu não tinha percebido

Eu sempre achei que era vivo

Parafuso e fluido em lugar de
articulação

Até achava que aqui batia um coração

Nada é orgânico, é tudo programado

E eu achando que tinha me libertado

Mas lá vêm eles novamente, eu sei o
que vão fazer

Reinstalar o sistema

Pense, fale, compre, beba

Leia ,vote , não se esqueça

Use, seja, ouça, diga

Tenha, more, gaste, viva

Pense, fale, compre, beba

Leia, vote , não se esqueça

Use, seja, ouça, diga [...]

PITTY (2003)

1- O eu lírico da canção parece não saber, ao certo, se é uma pessoa ou um robô. Retire do texto passagens que comprovem isso.

2- Qual seria a intenção do eu lírico ao demonstrar que não sabia se era uma máquina (robô) ou um ser humano?

3- No trecho acima, encontramos os seguintes versos:

Pense, fale, compre, beba

Leia, vote, não se esqueça

a) os verbos desses versos expressam:

- certeza de alguma coisa;
- possibilidade da ocorrência de algum fato;
- ordem em relação ao eu lírico.

b) essas formas verbais estão em que modo.

4- Esse modo verbal identificado na letra “b” da questão anterior ajuda a demonstrar que o eu lírico é livre e tem total controle sobre a sua vida ou que o eu lírico vive controlado por um sistema?

5- Leia: “**Eu** sempre achei que era vivo”.

a) Substitua a palavra destacada pelas seguintes formas: **você, nós e eles**.

b) Ao fazer a substituição, o que aconteceu com o verbo achar?

6- Na frase abaixo, se você quisesse expressar um fato atual, de que modo ficariam as formas verbais destacadas?

Até **achava** que aqui **batia** um coração...

Adjetivo

No trecho abaixo da canção da dupla Henrique e Juliano, com participação de Marília Mendonça, aparecem algumas palavras que acompanham e determinam alguns substantivos. Essas palavras caracterizam os substantivos aos quais se referem, oferecendo informações importantes para a compreensão do texto.

Observemos o trecho.

Henrique e Juliano

Flor e o Beija-Flor

Essa é uma velha história

De uma flor e um beija-flor

Que conheceram o amor

numa noite fria de outono

E as folhas caídas no chão

da estação que não tem cor

E a flor conhece o beija-flor

E ele lhe apresenta o amor

E diz que o frio é uma fase ruim

Que ela era a flor mais linda do jardim

E a única que suportou

Merece conhecer o amor e todo o seu calor

HENRIQUE E JULIANO (2016)

Na primeira estrofe, temos as palavras **velha** e **fria**; na segunda, **caídas**; na terceira, encontramos **ruim** e **linda**. Todas essas palavras estão se relacionando a substantivos: **velha** (história), **fria** (noite), **caídas** (folhas), **ruim** (fase), **linda** (flor). Observe que elas estão no mesmo gênero e número dos substantivos a que se referem, portanto, há uma relação de concordância. Chamamos de adjetivos as palavras destacadas acima.

Adjetivo é a classe de palavra que geralmente acompanha o substantivo, atribuindo-lhe características, ou seja, determinando-o. O adjetivo geralmente se flexiona em gênero (masculino e feminino) e número (singular e plural) para manter uma relação de concordância com o substantivo. Essa classe também varia em grau (comparativo e superlativo).

Gênero do adjetivo

Quanto ao gênero, os adjetivos podem ser **uniformes** e **biformes**:

Uniformes: apresentam uma só forma para o masculino e o feminino.

Exemplo: gato **grande** / gata **grande**.

Biformes: apresentam uma forma para o masculino e uma para o feminino.

Exemplo: menino **belo** / menina **bela**.

Número do adjetivo

Os **adjetivos simples** (formados apenas por um radical) fazem o plural, seguindo as regras dos substantivos.

Exemplo: **belo, belos**.

Os **adjetivos compostos** (formados por mais de um radical) geralmente só o último elemento vai para o plural.

Exemplo: camisas **verde-claras**.

Os adjetivos **compostos** em que o segundo elemento é um substantivo ficam invariáveis.

Exemplo: camisa **verde-alface**; camisas **verde-alface**.

Grau dos adjetivos

Os adjetivos apresentam o grau **comparativo** e o **superlativo**.

Comparativo: comparam-se características atribuídas a dois ou mais seres. Ou várias características de um único ser. O comparativo pode ser de **igualdade**, **superioridade** e **inferioridade**.

Igualdade: Maria é tão bela quanto Joana.

Superioridade: Maria é mais bela do que Joana.

Inferioridade: Maria é menos bela do que Joana.

Superlativo: há uma intensificação do sentido do adjetivo. O superlativo pode ser **absoluto** ou **relativo**.

Superlativo absoluto: a característica atribuída a um ser pelo adjetivo é intensificada sem relacioná-la a outro ser. Pode ser **sintético** ou **analítico**:

Superlativo absoluto sintético: O aluno é inteligentíssimo.

Superlativo absoluto analítico: O aluno é muito inteligente.

Superlativo relativo: a característica atribuída a um ser pelo adjetivo é intensificada em relação a um grupo de seres. O superlativo relativo pode ser: **de superioridade** e **de inferioridade**.

De superioridade: João é o mais inteligente da turma.

De inferioridade: João é o menos inteligente da turma.

Para concluir, na nossa língua, existe um grupo de palavras que pode fazer a função do adjetivo. É a chamada **locução adjetiva**.

Locução adjetiva: é a união de duas ou mais palavras que fazem a função do adjetivo.

Exemplo: Amor **de mãe** não tem preço. / Amor **materno** não tem preço.

Note que a expressão **de mãe** tem a mesma função do adjetivo **materno**.

Morfossintaxe do adjetivo

Geralmente, o adjetivo se relaciona ao substantivo na oração, fazendo as funções sintáticas de adjunto adnominal e predicativo (do sujeito ou do objeto).

Atividade

Leia a tirinha abaixo.



Fonte: TP mídia (2011)

- 1- No primeiro e segundo quadrinhos, Calvin agradece por algumas ações praticadas pelo “poderoso da mídia de massa”. Essas ações são positivas ou negativas? Justifique sua resposta.
- 2- Pode-se dizer que as falas de Calvin, na tirinha lida, revelam uma certa ironia? Justifique sua resposta.
- 3- Na tirinha acima, Calvin trata, de maneira engraçada, o poder da mídia na manipulação das pessoas. Para compor sua falar no segundo quadrinho, ele se utiliza de alguns adjetivos. Dentre os adjetivos, encontramos **traíçoeira**. Esse adjetivo se refere a qual substantivo? Ele atribui uma característica positiva ou negativa ao substantivo determinado por ele?
- 4- No terceiro quadrinho, aparece a seguinte frase: “Esta tigela de tapioca morna representa meu cérebro.”. Qual palavra e qual expressão foram usadas para dar informações sobre o substantivo tigela? Que informações essa palavra e expressão acrescentam ao substantivo.
- 5- Na expressão: “[...] artificialidade das soluções **rápidas**...” e “[...] para fins **comerciais**.” Seria possível colocar os adjetivos destacados antes dos substantivos aos quais eles se referem?

Numeral

Leia a piada abaixo:

Joãozinho é mesmo esperto

O professor de matemática pergunta ao aluno:

— Joãozinho.

— Pode perguntar, professor.

— Se você tivesse trinta reais num bolso e setenta no outro, o que teria?

— A calça de uma outra pessoa, professor! ????

Muito Bacana (2018)

Na piada acima, encontramos algumas palavras que indicam quantidades relacionadas a dinheiro: **trinta** (reais) e **setenta** (reais). Essas palavras são chamadas de numerais.

Numeral é a classe de palavras que indica quantidade, bem como ordenação de elementos numa série. Também indica ideia de multiplicação ou de fração. Quanto à classificação, os numerais podem ser:

Cardinais: indicam a quantidade exata de algo. Exemplo: um, dois, três etc.

Ordinais: indicam a ordem de determinado ser ou objeto em uma sequência. Exemplo: primeiro, segundo, terceiro etc.

Multiplicativos: expressam ideia de multiplicação de seres, objetos etc. Exemplo: dobro, triplo, quádruplo etc.

Fracionários: indicam divisão, fração, parte de um inteiro. Exemplo: meio, terço, dois terços etc.

Coletivos: indicam o número exato de seres ou objetos que compõem um conjunto. Exemplo: dezena, dúzia, centena, década etc.

Morfossintaxe do numeral

Na oração, o numeral pode exercer a função de adjunto adnominal, quando determina um substantivo. Exemplo: **Dois** estudantes não fizeram a avaliação.

E pode exercer a função de sujeito, objeto, predicativo e agente da passiva, quando se comporta na oração como um substantivo. Exemplo: Os **dois** chegaram atrasados na primeira aula.

Atividade

Leia a notícia abaixo.

Neymar no PSG, a negociação mais cara da história

Atacante brasileiro já se despediu do Barcelona e agora aguarda o pagamento de sua multa rescisória, de 222 milhões de euros, pela equipe francesa

Neymar já se despediu do **Barcelona** nesta quarta-feira e agora só espera o **Paris Saint Germain** depositar o valor de sua multa rescisória, de 222 milhões de euros (cerca de 810 milhões de reais) para ser oficializado como reforço do clube francês – e também como o jogador mais caro da história. O atacante brasileiro passará, com muita sobra, o atual primeiro colocado da lista, o francês Paul Pogba.

VEJA (2017)

- 1- Qual a principal informação apresentada na notícia lida anteriormente?
- 2- Pelos valores econômicos envolvidos na negociação, trata-se de uma transação comum no mundo do futebol? Justifique sua resposta.
- 3- Na notícia sobre Neymar, encontramos a seguinte frase: “O atacante brasileiro passará, com muita sobra, o atual **primeiro** colocado da lista, o francês Paul Pogba.”. O numeral em destaque indica quantidade exata ou ordem de um ser numa sequência?
- 4- Poderíamos substituir o numeral destacado, na questão anterior, pelo seu feminino **primeira**? Por quê?
- 5- De acordo com a notícia, depois da negociação de Neymar, Paul Pogba passou a que colocação na lista de jogadores mais caros?

Pronome

Leia a tirinha abaixo.



Fonte: Kemvalia (2018)

No terceiro quadrinho, há a seguinte frase: “Ela dormiu na frente da TV!”. Podemos perceber que a palavra “**ela**” faz referência à vovó. Nesse caso, substitui e evita a repetição da palavra vovó. As palavras que possuem a função de substituir ou acompanhar um substantivo, geralmente, são chamadas de pronome.

Pronome é a classe gramatical usada para substituir ou acompanhar um substantivo. De acordo com a função, os pronomes podem ser: pessoais, possessivos, demonstrativos, de tratamento, indefinido, relativo e interrogativo.

Pronomes pessoais: são os pronomes que substituem o substantivo e que indicam as pessoas do discurso. Podem ser retos ou oblíquos.

Pronomes pessoais do caso reto: podem exercer a função de sujeito ou do predicativo.

Exemplo: **Ela** estudava muito todo dia.

Pronomes pessoais do caso oblíquo: podem exercer a função de complemento verbal.

Exemplo: O servidor entregou-**me** a documentação.

Veja a tabela abaixo.

Pronomes pessoais retos	Pronomes pessoais oblíquos	
	Átonos	Tônicos
Eu	Me	mim, comigo
Tu	Te	ti, contigo
Ele/ela	o, a, lhe, se	si, ele, ela, consigo
Nós	Nos	nós, convosco
Vós	Vos	vós, convosco
Eles/elas	os, as, lhes, se	si, eles, elas, consigo

Fonte: Autor (2018)

Pronomes possessivos: Expressam, geralmente, uma ideia de posse, ou seja, indicam que algo pertence a alguma pessoa do discurso. A forma do possessivo depende da pessoa gramatical a que se refere. O gênero e o número estão relacionados ao que é possuído.

Exemplo:

Levei **meu** carro para o conserto.

Note que o pronome está na primeira pessoa para concordar com o possuidor (**eu**), que também está na primeira pessoa. Está no masculino e no singular porque concorda com o objeto possuído (**carro**).

Além da ideia de posse, os pronomes possessivos podem indicar afetividade, ofensa ou cálculo aproximado.

Exemplos:

Como é bom ver você novamente, **minha** grande amiga. (afetividade)

Pare de procurar briga, **seu** palhaço. (ofensa)

Aquela senhora já deve ter **seus** cinquenta anos. (cálculo aproximado)

Observe a tirinha abaixo e analise o uso dos pronomes possessivo:



Fonte: A trilha do Saber (2010)

No primeiro quadrinho, aparece o pronome possessivo **minha** e, no quarto, há o possessivo **meu**. Os dois se referem à primeira pessoa do discurso – **eu**, mas estão em gênero e número diferentes (**minhas** – **feminino/plural**; **meu** – **masculino/singular**). Isso ocorre porque os possessivos concordam em gênero e número com os objetos possuídos (**memórias** e **guarda-chuva**).

Pronomes demonstrativos: são usados para situar alguém ou alguma coisa no espaço, no tempo ou no discurso em relação às pessoas do discurso: quem fala, com quem se fala e de quem se fala.

Em relação ao espaço:

Este(s), esta(s) e isto são usados para fazer referência a algo que está próximo de quem fala.

Exemplo: **Este** livro aqui pertence a minha pessoa.

Esse(s), Essa(s) e isso são usados para se referir a algo que está próximo da pessoa com quem se fala.

Exemplo: Pegue **esse** livro que está perto de você

Aquele(s), aquela(s) e aquilo são usados para se referir a algo que está distante tanto da pessoa que fala como da pessoa com quem se fala.

Exemplo: **Aquele** carro que está lá fora é de meu amigo.

Em relação ao tempo:

Este(s), esta(s) e isto são usados para fazer referência a algo que acontece no momento atual.

Exemplo: **Este** dia está sendo maravilhoso.

Esse(s), Essa(s) e isso são usados para se referir a algo que acontece num tempo passado, porém próximo ao momento da fala.

Exemplo: **Esse** ano que acabou foi excepcional.

Aquele(s), aquela(s) e aquilo são usados para se referir a algo que aconteceu num passado distante.

Exemplo: **Aquele** dia deixou marcas na vida de muita gente.

Em relação ao discurso:

Este(s), esta(s) e isto são usados para fazer referência a algo sobre o qual ainda se vai falar.

Exemplo: A aula de hoje será sobre **isto**: pronomes demonstrativos.

Esse(s), Essa(s) e isso são usados para se referir a algo que já foi mencionado anteriormente.

Exemplo: Que você seja feliz, **isso** é o que desejamos.

Este e aquele são usados quando faz referência a termos já mencionados.

Exemplo: Maria e Joana eram boas alunas: **esta** era participativa e dedicada, **aquela** era Inteligente e criativa.

Pronomes de tratamento: são formas usadas para se dirigir a pessoas com quem se fala. Por esse motivo, são considerados pronomes pessoais. São geralmente utilizados em tratamento formais, quando o interlocutor ocupa cargos ou posições sociais elevadas e prestigiadas. Exemplo:

Senhor (es), senhora(s): usados em tratamento formal.

Você(s): usado em tratamento informal.

Vossa(s) Eminência(s): usado para se referir a cardeais.

Vossa(s) Excelência(s): usado para altas autoridades como presidente, ministros, deputados e embaixadores.

Vossa(s) Magnificência(s): usados para reitores de universidade.

Concordância

Apesar dos pronomes de tratamento se dirigirem à segunda pessoa (singular/plural), a concordância verbal deverá ser feita com a terceira pessoa (singular/plural).

Exemplos:

Você está bem?

O **senhor** pode esperar um pouco?

Uso de vossa e sua

Quando nos dirigimos diretamente à pessoa, usamos o **vossa**; Quando estamos falando sobre a pessoa, usamos o **sua**.

Exemplos: **Vossa** Magnificência quer que eu envie os documentos agora?

Devo informar que, infelizmente, **Sua** Magnificência não poderá participar da reunião.

Pronomes indefinidos: são aqueles que fazem referência de modo vago à terceira pessoa do discurso.

Exemplo:

Alguém estava te procurando hoje.

Notemos que alguém se refere a uma pessoa, porém de modo impreciso. Não se especifica quem é a pessoa.

Os pronomes indefinidos podem ser classificados em: **pronomes indefinidos substantivos** ou **pronomes indefinidos adjetivos**.

Pronomes indefinidos substantivos: Fazem a função do substantivo na oração. Por exemplo: **alguém, ninguém, outrem, algo, nada e tudo**.

Exemplo: **Ninguém** viu quando ela saiu.

Pronomes indefinidos adjetivos: geralmente acompanham o substantivo na oração. Por exemplo: **certo, cada, qualquer**.

Exemplo: **Certas** atitudes devem ser evitadas no trabalho.

Há pronomes indefinidos que podem fazer a função de substantivo e de adjetivos. Por exemplo: **algum, nenhum, todo, outro, muito, pouco, vários**.

Exemplo: **Poucos** vieram para a confraternização.

Pronomes relativos: são os pronomes que se relacionam com o termo que os antecede. Nesse sentido, fazem duas funções: substituem um termo e ligam orações. São: **que, quem, onde, quanto, cujo, o qual** etc.

Exemplo:

O livro está na mesa. O livro é meu.

O livro **que** está na mesa é meu.

Observemos que o pronome substitui o termo **livro** e, ao mesmo tempo, liga orações.

Pronomes interrogativos: são aqueles utilizados para redigir perguntas, através de interrogações diretas ou indiretas. Referem-se à terceira pessoa do discurso de modo impreciso. São pronomes interrogativos: **que, quem, qual, quais, quanto, quantos, quanta, quantas**.

Exemplo: **Quem** entregou a encomenda? / Diga-me **quem** entregou a encomenda.

Observe o uso do pronome interrogativo na tirinha abaixo.



Fonte: Pinterest (2017)

O pronome **quem** foi usado no texto acima em uma interrogação direta. Note que ele se refere à terceira pessoa do discurso de modo impreciso, vago.

Morfossintaxe do pronome

Os pronomes podem desempenhar diversas funções dentro da oração, pois muitos deles assumem a função do substantivo ou do adjetivo e, portanto, podem ser: sujeito, complemento verbal, complemento nominal, adjunto adnominal, núcleo do predicativo, agente da passiva.

Atividade

Leia a tirinha abaixo.



Cyanide and Happiness © Explosm.net

Fonte: Curioso inovador (2011)

- 1- A tirinha apresenta uma situação que não é comum aqui no Brasil. Que situação é apresentada?
- 2- No contexto da tirinha, o que faz o réu sofrer essa punição?
- 3- O que causa humor na tirinha acima é o mal-entendido cometido pelo guarda. O que provocou esse mal-entendido?
- 4- Leia: “Diga a minha família que eu sempre amei **eles**”. Considerando que a gramática tradicional sugere que não devemos usar essa forma destacada na função de complemento verbal, qual seria a forma pronominal adequada para se utilizar na variedade considerada culta da língua? Reescreva a frase fazendo a substituição.
- 5- No trecho: “Ele queria **lhes** dizer...” seria possível substituir a palavra destacada pela expressão “a vocês”? O que seria preciso fazer na ordem das palavras para fazermos essa substituição?

Artigo

Observe a tirinha abaixo.



Fonte: Clube da Mafalda (2017)

Na tirinha acima, Mafalda usa a oração [...] João-ninguém significa **um** homem qualquer [...]. Notem que a palavra destacada contribui para a indeterminação do substantivo homem, mostrando que não se trata de um homem específico, conhecido. Chamamos essa palavra de artigo (indefinido).

Artigo é a classe de palavra que geralmente acompanha o substantivo, indicando **gênero** (masculino/feminino) e **número** (singular/plural). Há artigo **definido** e artigo **indefinido**:

Artigo definido: acompanha o substantivo determinando-o. Exemplo: **O** amigo de Antônio já chegou.

Artigo indefinido: acompanha o substantivo indeterminando-o. Exemplo: Maria entregou **um** presente a Joana.

Frequentemente os artigos se juntam com preposições, assumindo determinadas formas. Vejamos:

Preposição	artigo		preposição	artigo
a	+ a	= à		
a	+ o	= ao		
a	+ as	= às		
a	+ os	= aos		
de	+ a	= da	de	+ uma = duma
de	+ o	= do	de	+ um = dum
de	+ as	= das	de	+ umas = duma
de	+ os	= dos	de	+ uns = duns
em	+ a	= na	em	+ uma = numa
em	+ o	= no	em	+ um = num
em	+ as	= nas	em	+ umas = numas
em	+ os	= nos	em	+ uns = nuns
por	+ a	= pela		
por	+ o	= pelo		
por	+ as	= pelas		
por	+ os	= pelos		

Morfossintaxe do artigo

Geralmente, na oração, o artigo faz a função de adjunto adnominal.

Atividade

Leia as duas primeiras estrofes da música **Flor e beija-flor**.

Henrique e Juliano

Flor e o Beija-Flor

Essa é uma velha história

De uma flor e um beija-flor

Que conheceram o amor

numa noite fria de outono

E as folhas caídas no chão

da estação que não tem cor

E a flor conhece o beija-flor

E ele lhe apresenta o amor

Henrique e Juliano (2016)

- 1- Quais são os personagens apresentados na canção de Henrique e Juliano?
- 2- Que características desses personagens são comuns a seres humanos?
- 3- No segundo verso da primeira estrofe, aparecem os substantivos **flor** e **beija-flor** acompanhados de dois artigos indefinidos “uma” e “um”. Já no terceiro verso da segunda estrofe, esses mesmos substantivos aparecem anteceditos pelos artigos definidos “a” e “o”. Que explicação poderíamos dar para esse fato?
- 4- Leia: “E **as** folhas caídas no chão...”. Se substituíssemos o substantivo “folhas” por “galhos”, o que aconteceria com o artigo definido em destaque?
- 5- Agora, no mesmo trecho da questão 2, substitua o substantivo “folhas” por fruto. Explique que mudança ocorreu no artigo destacado.

Advérbio

Leia um trecho da letra de música abaixo.

Quem Chorava Hoje Ri (Coração Teimoso)

Alguém me disse que você falou
Que se deu mal e que nunca pensou
Que eu ia fazer tanta falta assim
Tava bebendo e só falava em mim

Tentei demais e você não deixou
Me expulsou e me mandou sumir
Trocou o certo pelo duvidoso
Coração teimoso só dá nisso aí
[...]

Wesley Safadão (2016)

No segundo verso da primeira estrofe “Que se deu **mal** e que **nunca** pensou”, encontramos a palavra **mal** acompanhando o verbo “deu”. Essa palavra atribui uma ideia de modo à ação verbal, por isso é chamada de advérbio de modo. Também, no mesmo verso, há o advérbio **nunca** que, por sua vez, acompanha o verbo (pensou), atribuindo-lhe uma ideia de negação.

Com base nisso, dizemos que **advérbio** é a palavra que modifica o verbo, o adjetivo ou outro advérbio, atribuindo-lhe uma circunstância qualquer (tempo, modo, intensidade...).

Exemplos:

Junior andava **rapidamente**. (advérbio atribuindo uma circunstância de modo ao verbo)

Maria estava **bastante** alegre. (advérbio intensificando o sentido do adjetivo)

Joana trabalha **muito** bem. (advérbio intensificando o sentido de outro advérbio)

De acordo com a circunstância expressa pelo advérbio, ele pode ser classificado em:

Advérbio de modo: bem, mal, depressa, devagar, calmamente etc.

Exemplo: Juliana cantava **bem**.

Advérbio de lugar: aí, aqui, lá, embaixo, atrás, longe etc.

Todos se sentem bem **aqui**.

Advérbio de intensidade: muito, pouco, demais, bastante, mais, demasiado etc.

Exemplo: Ela é uma aluna **muito** inteligente.

Advérbio de negação: não, jamais, nunca, nem, tampouco etc.

Exemplo: Eu **não** irei à festa de fim de ano.

Advérbio de tempo: agora, hoje, amanhã, já, antes, ontem, tarde, cedo, depois etc.

Exemplo: Maria acordava **cedo** para ir ao trabalho.

Advérbio de dúvida: talvez, provavelmente, porventura etc.

Exemplo: **Talvez** eu vá à festa de fim de ano.

Advérbio de afirmação: sim, certamente, realmente, deveras, efetivamente etc.

Exemplo: Eu **realmente** irei trabalhar agora.

Agora, leia a tirinha abaixo.



Fonte: Tiras do Calvin (2018)

Na oração “Ele **não** é inteligente...”, a palavra **não** é um advérbio de negação usado para se referir à falta de Inteligência do valentão.

Locução adverbial: é uma expressão formada por duas ou mais palavras que fazem a função do advérbio, modificando verbo, adjetivo ou advérbio.

Exemplo: **Em breve**, estarei na universidade.

Morfossintaxe do advérbio

Na oração, o advérbio geralmente faz a função de adjunto adverbial.

Atividade

Leia a tirinha abaixo.



Fonte: Paulo Matheus (2012)

- 1- No primeiro quadrinho, em que sentido foi empregada a palavra “cordeirinho”?
- 2- O que causa humor na tirinha lida?
- 3- Leia: “Você **não** deve ser tão obediente!”. Nessa frase de Níquel Náusea, se retirássemos o advérbio em destaque, mudaria o sentido da frase?
- 4- Na mesma frase da questão -1, troque a palavra **você** por **nós**, fazendo as alterações necessárias. Depois verifique se houve alguma alteração no advérbio em destaque.
- 5- Ao fazer a alteração na frase: “Você não deve ser tão obediente!”, na questão – 2, outra palavra permaneceu invariável. Qual foi essa palavra? Ela está modificando um verbo ou um adjetivo?

Preposição

Observe a tirinha abaixo.



Fonte: Paulo Matheus (2012)

Na frase “Foi daqui que pediram três pizzas **de** atum?”, encontramos a palavra “**de**” que conecta as palavras pizzas e atum, indicando o material que foi usado na composição das pizzas. Tradicionalmente, dizemos que **de** é uma preposição.

Então, **preposição** é a palavra invariável que liga dois termos estabelecendo uma relação de subordinação.

Tipos de preposição: as preposições podem ser essenciais ou acidentais.

Preposições essenciais: são palavras que funcionam somente como preposição. Exemplo: para, por, a, ante, após, contra, em, de, sob, sobre, sem, perante etc.

Preposições acidentais: são palavras que pertencem a outras classes, mas que, em determinadas frases, funcionam como preposição. Exemplo: conforme, durante, exceto, mediante, salvo, segundo, visto, como etc.

Há também as **locuções prepositivas**, que são duas ou mais palavras que fazem a função de uma preposição. Essas locuções sempre terminam com preposição. Exemplo: abaixo de, acima de, através de, por causa de, depois de, diante de etc.

As preposições podem estabelecer diversas relações. Vejamos:

Fim ou finalidade: Junior comprou as passagens **para** a viagem.

Lugar: Meu primo veio **de** fortaleza nessa semana.

Tempo: Em poucos minutos, estarei aí.

Causa: Com a falta de água, os animais morreram.

Companhia: Ela saiu **com** o namorado agora.

Posse: O carro **de** João está quebrado.

Oposição: O Flamengo jogou **contra** o Vasco.

Atividade

Leia a tirinha abaixo.



Fonte: Uareva (2010)

- 1- De que maneira o cachorro é enganado?
- 2- É a primeira vez que isso acontece com ele? Justifique sua resposta com elementos do texto.
- 3- Na frase: “Vou a uma peça de teatro para cachorros!”, se substituíssemos a palavra **cachorros** pela palavra **gatas**, a preposição “para” sofreria alguma modificação?
- 4- A preposição “para” na frase da primeira questão estabelece uma relação de sentido. Qual seria essa relação?
- 5- Que outras preposições aparecem na frase: “Vou a uma peça de teatro para cachorros!”? Em que função elas foram utilizadas?

Conjunção

Leia a piada abaixo.

Na delegacia

Na delegacia:

- Seu delegado meu marido saiu de casa ontem à noite, disse que ia comprar arroz e até agora não voltou. O que eu faço doutor?
- Sei lá, faz macarrão!!

Fonte: Piadas.

Na frase “– Seu delegado meu marido saiu de casa ontem à noite, disse que ia comprar arroz e até agora não voltou.”, a palavra “e” está ligando duas orações, estabelecendo uma relação de adição. Para essas palavras que ligam orações, damos o nome de conjunção.

Conjunção é a palavra cuja função é ligar orações ou palavras de mesmo valor sintático, estabelecendo uma relação entre elas. Há conjunções coordenativas e subordinativas.

Conjunções coordenativas: e, nem, mas, porém, contudo, ou, portanto, porque etc.

Conjunções subordinativas: que, se, como, caso, salvo, conforme, quando, enquanto etc.

Exemplos:

O meu time jogou bem, **mas** não ganhou o campeonato. (A conjunção está ligando orações)

Maria **e** Juliana entregaram os trabalhos no prazo determinado. (A conjunção liga palavras que tem o mesmo valor sintático)

Atividade

Leia.



Fonte: Tiras do Calvin (2018)

- 1- No segundo quadrinho, a expressão “sabedoria das ruas” sugere que Moe possui qual tipo de conhecimento?
- 2- No último quadrinho, o que causa surpresa no leitor?
- 3- Na frase: “Ele não é inteligente, **mas** tem a sabedoria das ruas.”, seria possível substituir a conjunção em destaque por “porém”? O sentido mudaria caso fosse feito isso?
- 4- Agora troque “mas” por “porque”. Ao fazer isso, observe se a frase continua com o mesmo sentido.
- 5- Seria possível trocar “mas” por “conforme”, mantendo o sentido original da frase?

Interjeição

Veja, na tirinha abaixo, o uso da palavra “ai!”. Ela é importante para entendermos o que aconteceu com o John: aparentemente, ele acabou se machucando em algumas armadilhas deixadas por Garfield.

Essas palavras que usamos para indicar diversas emoções, chamamos de **interjeição**.



Fonte: Tirinhas do Garfield (2018)

Interjeição é uma palavra (ou mais de uma palavra) usada para expressar emoções, sentimentos, sensações. Geralmente, a interjeição não se relaciona sintaticamente a nenhum termo da oração, funcionando de modo independente. Algumas interjeições são: ah!, eh!, oh!, ei!, viva!, eita!, graças a Deus!, calma!, fora!, muito bem!, droga!, credo!, ai!, ui!, foi mal!, meu Deus!.

Exemplos:

Oba! Já está chegando o Natal!

Psiu! Estão te procurando no trabalho.

Coragem! Tudo vai dar certo.

Atividade

Leia a tirinha abaixo.



Fonte: Editora Brasil (2018)

- 1- Segundo os quadrinhos, qual são as consequências do ataque de riso das meninas?
- 2- É possível saber o motivo do ataque de risos das meninas?
- 3- O que as interjeições “ah!” que aparecem muitas vezes na tirinha sugerem?
- 4- Qual a importância dessas interjeições para a compreensão do que acontece na tirinha?

Sintaxe

De acordo com Peixoto Filho (2017, p. 83), “**sintaxe** (do grego, *syntaxis* = arranjo, organização, construção) é a parte dos estudos gramaticais que examina o modo com que sintagmas, orações e períodos se organizam na construção do texto”. (destaque do autor)

Desse modo, passaremos a ver agora a sintaxe do período simples, analisando o modo como as palavras se organizam de modo a assumir funções sintáticas na construção dos períodos. Estudaremos o que tradicionalmente é conhecido como termos da oração. Para isso, iniciaremos pelo conceito tradicional de frase.

Frase: é todo enunciado linguístico que possui sentido completo. Pode ser formado por uma palavra ou por um grupo de palavras.

Exemplos:

Silêncio!

Por favor, façam silêncio.

As frases podem ter verbo ou não. As que não têm verbo são chamadas de **frases nominais**.

Exemplo: Que dia maravilhoso!

As frases que possuem verbo são chamadas de **frases verbais** ou **orações**.

Exemplo: Todos estavam felizes hoje.

Oração: é todo enunciado linguístico que possui verbo. Cada forma verbal simples ou locução verbal representa uma oração.

Exemplos:

O aluno **levava** todos os dias o seu violão. (Como há apenas um verbo, há apenas uma oração)

Enquanto **fazia** a atividade, o aluno **ouvia** música. (Como há duas formas verbais, há duas orações)

Período: é um enunciado linguístico construído com uma ou mais orações.

Quando é formado apenas por uma oração, recebe o nome de **período simples** e a oração é chamada de **absoluta**.

Exemplo: Com muito esforço, todos **concluíram** o curso. (período simples ou oração absoluta)

Quando é formado por mais de uma oração, recebe o nome de **período composto**.

Exemplo: Joana **foi** à festa da escola, mas **voltou** cedo. (Como há duas orações, o período é composto)

Atividade

Leia a texto abaixo.

O caboclo, o padre e o estudante

Colhido no Ceará por

Gustavo Barroso

Um estudante e um padre viajavam pelo sertão, tendo como bagageiro um caboclo. Deram-lhes numa casa um pequeno queijo de cabra. Não sabendo como dividi-lo, mesmo porque chegaria um pequenino pedaço para cada um, o padre resolveu que todos dormissem e o queijo seria daquele que tivesse, durante a noite, o sonho mais bonito, pensando engabelar todos com os seus recursos oratórios. Todos aceitaram e foram dormir. À noite, o caboclo acordou, foi ao queijo e comeu-o.

Pela manhã, os três sentaram à mesa para tomar café e cada qual teve de contar o seu sonho. O frade disse ter sonhado com a escada de Jacob e descreveu-a brilhantemente. Por ela, ele subia triunfalmente para o céu. O estudante, então, narrou que sonhara já dentro do céu à espera do padre que subia. O caboclo sorriu e falou:

— Eu sonhei que via seu padre subindo a escada e seu doutor lá dentro do céu, rodeado de amigos. Eu ficava na terra e gritava:

— Seu doutor, seu padre, o queijo! Vosmincês esqueceram o queijo.

Então, vosmincês respondiam de longe, do céu:

— Come o queijo, caboclo! Come o queijo, caboclo! Nós estamos no céu, não queremos queijo.

O sonho foi tão forte que eu pensei que era verdade, levantei-me, enquanto vosmincês dormiam, e comi o queijo...

Fonte: Releituras (2018)

1- No trecho: “Não sabendo como dividi-lo, mesmo porque **chegaria** um pequenino pedaço para cada um...” em que sentido foi empregada a palavra destacada?

2- Por que o padre preferiu dar o queijo a quem tivesse o sonho mais bonito?

3- Leia: “— Seu doutor, seu padre, o queijo!”. Analisando o contexto em que aparece, por que essa frase é finalizada com ponto de exclamação?

4- Considerando o fato de que não há nenhum verbo na frase: “— Seu doutor, seu padre, o queijo!”, pode-se dizer que ela fica incompreensível no contexto analisado? Por quê?

5- Leia: “O estudante, então, narrou que sonhara já dentro do céu à espera do padre que subia.” Considerando que a base da oração é o verbo, quantas orações há nessa frase? Trata-se de um período simples ou composto?

Estudo sobre o período simples

Agora, passaremos a analisar a composição do período simples. Observaremos e analisaremos o que tradicionalmente chamamos de termos da oração.

Os termos da oração são: **sujeito**, **predicado**, **complementos verbais (objeto direto e indireto)**, **complemento nominal**, **predicativo do sujeito e do objeto**, **adjunto adnominal**, **adjunto adverbial**, **agente da passiva**, **vocativo e aposto**.

Sujeito:

Observem a seguinte oração retirada do texto **O caboclo, o padre e o estudante**:

“Um estudante e um padre viajavam pelo sertão...”

Se retirássemos o termo “um estudante”, a oração ficaria: Um padre viajava pelo sertão... note que houve uma mudança no verbo. Isso acontece porque há uma relação de concordância entre verbo e um termo conhecido como **sujeito**.

Sujeito é o termo que geralmente se relaciona com o verbo estabelecendo uma relação de concordância de número e pessoa.

Exemplos:

Ele entregou os trabalhos ao professor. (o sujeito **ele** corresponde à terceira pessoa do singular e concorda com o verbo **entregou** que também está na terceira pessoa do singular)

Maria e Joana entenderam bem a explicação. (o sujeito – **Maria e Joana** – corresponde à terceira pessoa do plural – elas -, concordando com o verbo que também está nesse mesmo número e pessoa)

Geralmente, no sujeito determinado, há uma ou mais palavras com a(s) qual(is) o verbo se relaciona. Essa(s) palavra(s) é (são) chamada(s) de **núcleo do sujeito**.

Exemplos:

O **dono** da empresa foi recebido pelo prefeito. (**sujeito**: O dono da empresa; **núcleo do sujeito**: dono)

O **aluno** e a **professora** de português aguardavam na direção da escola. (**sujeito**: O aluno e a professora de português; **núcleos do sujeito**: aluno, professora)

Sujeito simples: é aquele que apresenta apenas um núcleo.

Exemplos:

Os **meninos** da minha rua estavam na praça à noite. (sujeito: os meninos da minha rua; núcleo: meninos)

Ele chegou bem na hora da festa. (sujeito: ele; núcleo: ele)

Minha grande **amiga** de infância veio me visitar. (sujeito: minha grande amiga de infância; núcleo: amiga)

Sujeito composto: É aquele que apresenta dois ou mais núcleos.

Exemplos:

Na última segunda-feira, **alunos** e **professores** tiveram uma confraternização. (sujeito: alunos e professores; núcleos: alunos, professores)

No sábado à noite, **Maria**, **Joana** e **Gabriela** saíram juntas para a festa. (sujeito: Maria, Joana e Gabriela; núcleos: Maria, Joana, Gabriela)

Meninos e **meninas** foram ao cinema no domingo à tarde. (sujeito: meninos e meninas; núcleos: meninos, meninas)

Sujeito implícito: é aquele que não aparece na oração, mas pode ser identificado pela desinência verbal, ou seja, pela flexão do verbo.

Exemplos:

Vimos o filme do Batman ontem. (sujeito implícito: nós)

Faça o próximo exercício com o colega. (sujeito implícito: você)

Estou feliz aqui. (sujeito implícito: eu)

Sujeito indeterminado: é aquele que, mesmo existindo, não se pode definir pela desinência verbal, nem através do contexto em que se encontra a oração. Há duas formas em que o sujeito fica indeterminado:

Verbo na terceira pessoa do plural

Com o verbo na terceira pessoa do plural sem fazer referência a nenhum termo identificado anteriormente:

Exemplos:

Falaram mal de você hoje.

Roubaram a farmácia do bairro.

Verbo na terceira pessoa do singular acompanhado do índice de indeterminação do sujeito (se)

Nesse caso, o sujeito indeterminado pode acontecer com **verbo intransitivo, transitivo indireto** ou **de ligação** acompanhado de **se** (índice de indeterminação do sujeito).

Exemplo:

Vive-se bem na minha cidade.

Necessita-se de operários.

Oração sem sujeito: é o enunciado formado apenas pelo predicado. Geralmente, apresenta um verbo impessoal, ou seja, um verbo que não possui sujeito e que é conjugado apenas na terceira pessoa do singular. Os principais verbos impessoais são: **haver** (no sentido de existe), **fazer** (indicando tempo), **ser** (indicando horas, dias e distância – nesse caso concorda com o numeral) e verbos que indicam fenômenos naturais.

Exemplos:

Choveu bastante nos últimos dias.

Havia poucos carros na rua nesse feriado.

Faz dez anos que não a vejo.

Atividade

1- Ainda do texto **O caboclo, o padre e o estudante**, retiramos o seguinte trecho:

Pela manhã, os três sentaram à mesa para tomar café e cada qual teve de contar o seu sonho. O frade disse ter sonhado com a escada de Jacob e descreveu-a brilhantemente. Por ela, ele subia triunfalmente para o céu. O estudante, então, narrou que sonhara já dentro do céu à espera do padre que subia.

a) Na oração: “O frade disse ter sonhado com a escada de Jacob...” considerando que o termo **o frade** é o sujeito da oração, por qual pronomes pessoais poderíamos substituí-lo, mantendo o verbo na mesma forma em que se encontra?

b) No período: “O frade disse ter sonhado com a escada de Jacob e **descreveu-a** brilhantemente.”. Quem praticou a ação expressa pelo verbo que está em negrito? Por qual motivo não precisou aparecer o sujeito desse verbo? Como ele é chamado pela gramática?

2- Considerando a frase: “Por ela, **ele** subia triunfalmente para o céu.”, substitua o pronome pessoal em negrito pelas palavras “o padre” e “o estudante”. Que mudança acontece com o verbo? Após a substituição, o sujeito continua sendo classificado como simples?

Leia a tirinha abaixo.



Fonte: Planeta tirinha (2018)

3- A forma como a personagem se prepara para o inverno é a mais correta? Justifique sua resposta.

4- Ainda sobre a tirinha anterior, responda:

- Na frase: “Está ficando bem frio lá fora”, o verbo se refere a algum termo, de modo a concordar em número e pessoa e que possa fazer a função de sujeito? Esse verbo está conjugado em qual pessoa?
- Quando o verbo “estar” indica tempo cronológico ou meteorológico e se encontra na terceira pessoa do singular, chamamos de verbo impessoal. Como é classificada a oração que possui esse tipo de verbo?

Leia a tirinha abaixo.



Fonte: Blog do Xandro (2012)

5- Pelos elementos apresentados, podemos dizer que a tirinha faz referência a que tipo de história?

6- Responda:

a) Na frase: “**Mandaram** uma fada madrinha muito jovem!”, é possível encontrar algum termo que faça a função de sujeito da forma verbal dessa oração?

b) Sabendo que o verbo está na terceira pessoa do plural e que não há nenhum termo que possa assumir a função de sujeito, como podemos classificar esse tipo de sujeito?

Predicado: é a parte da oração que não faz parte do sujeito. Quando identificamos o sujeito, percebemos que o resto da oração constitui o predicado. Em orações sem sujeito ou com sujeito implícito ou indeterminado, toda a oração equivale a um predicado.

Exemplos:

Gabriela e Juliana não entraram na sala após o intervalo. (predicado: não entraram na sala após o intervalo)

Hoje faremos o aniversário de Junior. (Como o sujeito é implícito – não aparece na oração, o predicado é toda a oração)

Para passarmos a ver os tipos de predicado, precisamos ver os tipos de verbos que podem aparecer nos predicados. Nesse sentido, os verbos podem ser: intransitivos, transitivos e de ligação. Os transitivos se dividem em: transitivo direto, transitivo indireto e transitivo direto e indireto. Vejamos.

Verbo intransitivo: é aquele que possui sentido completo, desse modo não precisa de complemento.

Exemplo: O pássaro **caiu**. (caiu – **verbo intransitivo**)

Verbo transitivo: é aquele que precisa de complemento. Pode ser: direto, indireto ou direto e indireto.

Verbo transitivo direto: é aquele cujo complemento se liga diretamente a ele sem preposição.

Exemplo: **Ouvimos** a música sertaneja no rádio. (ouvimos – **verbo transitivo direto**, pois o complemento – a música - está ligado ao verbo sem preposição)

Verbo transitivo indireto: é aquele cujo complemento se liga a ele por meio de uma preposição.

Exemplo: Ele **gosta** de música eletrônica. (gosta – **verbo transitivo indireto**, pois o complemento – de música eletrônica – está ligado a ele por meio de uma preposição)

Verbo transitivo direto e indireto: é aquele que possui dois complementos: um sem preposição e outro com preposição.

Exemplo: O carteiro **entregou** a encomenda ao morador. (entregou – verbo transitivo direto e indireto, pois possui dois complementos, um sem preposição – a encomenda – e outro com preposição – ao morador)

Verbo de ligação: é aquele que tem a função de ligar o sujeito a uma característica (predicativo do sujeito).

Exemplo: Ela **está** bonita hoje. (está – verbo de ligação)

Passemos agora para os tipos de predicado.

Tipos de predicado

Predicado verbal: é o predicado que apresenta por núcleo um verbo significativo. Geralmente, os verbos que aparecem nesse predicado são: intransitivos, transitivos diretos e transitivos indiretos.

Exemplos:

A festa **acabou** cedo. (núcleo do predicado: acabou – verbo intransitivo)

Mariana **fez** toda a atividade. (núcleo do predicado: fez – verbo transitivo direto)

Todos **acreditam** em Deus no meu trabalho. (núcleo do predicado: acreditam – verbo transitivo indireto)

Predicado nominal: é o predicado cujo núcleo é um nome (substantivo, adjetivo ou pronome). Geralmente, nesse tipo de predicado, aparecem **verbos de ligação**. O nome que funciona como núcleo é chamado de **predicativo do sujeito**, pois qualifica, delimita, caracteriza o sujeito. Os principais verbos de ligação são: ser, estar, parecer, ficar, permanecer, continuar.

Exemplos:

O aluno parecia **feliz** na sala de aula. (verbo de ligação: **parecia**; núcleo do predicado: feliz)

Ele também é **professor**. (verbo de ligação: **é**; núcleo do predicado: professor)

Predicado verbo-nominal: é o tipo de predicado que apresenta dois núcleos: um verbo (intransitivo ou transitivo) e um nome (predicativo).

Exemplos:

Os nordestinos **trabalham** felizes. (verbo intransitivo: **trabalham**; predicativo do sujeito: felizes)

Os moradores **observaram** tristes o fechamento da escola. (verbo transitivo direto: **observaram**; predicativo do sujeito: tristes)

Atividade

Leia um trecho da letra de música abaixo.

Esperando Aviões (Desejo de Menina)

Compositor: Vander Lee

Meus olhos te viram triste

Olhando pro infinito

Tentando ouvir o som do próprio grito

E o louco que ainda me resta

Só quis te levar pra festa

Você me amou de um jeito tão aflito

Que eu queria poder te dizer sem
palavras

Eu queria poder te cantar sem
canções

Eu queria viver morrendo em sua teia

Seu sangue correndo em minha veia

Seu cheiro morando em meus
pulmões

Cada dia que passo sem sua presença

Sou um presidiário cumprindo
sentença

Sou um velho diário perdido na areia

Esperando que você me leia

Sou pista vazia esperando aviões

Vander Lee (2003)

- 1- De acordo com texto, como o eu lírico se sente com a ausência da pessoa amada?
- 2- No trecho: “Sou pista vazia esperando aviões” de que modo o eu lírico se sente?
- 3- Leia a oração: “Você me amou de um jeito tão aflito...”.
 - a) Ao analisar essa oração, verificamos a presença do verbo “amar”, que faz parte do predicado. Se retirarmos esse verbo do predicado, a oração fica compreensível? Esse verbo é transitivo, intransitivo ou de ligação?
 - b) Com base na resposta da letra a, podemos dizer que o verbo “amar” é o núcleo do predicado. Então como poderíamos classificar esse predicado?

4- Na frase: “Sou um velho diário perdido na areia...”, com base no que vimos sobre sujeito, compreendemos que há um sujeito implícito (eu) nessa oração. Por esse motivo, toda essa oração é ao mesmo tempo o predicado.

a) Sabendo que o verbo “ser” nessa oração cumpre a função de verbo de ligação, qual é o termo que está caracterizando o sujeito, que assume a função de núcleo do predicado?

b) Com base na resposta da letra **a**, como podemos classificar o predicado dessa oração?

5- No trecho: “Meus olhos te viram triste...”, temos uma oração cujo sujeito é o termo “meus olhos”, mantendo uma relação de concordância com o verbo.

a) O termo “triste” está se referindo ao sujeito? Por quê?

b) Substitua o pronome oblíquo “te” pelo pronome de tratamento “você”. Para isso você precisa fazer alguma mudança na ordem das palavras na oração?

c) Considerando que no predicado da oração acima há um núcleo verbal (verbo transitivo) e núcleo nominal (adjetivo “triste”), qual é o tipo de predicado dessa oração?

Complementos verbais: são termos que complementam o sentido de alguns verbos (transitivos). Vejamos:

Objeto direto: é o termo que complementa o sentido do verbo transitivo direto sem o auxílio de preposição.

Exemplos: O vizinho cultivava **flores** na sua casa. (cultiva – verbo transitivo direto; **flores** – objeto direto)

O jovem marido amava **sua esposa**. (amava – verbo transitivo direto; **sua esposa** – objeto direto)

Objeto indireto: é o termo que complementa o sentido de um verbo transitivo indireto. Geralmente vem ligado ao verbo por uma preposição.

Exemplos: A aluna precisa **de ajuda** com as atividades de casa. (precisa – verbo transitivo indireto; **de ajuda** – objeto indireto)

Eu obedeço **aos meus pais**. (obedece – verbo transitivo indireto; **aos meus pais** – objeto indireto)

Atividade

Leia a letra de música abaixo.

Ela Só Quer Paz

Projota

Ela é um filme de ação com vários finais

Ela é política aplicada em conversas banais

Se ela tiver muito a fim, seja perspicaz

Ela nunca vai deixar claro, então entenda sinais

É o paraíso, suas curvas são cartões postais

Não tem juízo, ou se já teve, hoje não tem mais

Ela é o barco mais bolado que aportou no seu cais

As outras falam, falam, ela chega e faz

Ela não cansa, não cansa, não cansa jamais

Ela dança, dança, dança demais

Ela já acreditou no amor, mas não sabe mais

Ela é um disco do Nirvana de 20 anos atrás

Não quer cinco minutos no seu banco de trás

Só quer um jeans rasgado e uns quarenta reais

Ela é uma letra do Caetano com "flow" do Racionais

Hoje pode até chover, porque ela só quer paz

Hoje ela só quer paz

Hoje ela só quer paz

Hoje ela só quer paz

Hoje ela só quer

Projota (2016)

1- No trecho: “Ela é um filme de ação com vários finais...” por que a pessoa a quem o eu lírico se refere pode ser comparada a um filme com vários finais?

2- No trecho: “Ela é um disco do Nirvana de 20 anos atrás...” essa comparação revela o que sobre a pessoa a quem o eu lírico se refere?

3- Leia: “Hoje ela só quer **paz...**”

- a) Reescreva a frase substituindo o termo em destaque pelas palavras: amor, você?
- b) A que classe gramatical pertencem as palavras que podem ser colocadas no lugar de “paz” na letra **a**?
- c) Como ficaria a oração, se fosse retirada a palavra destacada?
- d) Entre o verbo “quer” e o complemento “paz” há alguma preposição? Quando isso acontece, que nome damos ao complemento?

4- Agora leia a seguinte oração: “Ela já acreditou no amor...”

- a) Substitua a palavra “amor” por “você”. O que acontece com a palavra “no”?
- b) Se retirássemos o termo “no amor”, seria mantido o sentido da oração? Justifique sua resposta.
- c) Sabendo que, ligando o verbo ao complemento, há a preposição **no** (em+a), qual é o nome que se dá ao complemento verbal nessa oração?

Complemento nominal: é o termo utilizado para completar o sentido de um nome. Assim como alguns verbos necessitam de complemento, há alguns nomes (substantivo, adjetivo e advérbio) que também necessitam de complemento.

Exemplos: Todos os alunos tinham necessidade de atenção. (necessidade: substantivo; **de atenção**: complemento nominal)

Ela sempre foi fiel ao namorado. (fiel: adjetivo; ao namorado: complemento nominal)

Eles só falavam relativamente à música. (relativamente: advérbio; **à música**: complemento nominal)

Atividade

Leia o trecho a seguir retirado do texto O caboclo, o padre e o estudante.

[...] O frade disse ter sonhado com a escada de Jacob e descreveu-a brilhantemente. Por ela, ele subia triunfalmente para o céu. O estudante, então, narrou que sonhara já dentro do céu à espera do padre que subia.

- 1- No trecho: “[...] descreveu-a **brilhantemente**.” Explique o sentido da palavra destacada.
- 2- Na passagem: [...] sonhara já dentro do céu à espera **do padre**..., seria possível a retirada do termo em destaque? A oração permaneceria com o mesmo sentido?
- 3- A palavra que antecede o termo destacado na questão -1 pertence a que classe gramatical?
- 4- Com base na resposta da questão -2, o termo “do padre” complementa um verbo ou um nome? Qual a classificação da expressão destacada?

Predicativo

Predicativo do sujeito: é um termo, dentro do predicado, que se refere ao sujeito, atribuindo-lhe características e qualidades. Liga-se ao sujeito por meio do verbo de ligação.

Exemplos: Pedro era respeitoso. / Ela está feliz.

Predicativo do objeto: é o termo que qualifica, caracteriza o objeto direto.

Exemplos: Nós consideramos Juliana uma menina maravilhosa.

O público deixou o cantor feliz com os aplausos.

Atividade

Leia o trecho da letra de música abaixo.

Na Sua Estante

Pitty

Te vejo errando e isso não é pecado

Exceto quando faz outra pessoa
sangrar

Te vejo sonhando e isso dá medo

Perdido num mundo que não dá pra
entrar

[...]

Tô aproveitando cada segundo

Antes que isso aqui vire uma tragédia

[...]

E não adianta nem me procurar

Em outros timbres, outros risos

Eu estava aqui o tempo todo

Só você não viu

Você tá sempre indo e vindo, tudo bem

Dessa vez eu já vesti minha armadura

E mesmo que nada funcione

Eu estarei de pé, de queixo erguido

Depois você me vê vermelha e acha
graça

Mas eu não ficaria bem na sua estante

PITTY (2006)

1- No trecho: “E não adianta nem me procurar/ Em outros timbres, outros risos...” a que sentido a palavra “timbre” faz referência?

2- Leia a oração: “Depois você me vê vermelha...”

a) A que pessoa do discurso o pronome oblíquo “me” corresponde?

b) Substitua “me” pelo substantivo próprio Maria. Depois diga qual é a função sintática de Maria na oração.

c) Agora troque o nome Maria por Paulo. O que acontece com o adjetivo “vermelha”? Ele está se referindo ao sujeito (você) ou ao objeto direto (Paulo)?

d) Sabendo que o adjetivo “vermelha” atribui uma característica a um termo da oração (objeto direto), qual é a função sintática desse adjetivo nessa oração?

e) Considerando as respostas anteriores, qual o tipo de predicado dessa oração? Justifique.

3- Leia: [...] isso não é pecado...

a) Troque o substantivo “pecado” pelo adjetivo “bonito”. Aconteceu alguma alteração nas outras palavras da oração?

b) Agora na oração: isso não é bonito... troque o pronome “isso” pela expressão “a tristeza”. Aconteceu alguma alteração nos outros elementos da oração? Por que isso aconteceu?

c) Com base na resposta anterior, qual é a função sintática da palavra “bonita”, na frase modificada, e da palavra “pecado”, na frase original?

Adjunto adnominal: é o termo que acompanha o substantivo acrescentando-lhe uma informação. Podem exercer a função de adjunto adnominal, principalmente, adjetivo, artigo, numerais, pronomes adjetivos, locuções adjetivas.

Exemplos: Ela tem belos olhos.

O carro do Pedro está quebrado.

Os primeiros alunos já chegaram.

Aquele professor trabalha bem.

Atividade

Leia um trecho da letra de música abaixo.

Coração de Frango

Falcão

Eu passei o dia inteiro trabalhando
Esperando a hora de te encontrar
Te encontrar no churrasquinho da
esquina
Pra gente jantar
Mas quando eu me aproximei da
barraquinha
Vi que outro segurava a sua mão

E o ciúme que atravessou meu peito
Me deu a sensação
De um coração de frango
Perfurado pelo espeto do ciúme
Coração de frango
Trespasado pelo espeto da traição
[...]

Falcão (2014)

1- Todo texto é produzido com uma intenção que pode ser: divertir, fazer rir, criticar, informa etc. Pela leitura da música “Coração de frango”, qual seria o objetivo desse texto?

2- No trecho: “**Trespasado** pelo espeto da paixão” explique o sentido da palavra destacada.

3- Leia: “Eu passei o dia inteiro trabalhando”

- a) Substitua o substantivo “dia” pelo substantivo “tarde”. Alguma palavra se flexionou para concordar com tarde? Quais palavras mudaram e a que classe gramatical pertencem essas palavras?
- b) Insira a locução adjetiva “da Independência” próximo ao substantivo “dia”? Que mudança de sentido aconteceu?
- c) Na frase modificada na letra “b”, troque o artigo “o” pelo pronome “aquele”. Houve alguma mudança de sentido?
- d) Com base nas letras anteriores, quais classes gramaticais e qual locução podem fazer a função de adjunto adnominal do substantivo?

4- No trecho: “[...] outro segurava a sua mão...”

- a) Reescreva o trecho, passando o substantivo mão para o plural. Que palavras também foram para o plural?
- b) No trecho modificado na resposta da letra “a” dessa questão, é possível acrescentar o numeral “duas” ao substantivo mãos? Se possível, faça esse acréscimo.
- c) Com base na resposta da letra “b”, pode-se dizer que o numeral também pode fazer a função de adjunto adnominal? Por quê?

Adjunto adverbial: é o termo da oração que, geralmente, liga-se ao verbo, ao advérbio ou ao adjetivo, expressando diversas circunstâncias. Vejamos alguns exemplos bem como a classificação das circunstâncias expressas por eles.

Exemplo: **Amanhã** concluiremos o trabalho. (tempo)

A comida de hoje estava **muito** boa. (intensidade)

No bairro, todos estavam sabendo da festa de aniversário. (lugar)

Talvez eu chegue **na hora marcada**. (dúvida / tempo)

A professora fala **muito bem**. (intensidade / modo)

Jamais ela aceitará essa situação. (negação)

Atividade

Leia o poema abaixo.

No meio do caminho

No meio do caminho tinha uma pedra
 tinha uma pedra no meio do caminho
 tinha uma pedra
 no meio do caminho tinha uma pedra.
 Nunca me esquecerei desse
 acontecimento

na vida de minhas retinas tão
 fatigadas.
 Nunca me esquecerei que no meio do
 caminho
 tinha uma pedra
 tinha uma pedra no meio do caminho

Carlos Drummond de Andrade

1- Se considerarmos o caminho apresentado no poema como a vida do eu lírico, o que seria a pedra?

2- No trecho: “Nunca me esquecerei desse acontecimento” trata-se de um acontecimento comum ou marcante na vida do eu lírico? Justifique sua resposta.

3- Leia o verso: “**No meio do caminho** tinha uma pedra”.

a) Reescreva o verso, substituindo o termo em destaque pelo advérbio “aqui”.

b) Coloque a palavra pedra no plural. Houve alguma mudança na expressão destacada?

4- No verso: “**Nunca** me esquecerei desse acontecimento”, a palavra em destaque é um advérbio de negação.

a) Quais das locuções a seguir podem substituir o advérbio em negrito, mantendo a ideia de negação?

de modo algum – ao contrário – por certo – de forma alguma – à tarde

b) Sabendo que as locuções encontradas na letra “a” fazem a mesma função do advérbio, qual é a função sintática desempenhada por elas e pelo advérbio na oração?

5- Leia: “na vida de minhas retinas **tão** fatigadas.”. Se retirássemos o advérbio destacado, haveria alguma mudança de sentido?

Agente da passiva: é o termo que indica quem pratica a ação na voz passiva, quem é o agente da ação expressa pelo verbo na voz passiva.

Exemplos: A comida foi feita **pela minha mãe**.

A casa foi construída **pelos pedreiros**.

A música foi criada **por mim**.

Atividade

Leia a tirinha abaixo.



Fonte: Fabiano Bohi (2012)

1- De acordo com a tirinha, a comida industrializada faz bem a quem consome? Justifique sua resposta.

2- Qual o objetivo da tirinha lida? Justifique sua resposta.

3- Leia a frase: “Nas propagandas, a comida industrializada é feita com todo carinho por uma vovó.”

- Qual termo indica quem pratica a ação de fazer a comida industrializada?
- Seria possível substituir a expressão “uma vovó”, pelo pronome pessoal “ela”? Se sim, reescreva a frase, fazendo essa substituição.
- Troque a expressão “uma vovó” pelo substantivo Maria.
- Com base nas letras “a”, “b” e “c”, quais classes de palavras podem fazer a função de agente da passiva?

Aposto: é um termo colocado depois de um nome com o objetivo de fornecer informações como explicação, esclarecimento, enumeração etc.

Exemplo: Dois alunos, **Guilherme e Gabriel**, participaram da segunda fase das olimpíadas da cidade.

Tipos de aposto

Aposto explicativo: explica um termo da oração.

Exemplo: Maria, **melhor funcionária da empresa**, foi promovida.

Aposto enumerativo: enumera partes que constitui um termo da oração.

Exemplo: Nesse aluno, ela desejou três coisas: **fé em Deus, saúde e paz**.

Aposto resumidor: resume em uma palavra termos mencionados na oração.

Exemplo: Fé, saúde e amor, **isso** é o que desejo para você.

Aposto especificativo: especifica ou individualiza um termo da oração.

Exemplo: A Rua **Padre Cícero** fica no centro da cidade.

Atividade

Leia um trecho da notícia abaixo.

Wesley Safadão: A vida e a carreira do homem que inventou o "fornonejo"

Dono de hits que conquistam multidões, como "Leva Eu Pra Sua Casa", "Camarote" e "Segunda Opção", Wesley Safadão influencia nova geração

Wesley Safadão habituou-se a arrebatrar multidões em seus shows. O artista, que tem 27 anos, ostenta um recorde e tanto para chamar de seu. Faturou R\$ 1 milhão em uma única apresentação. Natural de Fortaleza, no Ceará, Wesley Oliveira da Silva nem sonhava em ser cantor. Ele tinha outros planos. Como quase todo menino brasileiro, ele queria ser jogador de futebol. Ainda na infância, o cearense integrou o time das escolinhas de futebol de clubes locais como o Ferroviário. Porém, com o surgimento do grupo Garota Safada, em 2001, o garoto começou a enveredar-se mais pela carreira de cantor.

Garota Safada foi uma banda de forró eletrônico fundada em Fortaleza, por Valmira de Oliveira, mais conhecida por Dona Bill, mãe de Wesley Safadão. O grupo reunia seus irmãos e primos e começou a fazer sucesso primeiramente na região de origem. [...]

Fonte: IG (2018)

1- Qual o objetivo da notícia lida?

2- No trecho: “[...] ostenta um recorde e tanto para chamar de seu.” A que recorde se refere a notícia? Por que se trata de um grande feito?

3- Leia: “Garota Safada foi uma banda de forró eletrônico fundada em Fortaleza, por Valmira de Oliveira, mais conhecida por Dona Bill, **mãe de Wesley Safadão**.”.

a) A expressão em destaque está se referindo a qual termo?

b) A quem se refere o trecho “mais conhecida por dona Bill”?

c) Se fosse retirado o trecho “mais conhecida por Dona Bill”, a frase continuaria expressando a informação principal? Por quê?

d) Qual função sintática é exercida pelos trechos: “mais conhecida por Dona Bill” e “mãe de Wesley Safadão”?

4- Leia: Porém, com o surgimento do grupo **Garota Safada**, em 2001, o garoto começou a enveredar-se mais pela carreira de cantor. A expressão em destaque pode ser considerada um aposto especificativo? Por quê?

Vocativo: é um termo usado para interpelar, invocar, chamar, quando o falante se dirige ao ouvinte.

Exemplos: **Amigo**, onde fica o teatro?

O que é substantivo, **professor**?

Pedro, como você está?

Atividade

Leia novamente o trecho do texto O caboclo, o padre e o estudante.

[...]

— Eu sonhei que via seu padre subindo a escada e seu doutor lá dentro do céu, rodeado de amigos. Eu ficava na terra e gritava:

— Seu doutor, seu padre, o queijo! Vosmincês esqueceram o queijo.

Então, vosmincês respondiam de longe, do céu:

— Come o queijo, caboclo! Come o queijo, caboclo! Nós estamos no céu, não queremos queijo. [...]

1- No trecho lido, é reproduzida a fala de qual personagem?

2- Leia: “— Come o queijo, **caboclo**!”.

a) Coloque o termo em destaque antes do verbo. Ao fazer isso, houve alguma mudança de sentido?

b) Ao inverter o termo na letra “a”, a vírgula foi retirada? O que aconteceu com a vírgula?

c) Qual é a função sintática do substantivo “caboclo” na oração?

3- No trecho: “— **Seu doutor, seu padre**, o queijo!”, os termos em destaque poderiam trocar de posição? O sentido ficaria diferente?

Gabarito dos exercícios

Substantivo

- 1- Provavelmente uma separação amorosa, como podemos observar no terceiro verso “E das bocas unidas fez-se a espuma”.
- 2- Antes da separação, o eu lírico parecia feliz e tranquilo; no presente, o eu lírico encontra-se solitário e sua vida perdeu o sentido.
- 3- São as palavras riso e pranto. Essas palavras pertencem a classe dos substantivos.
- 4- Possibilidade: sugere a ruptura amorosa, o fim de uma relação.
- 5- a) Fez-se da amiga próxima a distante. b) Foi preciso passar algumas palavras para o feminino também (do para da, próximo para próxima, o para a)

Verbo

- 1- “Pane no sistema, alguém me desconfigurou”, “Parafuso e fluido em lugar de articulação”, “Reinstalar o sistema”.
- 2- Provavelmente a intenção do eu lírico era mostrar que os seres humanos , nos dias atuais, parecem mais máquinas que humanos.
- 3- a) Ordem em relação ao eu lírico.
b) As formas verbais estão no modo imperativo.
- 4- O eu lírico vive controlado por um sistema.
- 5- a) Você sempre achou que era vivo.
Nós sempre achamos que éramos vivos.
Eles sempre acharam que eram vivos.
- b) O verbo achar foi flexionado na pessoa correspondente ao pronome utilizado em cada frase.
- 6- Até **acho** que aqui **bate** um coração.

Adjetivo

- 1- Essas ações são negativas, já que fazem o ser humano reduzir a análise crítica da realidade e ser manipulado pela mídia para fins comerciais.
- 2- Sim. Pois Calvin ao fazer aparentemente esses agradecimentos à mídia de massa, na verdade, está fazendo uma crítica as ações dela na vida das pessoas.
- 3- O adjetivo “traíçoeira” se refere ao substantivo **manipulação**, atribuindo-lhe uma informação negativa, já que traíçoeiro se remete ao significado de traição.

4- Adjetivo: palavra; Locução adjetiva: de tapioca. Informam sobre o conteúdo da tigela e sobre a sua temperatura.

5- Na primeira seria possível: artificialidade das rápidas soluções. Já no segundo, a expressão perderia o sentido: para comerciais fins.

Numeral

1- A principal informação é a transferência do jogador Neymar do Barcelona para o Paris Saint Germain.

2- Não. O jogador Neymar passa a ser, após essa negociação, o jogador mais caro da história, por isso não é uma negociação comum.

3- Ordem de um ser numa sequência.

4- Não. Porque o numeral ordinal geralmente concorda em gênero e número com o substantivo a que se refere. Nesse caso, **primeiro** deve concordar com o substantivo **colocado**.

5- Paul Pogba passa a ser o segundo colocado.

Pronome

1- A execução da pena de morte.

2- O fato de ter cometido crimes hediondos.

3- O que causa o mal-entendido é o fato de o guarda ter achado que o pronome “eles” se referia a crimes hediondos.

4- A frase ficaria assim: Diga a minha família que eu sempre **os** amei.

5- Sim, seria possível. Para isso deveríamos colocar a expressão “a vocês” depois do verbo dizer: Ele queria dizer a vocês...

Artigo

1- Uma flor e um beija-flor.

2- O fato de terem um sentimento típico do ser humano: o amor.

3- Como flor e beija-flor aparecem pela primeira vez no segundo verso da primeira estrofe é natural que eles venham anteceditos pelos artigos indefinidos, já que ainda não eram conhecidos, ainda não tinham sido mencionados. Já no terceiro verso da segunda estrofe, a flor e o beija-flor foram mencionados antes, então já são conhecidos, por isso o uso dos artigos definidos nesse momento.

4- Se fizéssemos a substituição, o artigo seria flexionado, passando para o masculino, concordando com o substantivo “galhos”: **os** galhos.

5- E o fruto caído no chão. Ao fazer a substituição, o artigo foi flexionado, passando para o masculino e para o singular, concordando, desse modo, com o substantivo “fruto”.

Advérbio

1- No sentido de manso, inocente, que obedece a seu dono em tudo.

2- O humor é causado no último quadrinho, quando o cachorro, ao invés de se fingir de morto, finge-se de desmaiado. O humor está na inocência do cachorro ao fazer isso.

3- Sim. A frase indicaria que o cachorro deveria ser obediente, não o contrário.

4- Nós não devemos ser tão obedientes! Manteve-se inalterado o advérbio de negação.

5- Ao fazer a alteração, o advérbio “tão” permaneceu invariável. Esse advérbio modifica um adjetivo.

Preposição

1- Ele é levado para a vacinação, achando que vai a uma peça para cachorros.

2- Não. No último quadrinho, na frase “Fui enganado de novo!!”, a expressão “de novo” sugere que isso já aconteceu outra vez.

3- A preposição “para” permaneceria invariável.

4- Estabelece uma relação de finalidade.

5- Aparecem as preposições: **a** e **de**. Essas preposições têm por função ligar palavras.

Conjunção

1- Sugere que ele sabe viver nas ruas, que tem conhecimento para enfrentar as dificuldades que possam aparecer na cidade.

2- O fato de Moe só conhecer a sua própria rua, não ter nenhuma habilidade para sobreviver na cidade.

3- Sim, seria possível. O sentido não se alteraria, pois “porém” tem o sentido equivalente ao da preposição “mas”.

4- Ele não é inteligente, porque tem a sabedoria das ruas. O sentido seria alterado, pois perde a ideia de oposição e passa a ter uma ideia de explicação.

5- Ao se utilizar da conjunção “conforme”, perde-se o sentido de oposição, já que conforme da ideia de conformidade.

Interjeição

- 1- As consequências são o umbigo soltar e o bumbum cair.
- 2- Não.
- 3- As interjeições sugerem risos, diversão.
- 4- As interjeições são importantes porque mostram que as meninas riem de modo descontrolado.

Frase, oração e período

- 1- No sentido de dividir para cada um pequeno pedaço.
- 2- Porque ele sabia que tinha recursos oratórios, ou seja, possuía habilidades com a linguagem que os outros personagens não possuíam.
- 3- A frase é finalizada com ponto de exclamação porque indica que o caboclo gritava para o padre que subia e para o estudante que já estava lá.
- 4- A frase é compreensível, pois transmite uma informação completa. O contexto contribui para a clareza do que é anunciado na frase.
- 5- Há três orações. Trata-se de um período composto.

Sujeito

- 1- a) Poderíamos usar o pronome pessoal **ele**.
- b) Quem praticou a ação de descrever foi o frade. Não foi preciso porque a desinência verbal bem como o contexto eram suficientes para se saber a quem a forma verbal se referia. Esse tipo de sujeito é chamado de sujeito implícito.
- 2- Por ela, o padre e o estudante subiam triunfalmente para o céu.
Ao fazer a substituição, o verbo passa para a terceira pessoa do plural, concordando em número e pessoa com o sujeito.
Após a substituição, o sujeito passa a apresentar dois núcleos (padre e estudante), então é classificado como sujeito composto.
- 3- Não. Geralmente, as pessoas se preparam para o inverno, comprando roupas adequadas para se proteger do frio.
- 4- a) O verbo “estar” não está se referindo a nenhum termo, que possa ocupar a função de sujeito. Nessa oração, o verbo “estar”, encontra-se flexionado na terceira pessoa do singular.
- b) Geralmente, o verbo “estar”, quando é impessoal, aparece em orações sem sujeito.
- 5- Pelos elementos apresentados, a tirinha faz referência a conto de fadas, já que apresenta, aparentemente, uma princesa e uma fada madrinha.

6- a) Não há nenhum termo que faça a função de sujeito nessa oração.

b) Como sujeito indeterminado.

Predicado

1- O eu lírico se sente como um presidiário cumprindo sentença, como um velho diário perdido na areia, como pista vazia esperando aviões.

2- Aparentemente, o eu lírico se sente solitário como uma pista vazia e na expectativa do retorno da pessoa amada.

3- a) Se retirarmos o verbo do predicado, a oração perde o sentido, pois esse verbo é o núcleo do predicado. Amar é um verbo transitivo, pois necessita de complemento.

b) Como o núcleo do predicado é um verbo, dizemos que é um predicado verbal.

4- a) O termo que faz a função de núcleo do predicado é “diário”.

b) Trata-se de um predicado nominal.

5- a) “Triste” não se refere ao sujeito, mas a um termo representado pelo pronome oblíquo “te”.

b) Meus olhos viram você triste... Para substituir “te” por “você”, foi preciso passar o pronome para depois do verbo.

c) Predicado verbo-nominal.

Complementos verbais

1- Provavelmente, porque se trata de uma pessoa imprevisível.

2- Revela que é uma pessoa rara, difícil de encontrar por aí. Uma pessoa de grande valor.

3- a) “Hoje ela só quer amor...” / “Hoje ela só quer você...”

b) Pertencem a classe dos substantivos e dos pronomes.

c) Se fosse retirada a palavra “paz”, a oração ficaria incompleta, pois o verbo necessita de um complemento.

d) Não há nenhuma preposição entre o verbo e seu complemento. Chamamos esse complemento sem preposição de objeto direto.

4- a) Ela já acreditou em você... Ao fazer a substituição o “no” (em+a) passa a ser “em”, devido ao fato de que o pronome não admitir artigo a sua frente.

b) A oração ficaria incompleta, porque o verbo é transitivo, precisa de um complemento.

c) O complemento, nessa oração, recebe o nome de objeto indireto, pois vem regido por preposição.

Complemento nominal

1- A palavra destacada se refere à maneira como o frade descreveu a escada de Jacob. No caso, significa “de maneira brilhante”, “em que há brilho ou destaque”.

2- Não. A oração ficaria incompleta, pois a palavra precisa de complemento.

3- “Espera” pertence à classe dos substantivos.

4- Complementa o sentido de um nome (substantivo). Trata-se de um complemento nominal.

Predicativo do sujeito e predicativo do objeto

1- Provavelmente, a sonoridade da voz de alguma pessoa.

2- a) O pronome “me” corresponde a primeira pessoa do singular “eu”.

b) Depois você vê Maria vermelha... O substantivo Maria complementa o verbo “vê” sem intermédio de preposição, portanto é objeto direto.

c) Depois você vê Paulo vermelho... O adjetivo passa para o masculino concordando com o substantivo Paulo. O adjetivo se refere ao objeto direto.

d) Esse adjetivo faz a função de predicativo do objeto.

e) Considerando as respostas anteriores, a oração tem um predicado verbo-nominal. Porque há dois núcleos: um verbal (verbo transitivo direto) e um nominal (predicativo do objeto).

3- a) isso não é bonito... Não houve alteração nas outras palavras da oração.

b) A tristeza não é bonita... Aconteceu uma alteração no adjetivo que passou para o feminino “bonita”. Isso ocorreu porque o adjetivo está se referindo ao núcleo do sujeito, que é uma palavra feminina.

c) As duas palavras (bonita e pecado) fazem a função de predicativo do sujeito?

Adjunto adnominal

1- O objetivo do texto “Coração de frango” é divertir, fazer rir.

2- A palavra destacada tem o sentido de atravessar de um lado para outro.

3- a) Eu passei a tarde inteira trabalhando. O artigo definido “o” passou para o feminino “a” e o adjetivo passou para o feminino “inteira”, concordando com tarde.

b) Eu passei o dia da Independência inteiro trabalhando... A locução adjetiva especifica o substantivo dia, indicando o dia exato do fato.

c) Eu passei aquele dia da Independência inteiro trabalhando... O pronome “aquele” passa um sentido de distanciamento em relação ao dia.

d) Com base na letras a, b e c, podem fazer a função de adjunto adnominal: artigo, adjetivo, pronome e locução adjetiva.

4- a) Outro segurava as suas mãos... O artigo “a” e o pronome “sua” foram para o plural.

b) Sim, é possível. Outro segurava as suas duas mãos...

c) Sim, o numeral também pode ser adjunto adnominal, porque pode fazer a função de determinante do substantivo.

Adjunto adverbial

1- A pedra seria os obstáculos, os problemas enfrentados pelo eu lírico durante a sua vida.

2- Um acontecimento marcante já que vai ficar na memória do eu lírico, ele nunca esquecerá.

3- a) Aqui tinha uma pedra.

b) No meio do caminho tinha umas pedras. A expressão destacada continua sem nenhuma mudança.

4- a) As locuções: de modo algum e de forma alguma.

b) Fazem a função de adjunto adverbial.

5- Sim, perderia a ideia de intensidade em relação ao sentido do adjetivo.

Agente da passiva

1- De acordo com a tirinha, a comida industrializada não faz bem. Podemos constatar isso no último quadrinho onde se faz referência a contos de fadas em que uma bruxa oferece uma maçã envenenada à princesa. Desse modo, podemos entender que a comida industrializada corresponde à maçã envenenada.

2- Fazer uma crítica ao uso de produtos que fazem mal a saúde na produção de comida industrializada

3- a) O termo “por uma vovó”.

b) Sim. Nas propagandas, a comida industrializada é feita com todo carinho por ela.

c) Nas propagandas, a comida industrializada é feita com todo carinho por Maria.

d) Podem fazer a função de agente da passiva substantivos e pronomes.

Aposto

1- Falar sobre a vida e a carreira do cantor Wesley Safadão.

2- O recorde está no fato de Wesley Safadão ter faturado R\$ 1 milhão em uma única apresentação. É um grande feito porque não é comum um cantor brasileiro fatura esse valor em única apresentação.

3- a) A expressão em destaque se refere ao termo “Dona Bill”.

b) A Valmira de Oliveira.

c) Sim, porque, nessa oração, o trecho “mais conhecida por Dona Bill” acrescenta uma informação secundária.

d) Exercem a função de aposto.

4- Sim. Porque individualiza o substantivo “banda”.

Vocativo

1- É reproduzida a fala do caboclo em todos os parágrafos do trecho lido acima.

2- a) — Caboclo, come o queijo! Mesmo com a inversão do termo, o sentido não se modificou.

b) Não, a vírgula, apenas, mudou de posição: ficou depois de caboclo.

c) A função sintática de vocativo.

3- Os termos poderiam mudar de posição e o sentido não se alteraria.

Referências

A TRILHA DO SABER. Imagens de tirinhas do menino maluquinho. Disponível em: <<http://atrilhadosaber.blogspot.com.br/2010/04/tirinhas-na-sala-de-aula.html>> Acesso: 22/12/2017.

ALMEIDA, Nílson Teixeira de. **Gramática completa para concursos e vestibulares**. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2009. 172 p.

ANDRADE, Carlos Drummond de. No meio do caminho. Disponível em: <<https://www.pensador.com/frase/MTU1ODE/>> Acesso em: 11/01/18.

AZEREDO, José Carlos de. **Iniciação à sintaxe do português**. 8. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000. 172 p. (Coleção Letras)

BIANCA, Bruna. Piadas. Disponível em: < <https://www.piadas.com.br/piadas/piadas-curtas/na-delegacia>> Acesso em: 21/12/17.

BLOG DO XANDRO. Tirinha de Níquel Náusea. Disponível em: <<http://blogdoxandro.blogspot.com.br/2012/10/tiras-n3759-niquel-nausea-fernando.html>> Acesso em: 10/01/18.

CAMARA Jr. **Estrutura da língua portuguesa**. 39. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. 124p.

CARONE, Flávia de Barros. **Morfossintaxe**. 2. Ed. São Paulo: Ática S.A.,1988.

CLUBE DA MAFALDA. Tirinhas da Mafalda. Disponível em: <<http://clubedamafalda.blogspot.com.br/>> Acesso em: 07/01/18.

CURIOSO INOVADOR. Tirinha. Disponível em: <<http://curiosoinovador.blogspot.com.br/2011/11/lingua-portuguesa-fail-tirinha-do-dia.html>> Acesso: 22/12/2017.

EDITORIA BRASIL. Tirinhas de Suriá. Disponível em: <<http://www.editoradobrasil.com.br/jimboe/galeria/imagens/index.aspx?d=ciencias&a=4&u=5&t=imagem:>> Acesso em: 08/012017.

FABIANO BOHI. Tirinha. Disponível em: <<https://fabianobohi.files.wordpress.com/2012/04/tirinha1584.jpg>> Acesso em: 11/01/18.

FALCÃO. Coração de frango. Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/falcao/coracao-de-frango.html#print>> Acesso: 27/12/2017.

FERRAREZI Jr., Celso. **Sintaxe para a educação básica**. São Paulo: contexto, 2012.

FRANCHI, Carlos. **Mas o que é mesmo “gramática”?**. São Paulo: Parábola, 2006. 151 p

GONÇALVES, Carlos Alexandre. **Iniciação aos estudos morfológicos: flexão e derivação em português**. São Paulo: Contexto, 2011. 155p.

HENRIQUE E JULIANO. Flor e o beija-flor. Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/henrique-e-juliano/flor-e-o-beija-flor-part-marilia-mendonca.html#print>> Acesso: 22/12/2017.

IG. Wesley Safadão: A vida e a carreira do homem que inventou o "fornonejo". Disponível em: <<https://www.ig.com.br/tudo-sobre/wesley-safadao/>> Acesso em: 11/01/18. (adaptado)

KEMVALIA. Imagens de tirinhas de Níquel Náusea. Disponível em: <<http://kemvaila.blogspot.com.br/>> Acesso em: 08/01/2018.

LEE, Vander. Esperando aviões. Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/desejo-de-menina/esperando-avioes.html#print>> Acesso em: 10/01/18.

LIMA, GUSTAVO. Eu vou te buscar. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/gusttavo-lima/eu-vou-te-buscar/>> Acesso: 22/12/17.

MACAMBIRA, José Rebouças. **A estrutura morfo-sintática do português: aplicação do estruturalismo linguístico**. 1. ed. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2001.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gênero e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. 296

MORAIS, Vinícius. Soneto de separação. Disponível em: <https://www.pensador.com/poemas_vinicius_de_moraes/> Acesso em: 08/01/2018.

MUITO BACANA. Tirinhas. Disponível em: <<http://muitobacana.com/tirinhas/>> Acesso em: 27/12/2017

Muito Bacana. Joãozinho é mesmo esperto. Disponível em: <<https://muitobacana.com/piadas-engracadas/>> Acesso em: 27/07/18.

OLIVEIRA, Luciano Amaral. **Coisas que todo professor de português precisa saber: a teoria na prática**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010. 270 p

O2 FILMES. Tirinhas de Suriá. Disponível em: <<http://www.o2filmes.com/noticias/2921/imperio-do-biriba-e-suria/>> Acesso em: 09/01/18.

PAULO MATHEUS. Imagens de tirinhas de Níquel Náusea. Disponível em: <<http://paulo-matheus.blogspot.com.br/2012/08/30-tirinhas-niquel-nausea.html>> Acesso em 09/01/18.

PEIXOTO FILHO, Fernando Vieira. **Morfossintaxe do Português**. Rio de Janeiro: Barra Livros, 2017. 176 p.

PEREIRA, Camila Sequeto; BARROS, Fernanda Pinheiro; MARIZ, Luciana. **Universos: Língua Portuguesa, 8 ano: anos finais: ensino fundamental**. 3 ed. São Paulo: Edições SM, 2015

PIADAS. Na delegacia. Disponível em: <http://www.piadas.com.br/> ACESSO: 21/12/17.

PINTEREST. Tirinhas atuais. Disponível em: <<https://www.pinterest.pt/brito1903/charges-cartuns-tirinhas-e-caricaturas/acesso>> Acesso em: 27/12/2017.

PITTY. Admirável chip novo. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/pitty/admiravel-chip-novo/admiravel-chip-novo-print.html>> acesso em: 08/01/18.

PITTY. Na sua estante. Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/pitty/na-sua-estante.html#print>> Acesso: 22/12/17.

PLANETA TIRINHA. Imagens de tirinhas de Hagar. Disponível em: <<https://planetatirinha.wordpress.com/category/hagar-o-horrivel/page/3/>> Acesso em: 10/01/18.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar. **Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**. 2Ed. Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul: Feevale, 2013.

PROJOTA. Ela só quer paz. Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/projota/ela-so-quer-paz.html#print>> Acesso: 22/12/17.

RELEITURAS. O caboclo, o padre e o estudante. Disponível em: <http://www.releituras.com/gustavobarroso_caboclo.asp> Acesso em: 10/01/18.

TAIS MAIS. Tirinhas de Calvin. Disponível em: <<http://taismais.blogspot.com.br/2012/06/tirinhas-de-calvin.html>> Acesso: 22/12/2017.

TIRAS DO CALVIN. Tirinhas do Calvin. Disponível em: <<http://tiras-do-calvin.tumblr.com/>> Acesso em: 07/01/18.

TIRINHAS DO GARFIELD. Ratoeiras. Disponível em: <<https://tirinhasdogarfield.blogspot.com.br/>> Acesso em: 07/01/2018.

TP MÍDIA. Imagens de tirinhas de Calvin. Disponível em: <<https://tpmidia.wordpress.com/2011/05/01/apos-16-anos-autor-de-calvin-e-haroldo-cria-arte-inedita/>> acesso em: 09/01/2018.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática**. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2009. 245 p.

UAREVA, Tirinha de Níquel Náusea. Disponível em: <<http://uareva.com/2010/08/tiras-animais.html>> Acesso em: 09/01/18.

VEJA. Neymar no PSG, a negociação mais cara da história. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/placar/neymar-no-psg-a-negociacao-mais-cara-da-historia/>> Acesso em: 09/01/18. (adaptado)

WESLEY SAFADÃO. Quem chorava hoje ri. Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/wesley-safadao/quem-chorava-hoje-ri-coracao-teimoso.html#print>> Acesso em: 09/01/18.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando as dificuldades encontradas na sala de aula com o trabalho referente à morfologia e à sintaxe, sentimos a necessidade de se criar um material que servisse de apoio ao estudo com o referido assunto. Desse modo, observando que a morfologia está ligada diretamente à sintaxe, optamos pela criação de um manual de apoio que tratasse da morfossintaxe do período simples.

Para a criação do referido manual, achamos necessário ter um bom aparato teórico e, para isso, vimos diversas obras concernentes aos estudos linguísticos, observando o que alguns autores consagrados revelavam sobre assuntos relativos à gramática e ao ensino de gramática na escola. Examinamos muitas concepções de gramática, observando a maneira como elas contemplavam o estudo sobre a linguagem. Com base nas concepções analisadas sobre gramática, consideramos importante entender quais seriam os objetivos das aulas de língua portuguesa para falantes de português. Com base nisso, compreendemos que ensinar língua portuguesa a brasileiro tem por objetivo desenvolver a competência comunicativa, ou seja, fazer com que o falante dessa língua adeque a sua linguagem a situação comunicativa.

No decorrer desse trabalho, fizemos um estudo sobre a morfologia, verificando o que tradicionalmente seriam as classes de palavras e os critérios que poderiam ser usados para diferenciar a classe nominal da função que a palavra poderia exercer. Constatamos que esse assunto ainda gera muitas dificuldades; que a classificação das palavras dependia do seu funcionamento na oração. Ainda sobre classe de palavras, no primeiro capítulo dessa dissertação, averiguamos algumas metodologias mais inovadoras de classificação e distribuição de palavras em classes, através de critérios que se diferenciavam bastante dos usados na gramática tradicional. Referente a essas maneiras diferentes de classificação, vimos, principalmente, Camara Jr, Ferrazi Jr e Perini.

Também abordamos a sintaxe, com o objetivo de entender o que é concebível como sintaxe em uma língua, bem como qual o objeto de estudo desse campo de conhecimento. No estudo sobre a sintaxe, verificamos conceitos referentes a sintagmas, frase, oração e período. Também demos atenção ao que se conhece por enunciado. Constatamos que enunciado se refere a uma construção linguística

carregada de intencionalidade, ou seja, dentro de um contexto comunicativo e com uma função social.

Analisamos o modo como é abordada a sintaxe na sala de aula, atentando para a necessidade de se ter bons critérios, que possam ser usados para uma boa classificação.

Observando o livro didático usado na escola a que se destina essa proposta de intervenção, verificamos alguns problemas relativos à distribuição de conteúdos gramaticais. Compreendemos que havia a necessidade de um material que pudesse vir a complementá-lo, por esse motivo, optamos pela criação de um manual de apoio sobre a morfossintaxe do período simples.

Entendemos que esse manual pode ser bastante útil para o professor que deseja um complemento ao que é visto no livro didático. Além disso, toda a parte teórica dessa dissertação traz informações importantes sobre concepções de gramática, morfologia e sintaxe. Informações que podem ajudá-lo a melhorar a maneira como lida diariamente com assuntos gramaticais.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Nilson Teixeira de. **Gramática completa para concursos e vestibulares**. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2009. 172 p.

AZEREDO, José Carlos de. **Iniciação à sintaxe do português**. 8. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000. 172 p. (Coleção Letras)

BASÍLIO, Margarida. **Teoria Lexical**. Disponível em: < http://www.fecra.edu.br/admin/arquivos/Margarida_Basilio_-_Teoria_Lexical.pdf >
Acesso em: 14 de março de 2016.

BASÍLIO, Margarida. **Formação e classes de palavras no português do Brasil**. São Paulo: Contexto, 2004.

BEZERRA, Maria Auxiliadora; REINALDO, Maria Augusta. **Análise linguística: afinal, a que se refere?** São Paulo: Cortez, 2013.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada: Edição Pastoral**. Tradução de Ivo Stoniolo, Euclides Martins Balancin e José Luiz Gonzaga do Prado. São Paulo: Paulus, 1990. Edição Pastoral.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC/ SEF, 1998.

CAMARA JR., Mattoso. **Estrutura da língua portuguesa**. 39. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. 124p.

CARONE, Flávia de Barros. **Morfossintaxe**. 2. Ed. São Paulo: Ática S.A., 1988.

DUARTE, Taiçara Farias Canêz; MIRANDA, Ana Ruth Moresco. **Um estudo sobre o conhecimento morfológico de um grupo de alunos de 5ª série**. Disponível em: < http://www.celsul.org.br/Encontros/08/conhecimento_morfologico.pdf >. Acesso em: 15 de março de 2016.

FERRAREZI JR., Celso. **Sintaxe para a educação básica**. São Paulo: Contexto, 2012.

FRANCHI, Carlos. **Mas o que é mesmo “gramática”?** São Paulo: Parábola, 2006. 151 p

FREITAG, Raquel Meister Ko.; DAMASCENO, Taysa Mércia dos Santos Souza. **Livro didático-gramática, leitura e ensino da língua portuguesa: contribuições para a prática docente**. São Cristóvão: Editora UFS, 2015. 125 p.

GONÇALVES, Carlos Alexandre. **Iniciação aos estudos morfológicos: flexão e derivação em português**. São Paulo: Contexto, 2011. 155p.

MACAMBIRA, José Rebouças. **A estrutura morfo-sintática do português: aplicação do estruturalismo linguístico**. 1. ed. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2001.

MARCUSCHI, L. A.; DIONÍSIO, A. P.(org.) **Fala e escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gênero e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. 296p.

MUSSIO, Simone. **Um olhar alteritário em Bakhtin: o estudo do enunciado como forma de diálogo**. *Soletras – revista do departamento de letras da FFP/UERJ*, Rio de Janeiro, n. 30, jul./dez. 2015. Disponível em: < <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/view/16522> >. Acesso em:07/dez./2017.

OLIVEIRA, Luciano Amaral. **Coisas que todo professor de português precisa saber: a teoria na prática**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010. 270 p

ORLANDI, Eni Puccinelli. **O que é linguística**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2013. 78 p. (Coleção Primeiros Passos; 184)

PEIXOTO FILHO, Fernando Vieira. **Morfossintaxe do Português**. Rio de Janeiro: Barra Livros, 2017. 176 p.

PERINI, Mário A. **Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2010.

PEREIRA, Camila Sequeto; BARROS, Fernanda Pinheiro; MARIZ, Luciana. **Universos: Língua Portuguesa, 8 ano: anos finais: ensino fundamental**. 3 ed. São Paulo: Edições SM, 2015.

POSSENTI, Sírio. **Malcomportadas línguas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009. 127p

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar. **Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**. 2Ed.Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul:Feevale,2013.

TAMBA, Irène. **A semântica**. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2006. 135 p.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação**: uma proposta para o ensino de gramática. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2009. 245 p.